Fúria

(Rage)

Stephen King
(Richard Bachman)

Sumário

Para Susan Artz e WGT

Assim, como vocês vêem, quando
aumentamos o número de variáveis,
os axiomas em si nunca mudam.

- SRA. JEAN UNDERWOOD

'Fessora, 'Fessora, toque a sineta, pro dia acabar,
Pois todas as lições vou lhe dizer,
E quando daqui me mandar,
Saberei mais do que devia saber.

- CANÇÃO INFANTIL, c. 1880

CAPÍTULO 1

A MANHÃ EM QUE PEGUEI AQUILO era bela; uma bela manhã de maio. O que a tornava bela era que não havia vomitado o café da manhã e o esquilo que descobri na Álgebra II.

Meu lugar era na fila mais longe da porta, que é a mais perto da janela, e vi o esquilo no gramado. O gramado da Escola Secundária Placerville é muito bom. Não é metido a besta. Chega até o prédio e diz oi. Ninguém, pelo menos nos meus quatro anos na ESP, tentou empurrá-lo para longe do prédio com um bocado de canteiros, pinheiros-anões ou esse tipo de besteira. Ele chega até a fundação de concreto e ali mesmo cresce, goste-se ou não. É verdade que há dois anos, em uma sessão na Câmara dos Vereadores, algum idiota propôs que se construísse um pavilhão em frente à escola, completo com um monumento em homenagem aos caras que estudaram na Placerville e depois morreram numa ou noutra guerra. Meu amigo Joe McKennedy esteve lá e disse que a coisa toda deu em nada. Eu gostaria de ter estado lá. Do jeito que Joe contou, a coisa pareceu bacana às pampas. Há dois anos. Tanto quanto consigo me lembrar, foi mais ou menos nessa ocasião que comecei a ficar pirado.

CAPÍTULO 2

DE MODO QUE ALI ESTAVA O ESQUILO, correndo pela grama às 9:05h da manhã, a menos de três metros do lugar onde eu escutava a sra. Underwood levando-nos de volta para os rudimentos da álgebra, em seguida a um exame horrível no qual aparentemente ninguém havia passado, com exceção de mim e Ted Jones. Eu estava de olho nele, pode ter certeza. No esquilo, não em Ted.

No quadro-negro, a sra. Underwood escreveu: a = 16.

- Srta. Cross - pediu ela, voltando-se para a classe -, diga-nos o que essa equação significa, se faz favor.

- Significa que a é igual a 16 - respondeu Sandra.

Enquanto isso o esquilo corria de um lado para o outro na grama, a cauda fofa alta, os olhos pretos brilhando como chumbo grosso para caça. Um bonito e gordo esquilo. O sr. Esquilo estivera conservando mais o café da manhã no estômago do que eu ultimamente, mas naquela manhã corria leve e fácil que era um gosto ver. Eu não estava com tremores nem acidez no estômago. Estava calmo.

- Muito bem - aprovou a sra. Underwood. - Nada mau. Mas isso não é tudo, é? Não. Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa sobre essa fascinante equação?

Ergui a mão, mas ela chamou Billy Sawyer.

- Oito mais oito - disse ele.

- Explique.

- Quero dizer, pode ser... - Billy mexeu-se, contrafeito. Passou os dedos sobre o grafite riscado a canivete no tampo da carteira: SM 1 DK, PORRETA, TOMMY '73. - A senhora vê, se a gente soma oito mais oito, isso significa...

- Quer que eu lhe empreste meu léxico? - perguntou a sra. Underwood sorrindo alerta.

O estômago começou a me doer um pouco, o café da manhã começou ase mexer um pouco, de modo que voltei a olhar por momento para o esquilo. O sorriso da sra. Underwood lembrou o tubarão no filme Tubarão.

Carol Granger levantou a mão. A sra. Underwood inclinou a cabeça.

- Ele não quer dizer que oito mais oito também satisfaz a necessidade de igualdade da

equação?

- Eu não sei o que ele quer dizer,- retrucou a sra. Underwood.

Risada geral.

- Você pode, de outras maneiras, satisfazer a necessidade de igualdade da equação, srta. Granger?

Carol começou a falar e foi nesse momento que o serviço de alto-falantes interno disse:

- Charles Decker, compareça à administração, por favor. Charles Decker. Obrigado.

Olhei para a sra. Underwood e ela inclinou a cabeça. Meu estômago começou a parecer encolhido e velho. Levantei-me e deixei a sala. Quando sai dali, o esquilo ainda corria rapidamente de um lado para o outro.

Eu me encontrava a meio caminho no corredor quando pensei ouvir a sra. Underwood vindo no meu encalço, as mãos erguidas transformadas em garras, sorrindo aquele seu grande sorriso de tubarão. Nós não precisamos de garotos como você por aqui... garotos de seu tipo devem estarem Greenmantle... ou no reformatório... ou no hospital estadual de psicopatas... de moda que, vá embora! Vá embora! Vá embora!.

Virei-me, procurando no bolso traseiro a chave de grifo que não estava mais lá e naquele momento o café da manhã era uma dura e quente bola dentro de meu estômago. Mas eu não estava com medo, nem mesmo quando ela não estava ali. Eu li livros demais.

CAPÍTULO 3

PAREI NO BANHEIRO PARA DAR UMA MIJADA e comer uns biscoitos Ritz. Sempre levo na mochila uns biscoitos Ritz. Quando o estômago da gente é ruim, uns biscoitos podem fazer maravilhas. Cem mil mulheres grávidas não podem estar enganadas. Eu estava pensando em Sandra Cross, cuja resposta na ciasse há alguns minutos não fora nada má, mas também não dissera tudo. Eu estava pensando na maneira como ela perdia botões. Estava sempre perdendo-os e caindo de blusas, caindo de saias, e na única vez em que eu a levara à dança da escola ela perdera o botão do alto dos jeans Wranglers e ela quase havia caído também. Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, o fecho em frente descera pela metade, mostrando um V de calcinha branca lisa que era escuramente excitante. A calcinha era apertada, branca e imaculada. Sem uma mancha. Envolvia-lhe o baixo ventre com uma doce intimidade e fazia ondinhas quando ela movia o corpo ao som da música... até que ela viu o que estava acontecendo e correu para o banheiro das moças. Deixando-me com a recordação da Calcinha Perfeita. Sandra era uma Boa Moça e se eu nunca houvesse sabido disso antes, Deus sabia que eu sabia nesse momento, porque todos nós sabemos que Boas Moças usam calcinhas brancas. Nada daquela merda de Nova York tem vez em Placerville, Maine.

O sr. Detiver, porém, continuava a intrometer-se, empurrando para longe Sandra e sua calcinha virginal. A gente não pode parar a mente, a droga da coisa continua simplesmente a se meter. Não obstante, eu sentia uma grande simpatia por Sandy, mesmo que ela nunca fosse saber o que era uma equação do segundo grau. Se o sr. Denver e o sr. Grace resolvessem me mandar para Greemnantle, eu talvez nunca mais visse Sandy. E isso seria uma pena danada.

Levantei-me do vaso, joguei dentro as migalhas do biscoito que haviam caído na roupa e dei descarga. Todos os sanitários de escola secundária são iguais: parecem um jato 747 decolando. Sempre odiei apertar aquele betão. Deixava a gente certo de que o som era ouvido claramente na sala de aula contígua e que todo mundo pensava: lá vai outra carga de bosta. Sempre achei que um homem devia ficar a sós com o que minha mãe insistia em chamar de limonada e chocolate quando eu era pequeno. O banheiro devi-ser um lugar como o confessionário. Mas eles nos derrotam. Sempre nos derrotam. A gente não pode nem mesmo assoar o nariz e conservar isso em segredo. Alguém tem sempre que saber, alguém tem sempre que espreitar. Gente como o sr. Detiver e o sr. Grace são até pagos por isso.

Mas nesse momento a porta do banheiro estava se fechando com um chiado atrás de mim e eu me encontrava novamente no corredor. Parei e olhei em volta. O único som era o zumbido sonolento de colméia que significa que é novamente quarta-feira, manhã de quarta-feira, 9:10h, todo mundo preso para passar outro dia na esplêndida e pegajosa rede de Mãe Educação.

Voltei ao banheiro e peguei a minha Flair. Eu ia escrever alguma coisa espirituosa na parede, como SANDRA CROSS USA CALCINHA BRANCA, mas nesse momento vi meu rosto no espelho. Vi machucadas meias-luas sob os olhos, que pareciam grandes, brancos e fixos. As narinas estavam meio dilatadas e eram feias. A boca era uma linha branca, contorcida.

Escrevi VÁ COMER MERDA na parede até que a caneta quebrou-se de repente em meus dedos tensos. Deixei-a cair no chão e dei-lhe um pontapé.

Ouvi um som às minhas costas. Não me virei. Fechei os olhos e respirei devagar e profundamente até recuperar o controle. Depois, subi.

CAPÍTULO 4

OS ESCRITÓRIOS DA ADMINISTRAÇÃO da Escola Secundária Placerville ficam no 3º andar, juntamente com a sala de estudos, a biblioteca, e a Sala 300, que é onde ficam as datilógrafas. Quando a gente empurra a porta da escada, a primeira coisa que ouvimos é o crepitar ininterrupto das máquinas de escrever. A única ocasião em que o ruído pára é quando a sineta muda as classes ou quando a sra. Green tem alguma coisa para dizer. Acho que ela em geral não diz muita coisa porque as máquinas de escrever raramente param. Há 30 delas ali, um pelotão curtido de guerra de cinzentas Underwoods. São marcadas com números, de modo que a gente sabe qual é a nossa. O som nunca pára, de setembro a junho. Eu sempre associo aquele som com a espera na ante-sala pelo sr. Denver ou o sr. Grace, a dupla original de alcoólatras. A coisa é muito parecida com aqueles filmes de selva em que o herói e seu safári estão penetrando profundamente na mais negra África e o herói diz: "Por que é que não param esses malditos tambores?" E quando os malditos tambores param, ele olha para a folhagem escura e ciciante e diz: "Não gosto disso. É silêncio demais."

Eu havia chegado tarde ao gabinete para que o sr. Denver estivesse pronto para me receber, mas a recepcionista, srta. Marble, apenas sorriu e disse:

- Sente-se Charlie. O sr. Denver vai atendê-lo logo.

De modo que me sentei no outro lado da divisória de taliscas, cruzei as mãos e esperei que o sr. Denver me atendesse logo. E quem deveria estar na cadeira, senão um dos bons amigos de meu pai, Al Lathrop. Ele estava me dirigindo aquele velho olhar esquisito, isso posso dizer. Tinha no colo uma pasta de documentos e, ao lado, um bocado de livros-texto de amostra. Eu nunca o vira antes usando terno. Ele e meu pai formavam uma dupla de destemidos caçadores. Matadores de veadinhos de pavorosos dentes afiados e de perdizes-assassinas. Eu estivera uma vez numa caçada com meu pai, Al e dois outros amigos de meu pai. Parte da campanha interminável de meu pai de Fazer de Meu Filho um Homem.

- Oi, você aí! - disse eu, e dirigi-lhe um sorriso sacana.

Tive certeza pela maneira como ele saltou na cadeira que sabia tudo a meu respeito.

- Humm, oi, humm, Charlie.

Olhou rapidamente para a srta. Marble, mas ela estava examinando uma lista de freqüência em companhia da sra. Venson, da porta ao lado. Nenhuma ajuda ali. Ele estava sozinho com o filho psicótico de Carl Decker, o cara que quase matara o professor de física e de química.

- Visita de negócios, ahn? - perguntei.

- É, é mesmo. - Ele sorriu, o melhor que pôde. - Simplesmente vendendo os velhos livros.

- Arrasando a concorrência, alui?

Ele saltou novamente.

- Bem, a gente ganha umas vezes, perde outras, você sabe como é, Charlie.

Sim, eu sabia como era. De repente, não quis mais enfiar a agulha nele. Ele tinha uns quarenta anos, estava ficando careca e havia bolsas de crocodilos sob seus olhos. Andava de escola em escola numa perua Buick carregada de livros-texto e, todos os anos, em novembro, ia caçar durante uma semana em companhia de meu pai e dos amigos de meu pai, lá pelas bandas de Allagasth. E em certo ano eu fora com eles. Eu tinha nove anos, acordei, eles haviam estado bebendo e fiquei com medo. Só isso. Mas aquele homem não era nenhum ogro. Era simplesmente um quarentão que estava ficando careca e tentava ganhar um dinheirinho. E se eu o tivesse ouvido dizer que ia matar a esposa, eu acharia que aquilo era simplesmente conversa. Afinal de contas, era eu que estava com as mãos tintas de sangue.

Mas não gostei da maneira como os olhos dele saltavam de um lado para o outro e, durante um momento - apenas um momento - eu poderia ter agarrado seu pescoço com as mãos, puxado o rosto dele para junto de mim e gritado: Você, meu pai e todos seus amigos, vocês todos deviam ir para o comigo, vocês todos deviam ir para Greenmantle comigo, porque vocês todos estão nisso, vocês todos estão nisso, vocês todos são parte disso.

Mas, ao contrário, continuei sentado no meu lugar, vendo-o suar e pensei nos velhos tempos.

CAPÍTULO 5

ACORDEI COM UM ABALO DE UM PESADELO que não tinha há muito tempo: um sonho em que eu estava em um escuro beco sem saída e alguma coisa vinha me pegar, um monstro escuro, encurvado, que estalava e se arrastava... um monstro que me deixaria louco se eu o visse. Sonho ruim. Nunca mais o tivera desde que era um menininho e naquele momento eu era um menino grande. De nove anos de idade.

No princípio, não soube onde estava, exceto que, com certeza, não estava no meu quarto, em casa. O lugar parecia apertado demais e o cheiro era diferente. Eu sentia frio e câimbras e precisava mijar com urgência.

Ouvi uma áspera explosão de riso que me fez saltar na cama - exceto que não era uma cama, era um saco.

- De modo que ela tem algum tipo de saco fodido - disse Al Lathrop, do outro lado da parede de lona -, e fodido é a palavra aplicável aqui.

Acampando. Eu estava acampando com papai e os amigos dele. Não tinha vindo por minha vontade.

- Tudo bem, mas como é que você faz pra seu pau endurecer, Al? Era isso que eu queria saber.

Quem falava era Scotty Norwiss, outro dos amigos de papai. Falava em voz arrastada e embolada e comecei a sentir medo outra vez. Eles estavam bêbados.

- Eu simplesmente desligo as luzes e finjo que estou com a mulher de Carl Decker - explicou Al e houve outro mugido de risos que me fez encolher todo e me sacudir no saco de dormir.

Oh, Deus, eu precisava mijar, fazer limonada, o que quer que quisessem chamar a isso. Mas não queria ir lá fora enquanto eles estivessem bebendo e conversando.

Virei-me para a parede da tenda e descobri que podia vê-los. Eles estavam entre a tenda e a fogueira do acampamento e suas sombras, altas e de aparência estranha, eram lançadas em cima da lona. Aquilo era como assistir a um espetáculo de lanterna mágica. Observei a garrafa-sombra passar de uma mão-sombra para outra.

- Sabe o que é que eu faria se flagrasse você com minha mulher? - papai perguntou a Al.

- Provavelmente, ia perguntar se eu precisava de ajuda - retrucou Al, e houve outra explosão de risos.

As longas cabeças-sombras na parede da tenda subiram e desceram, para a frente

e para trás, com um júbilo de insetos. Eles não se pareciam absolutamente com gente. Pareciam com um bando de louva-adeus conversando e fiquei com medo.

- Não, falando sério - disse papai. - Falando sério. Vocês sabem o que eu faria se flagrasse alguém com minha mulher?

- O quê, Carl?

Era Randy Earl quem falava.

- Está vendo isso?

Uma nova sombra apareceu na lona. A faca de caça de meu pai, a que ele usava na mata, a faca com que eu o vira estripar um cervo, enfiando-a na barriga do animal até o cabo e puxando para cima, os músculos de seu antebraço engrossando, derramando intestinos verdes e fumegantes no tapete de agulhas de pinheiro e musgo. A luz do fogo e o ângulo da lona transformaram a faca de caça em uma lança.

- Está vendo esta filha da puta? Se eu pegasse alguém com minha mulher, eu o viraria de cestas e cortaria seus acessórios.

- E ele ia mijar sentado o resto da vida, certo, Carl?

Quem falava era Hubie Levesque, o guia. Puxei os joelhos para o peito e abracei-os. Nunca havia sentido tanta necessidade de ir ao banheiro em toda minha vida, antes ou desde então.

- Você tem toda razão - confirmou Carl Decker, meu papai que era prata pura.

- E o que era que ia acontecer à mulher no caso, Carl? - perguntou Al Lathrop. Ele estava muito bêbado. Eu podia mesmo saber qual daquelas sombras era a sua. Ele oscilava para a frente e para trás como se estivesse num barco a remo, e não em cima de uma tora junto à fogueira do acampamento. - Era isso o que eu queria saber. O que era que você ia fazer com uma mulher que... deixasse... alguém entrar pela porta dos fundos? Ahn?

A faca de caça que se transformara em lança moveu-se devagar para a frente e para trás. Meu pai respondeu:

- Os cherokees tinham o costume de abrir ao meio o nariz da mulher. A idéia era botar uma xoxota bem no meio da cara delas, de modo que todo mundo na tribo visse o que era que as havia metido em encrenca.

Minhas mãos deixaram os joelhos e desceram para a virilha. Envolvi com elas os testículos e olhei para a sombra da faca de caça de meu pai movendo-se devagar de um lado para o outro. Senti câimbras horríveis na barriga. Eu ia mijar no saco de dormir se

não andasse depressa e saísse dali.

- Abrir o nariz delas, ahn? - comentou Randy. - Danado de bom, isso. Se ainda fizessem essa coisa, metade das mulheres em Placerville teria uma xoxota em cada extremidade.

- Não minha mulher-- disse meu pai em voz muito mansa, e nesse momento o arrastar de sua voz desaparecera e o riso provocado peia piada de Randy parou no meio.

- Não, claro que não, Carl - disse embaraçado Randy. - Hei, merda. Tome um gole.

A sombra de meu pai virou a garrafa para trás.

- Eu não abriria o nariz dela - resolveu Al Lathrop. - Eu arrancaria com um tiro a cabeça de traiçoeira dela.

- Falou e disse - concordou Hubie. - Vou beber a isso.

Não consegui agüentar mais. Saí me contorcendo do saco de dormir e senti o frio de outubro picar-me o corpo, que estava nu, salvo pela cueca. Parecia que meu peru queria, de tão encolhido, entrar pelo corpo. E a única coisa que continuava a dar voltas em minha cabeça - eu estava ainda meio adormecido, acho, e toda aquela conversa parecera um sonho, talvez uma continuação do monstro que rangia, lá no beco - era que quando eu era menor, costumava ir para a cama de mamãe, depois que papai vestia o uniforme e Ia para o trabalho em Portland, eu costumava dormir ao lado dela durante uma hora, antes do café da manhã.

Escuridão, medo, luz de fogueira, louva-adeus. Eu não queria estar naquela mata, a 130km da cidade mais próxima, em companhia daqueles homens bêbados. Eu queria minha mãe.

Passei pelo flape da tenda e meu pai virou-se para mim, a faca de caça ainda na mão. Olhou para mim e eu olhei para ele. Nunca me esqueci disso, meu pai com a barba ruiva por fazer e a faca de caça na mão, o boné de caçador inclinado na cabeça. Toda conversa parou. Talvez eles estivessem se perguntando o quanto eu ouvira da conversa. Talvez estivessem envergonhados.

- O que diabo é que você quer? - perguntou papai, enfiando a faca na bainha.

- Dê um gole a ele, Carl - sugeriu Randy e houve uma explosão de risos.

Al riu tanto que caiu. Estava muito bêbado.

- Preciso mijar- respondi.

- Então, faça isso, pelo amor de Deus - respondeu meu pai.

Fui até um grupo de árvores e tentei mijar. Durante muito tempo, nada da urina sair. A urina era como uma bola macia de chumbo em meu baixo-ventre. Eu não tinha nada mais que um pênis do tamanho de uma unha - o frio o havia realmente encolhido.

Finalmente, a urina veio, em uma grande e fumacenta inundação e, quando acabei, voltei à tenda e me enfiei no saco de dormir. Nenhum deles olhou para mim. Estavam conversando sobre a guerra.

Meu pai pegou seu cervo três dias depois, no último dia da viagem. Eu estava com ele na ocasião. Acertou-o com perfeição, na massa de músculos entre o pescoço e o ombro e o bicho caiu como uma saco, toda graça desaparecida,

Aproximamo-nos. Meu pai sorria, feliz. Sacara a faca da bainha. Eu sabia o que ia acontecer, eu sabia que ia vomitar, não podia evitar. Ele plantou um pé de cada lado do cervo, puxou uma das pernas do animal para trás e enfiou a faca. Um rápido puxão para cima e as entranhas derramaram-se sobre o chão da floresta. Virei-me e vomitei o café da manhã.

Quando me virei, ele me fitava. Não disse nada, mas vi o desprezo e o desapontamento em seus olhos. Eu os vira antes, com muita freqüência. Eu também nada disse. Mas se tivesse podido falar, eu teria dito; Não é o que você pensa.

Essa foi a primeira e última vez em que saí para caçar com papai.

CAPÍTULO 6

AL LATHROP CONTINUAVA A FOLHEAR suas amostras de livro-texto e fingia estar ocupado demais para falar comigo, quando tocou o telefone interno na mesa da sita. Marble. Ela sorriu para mim como se compartilhássemos de um grande e sexy segredo:

- Pode entrar agora, Charlie.

Levantei-me.

- Venda esses livros, Al.

Ele me dirigiu um rápido e insincero sorriso.

- Claro que vou vender. Charlie.

Cruzei a porta da divisória e passei entre o grande cofre embutido na parede, à direita, e a mesa atravancada da srta. Marble, à esquerda. Bem à frente ficava a porta, com um painel de vidro fosco. No vidro, as palavras: THOMAS DENVER, DIRETOR. Entrei.

O sr. Denver estava examinando o A Corneta, o jornalismo da escola. Era um homem alto, cadavérico, meio parecido com John Carradine. Careca e magro. Possuía mãos compridas e cheias de nós. Baixara a gravata e desabotoara a última casa da camisa. A pele da garganta parecia acinzentada e Irritada por barbear-se demais.

- Sente-se, Charlie.

Sentei-me e cruzei as mãos. Sou um grande cruzador de mãos. Isso é um macete que aprendi com meu pai. Pela janela que ficava atrás do sr. Denver eu podia ver o gramado, mas não a maneira corajosa como ele crescia até junto do prédio. Nesse momento eu me encontrava em lugar alto demais e isso era uma pena. Ver o gramado poderia ter ajudado, como uma luz de noite quando somos pequenos.

O sr. Denver pôs o A Corneta de lado e inclinou-se para trás na cadeira.

- Meio difícil a gente ter que conversar assim, não? - grunhiu o sr. Denver.

O sr. Denver era uma grunhidor de primeira classe. Se houvesse um Campeonato Nacional de Grunhidores, eu apostaria todo meu dinheiro no sr. Denver. Afastei os cabelos de cima dos olhos.

Havia uma foto da família do sr. Denver na mesa, que era ainda mais atravancada do

que a da srta. Marble. A família parecia bem-alimentada e bem-ajustada. A mulher era uma tanto porcina, mas as duas crianças eram umas gracinhas e não se pareciam em nada com John Carradine. Duas meninas, ambas louras.

- Don Grace terminou seu relatório, estou com ele desde a última quinta-feira,

estudando-lhe as conclusões e recomendações com todo cuidado. Todos nós compreendemos a gravidade deste assunto e tomei a liberdade de discutir toda a situação também com John Carlson.

- Como está ele? - perguntei.

- Muito bem. Voltará dentro de um mês, acho.

- Bem, é bom ouvir isso.

- É?

Piscou para mim com grande rapidez, do jeito que os lagartos fazem.

- Eu não o matei. É bom ouvir isso.

- Sim. - O sr. Denver fitou-me diretamente. - Gostaria de tê-lo matado?

- Não.

Ele inclinou-se para a frente, puxou a cadeira para a escrivaninha, sacudiu a cabeça, fitou-me, e começou:

- Eu fico muito confuso quando tenho que falar da maneira como vou falar com você, Charlie. Confuso e triste. Trabalho em educação de crianças desde 1947 e ainda não posso compreender essas coisas. Sei que o que tenho que lhe dizer é correto e necessário, mas isso também me entristece. Porque não consigo ainda compreender por que uma coisa como essa acontece. Em 1959, tivemos aqui um garoto muito inteligente que machucou gravemente com um bastão de beisebol uma garota do primeiro grau. No fim, tivemos que enviá-lo para o Instituto Correcional de South Portland. Tudo o que ele pôde dizer foi que ela não iria com ele. Depois, ele sorria.

O sr. Denver meneou a cabeça.

- Não se incomode.

- O quê?

- Não se incomode, tentando compreender. Não perca o sono por isso.

- Mas, por quê, Charlie? Por que foi que você fez aquilo? Meu Deus, ele ficou numa mesa de operações durante quase quatro horas...

- O porquê é a pergunta do sr. Grace - respondi. - Ele é o psiquiatra da escola. O senhor, o senhor pergunta apenas porque isso serve de uma boa introdução para seu sermão. Eu não quero ouvir mais sermões. Eles não significam merda nenhuma para mim. Acabou. Ele ia viver ou morrer. Viveu. Estou satisfeito. Faça o que tem a fazer. O que o senhor e sr. Grace resolveram fazer. Mas não tente me compreender.

- Charlie, compreender faz parte de meu trabalho.

- Mas ajudar o senhor a fazer seu trabalho não faz parte do meu - retruquei. Assim, vou lhe dizer uma coisa. Como uma espécie de ajuda para abrir as linhas de comunicação, okay?

- Okay.

Apertei com força as mãos no colo. Elas estavam tremendo.

- Estou cheio do senhor, do sr. Grace e do resto de todos vocês. Antes vocês me deixavam assustado, ainda me deixam assustado, mas agora me põem cansado, também, e eu resolvi que não tenho que tolerar isso. Do jeito que sou, não posso tolerar isso. O que o senhor pensa não tem a menor importância para mim. O senhor não é pessoa qualificada para tratar comigo. De modo que, simplesmente, desista. Estou lhe dando um aviso. O senhor não é qualificado.

Minha voz subira para um quase grito trêmulo.

O sr. Denver suspirou.

- Você pode pensar isso, Charlie, mas as leis do estado dizem outra coisa. Depois de ter lido o relatório do sr. Grace, acho que concordo com ele em que você não compreende a si mesmo nem as conseqüências do que fez na sala de aula do sr. Carlson. Você está perturbado, Charlie.

Você está perturbado, Charlie.

Os cherokees costumavam fender ao meio o nariz delas... de modo que todos na tribo pudessem ver a que as havia metido em encrenca.

As palavras ecoaram esverdeadas em minha cabeça, como se estivessem a grandes profundidades. Eram palavras-tubarões, a muitas braças de profundidade, palavras-bocarras que vinham me engolir. Palavras com dentes e olhos.

Foi nesse ponto que o meu pau começou a endurecer. Eu sabia porque a mesma coisa que aconteceu pouco antes de eu atacar o sr. Carlson estava acontecendo naquele momento. Minhas mãos deixaram de tremer. Os espasmos no. estômago pararam e senti toda a parte média do corpo fria e calma. Senti-me desligado, não só do sr. Denver e de seu pescoço excessivamente barbeado, mas de mim mesmo. Eu quase que podia flutuar.

O sr. Denver continuara a falar, dizendo alguma coisa sobre aconselhamento e tratamento psiquiátrico, mas interrompi-o:

- Homem, o senhor pode ir direto pro inferno.

Ele parou è pôs de lado o papel que estivera olhando para não ter que olhar para mim. Alguma coisa de minha pasta escolar, sem dúvida. O Grande Arquivo Americano.

- O quê? - disse ele.

- No inferno. Não julgue, para não ser julgado. Algum caso de loucura em sua família, sr. Denver.

- Eu vou discutir este assunto com você, Charlie - respondeu ele secamente. Não vou participar...

- ... de práticas sexuais imorais - terminei eu a frase para ele. - Apenas o senhor e eu, certo? O primeiro a masturbar o outro e fazê-lo gozar ganha o Prêmio Putnam de Boa Camaradagem. Encha a mão, companheiro. Chame o sr. Grace, isso vai ser ainda melhor. A gente forma um circulo de punheteiros.

- O quê...

- Não entendeu a insinuação? O senhor tem que puxar o pau pra fora em alguma ocasião, certo? Todo mundo tem que gozar, todo mundo tem que ter alguém pra masturbar. O senhor já se nomeou juiz do que É Certo para Mim. Demônios. Possessão demoníaca. Por que bati naquela menina com aquele bastão de beisebol. Lascividade, lascividade? O demônio me obrigou a fazer isso e sinto tanto. Por que não reconhece isso? Você fica excitado em vender minha carne. Eu sou a melhor coisa que lhe aconteceu desde 1959.

Ele me olhava, boquiaberto. Eu o tinha pendurado pelos pentelhos, sabia disso, e estava selvagemente orgulhoso. Por uma lado, ele queria me conciliar, não me provocar, porque, afinal de contas, não é isso o que se faz com pessoas perturbadas? Por outro, ele estava no ramo de educar crianças, como se dissera pouco antes, e a Regra Número Um nesse ramo é "Não Deixe que Eles Montem em Você" - seja rápido na ordem e mais ligeiro ainda na réplica.

- Charlie...

- Não se incomode. Estou tentando lhe dizer que estou cansado de ser masturbado. Seja um homem, pelo amor de Deus, sr. Denver. E se não pode ser um homem, pelo menos arrie a calça e seja um diretor.

- Cale a boca - grunhiu ele. O rosto dele tornara-se vermelho brilhante. - Você simplesmente tem uma sorte danada em morar num estado progressista e estar matriculado em uma escola progressista, rapaz. Sabe onde, se não fosse assim, você estaria? Em um reformatório, em algum lugar cumprindo pena por crime sexual. E, de qualquer maneira, não tenho certeza de que esse não seja o lugar certo para você. Você...

- Obrigado - disse eu.

Ele me fixou, os furiosos olhos azuis grudados nos meus.

- Por ter me tratado como um ser humano, mesmo que eu tivesse que provocá-lo para que fizesse isso. Isso é um verdadeiro progresso. - Cruzei as pernas, mostrando indiferença. - Quer conversar sobre as farras que fazia com menininhas enquanto esteve na Grande Universidade aprendendo o negócio de educar crianças?

- Sua boca é suja - disse ele lentamente. - E sua mente, também.

Foda-se - disse eu, e ri dele.

Ele adquiriu uma tonalidade ainda mais escura de escarlate e levantou-se. Estendeu o braço por cima da mesa, lentamente, como se o braço precisasse de lubrificação, e agarrou o ombro de minha camisa com a mão.

- Demonstre algum respeito - disse ele. Ele havia realmente perdido a calma, a compostura e nem se deu mesmo ao trabalho de usar aquele grunhido de primeira classe. - Seu safadinho ordinário, mostre algum respeito.

- Eu poderia lhe mostrar minha bunda, para o senhor beijar- respondi. - Vamos, conte a respeito daquelas farras com as meninas. O senhor vai se sentir melhor. Joguem a calcinha para nós! Joguem a calcinha para nós!

Ele me soltou mas conservou a mão longe do próprio corpo, como se um cão raivoso houvesse acabado de mordê-la.

- Saia - disse ele em voz rouca. - Pegue seus livros, devolva-os à escola e depois vá embora. Sua expulsão e transferência para a Academia de Greenmantle entram em vigor na segunda-feira. Vou falar com seus pais ao telefone. Agora, saia. Não quero ter que olhar para você.

Levantei-me, desabotoei os dois botões de baixo da camisa, puxei a fralda da camisa para um lado e abri a braguilha. Abri violentamente a porta e entrei cambaleando na ante-sala. A srta. Marble eAl Lathrop estavam conferenciando à mesa dela. Ergueram a vista e se encolheram quando me viram. Obviamente haviam estado jogando o grande jogo de salão americano, o Nós Não Estamos Realmente Escutando-os, Estamos?

- É melhor vocês irem ajudá-lo - disse eu, arquejante. - Nós estávamos lá conversando sobre farras com menininhas quando ele, de repente, saltou por cima da mesa e tentou me estuprar.

Eu o fizera perder o rebolado, e que não era façanha irrisória, considerando-se que ele estava há 29 anos nesse negócio de educar crianças e provavelmente a apenas dez do dia em que iria receber sua chave de ouro para o cagatório do térreo. Ele mergulhou na minha direção pela porta. Agilmente, afastei-me e ele ficou ali parecendo furioso, tolo e culpado, tudo ao mesmo tempo.

- Chame alguém para cuidar dele - disse eu. - Ele vai ficar bonzinho depois que conseguir se livrar disso. - Olhei para o sr. Denver, pisquei, e murmurei: - Joguem-nos as calcinhas, certo?

Depois, cruzei a divisória e saí lentamente do escritório, abotoando a camisa, enfiando-a nas calças e fechando a braguilha. Houve tempo de sobra para ele dizer alguma coisa, mas ele não disse nada.

Foi aí que a coisa ficou realmente maravilhosa porque, de repente, tive certeza de que ele não podia dizer coisa nenhuma. Ele era o maior anunciando pelo alto-falante a refeição quente do dia, mas aquilo era uma coisa diferente - alegremente diferente. Eu o havia confrontado exatamente com aquilo que ele dissera que era meu problema, e ele não conseguira ficar a altura disso. Talvez ele esperasse que nós sorríssemos, apertássemos a. mão e eu concluísse meus sete semestres e meio na Escola Secundária de Placerville com uma crítica literária do A Corneta. Mas a despeito de tudo, do sr. Carlson e de todo o resto, ele realmente não esperara qualquer ato irracional. Essas coisas eram reservados para o banheiro, feitas juntamente com aquelas revistas pornográficas que o cara nunca mostra à esposa. Ele continuava de pé ali, cordas vocais imobilizadas, sem uma única palavra na mente para dizer. Nenhum dos seus professores de Maneiras de Tratar Crianças Perturbadas, EdB-211, jamais lhe dissera que ele poderia algum dia ter que lidar com um alieno que o atacaria no nível pessoal.

Mas, logo, ele ia ficar furioso. E isso o tornaria perigoso. Quem sabia isso melhor do que eu? Eu ia ter que me proteger. Eu estava pronto, e estivera desde que chegara à conclusão de que pessoas poderiam - simplesmente poderiam, notem bem andar me seguindo por ai, procurando descobrir o que eu fazia.

Eu lhe dera todas as oportunidades.

Ficara à espera dele, para que me atacasse e agarrasse, o caminho todo até a escada. Eu não queria salvação. Eu ou passara daquele ponto ou nunca chegara a ele. Tudo o que eu queria era reconhecimento... ou, talvez, que alguém desenhasse um circulo amarelo de peste em volta de meus pés.

Ele não saiu.

E quando não saiu, fui em frente e me masturbei.

CAPÍTULO 7

DESCI A ESCADA ASSOVIANDO. Sentia-me maravilhosamente bem. Às vezes, as coisas acontecem dessa maneira. Quando tudo está numa pior, a mente da gente joga tudo na lata de lixo e segue para a Flórida para passar uns tempos. Ocorre um súbito brilho elétrico, do tipo vá-tudo-pro-inferno enquanto você olha para trás por cima do ombro para a ponte que acaba de queimar.

Uma garota que eu não conhecia passou por mim no passadiço do segundo andar, uma moça feia, de espinhas, usando enormes óculos de aro de osso e levando um bocado de livros desses usados por secretárias. Obedecendo a um impulso, virei sobre mim mesmo e olhei para ela. Sim, sim, de costas ela poderia ter sido Miss América. Era maravilhoso.

CAPÍTULO 8

O CORREDOR DO PRIMEIRO ANDAR estava deserto. Nem uma única alma indo ou vindo. O único som era o zumbido de colméia, o som que torna iguais todas as escolas, modernas e com paredes de vidro ou antigas e fedendo a cera de assoalho. Os armários estendiam-se como silenciosas fileiras de sentinelas, com um claro aqui e ali para dar lugar a um bebedouro ou a uma porta de saia de aula.

As aulas de Álgebra 11 eram dadas na Sala 16, mas meu armário ficava do outro lado do corredor. Fui até lá e olhei-o.

Meu armário. Dizia isso: CHARLES DECKER, escrito com cuidado, com minha letra, no papel Contacto fornecido pela escola. Todos os meses de setembro, durante o primeiro período, eram distribuídas as etiquetas em branco em papel Contacto. Escrevíamos nosso nome com todo cuidado e no intervalo de dois minutos entre a chamada e a primeira aula do ano, colávamos a etiqueta. O ritual era tão antigo e sagrado como a Primeira Comunhão. No primeiro dia de meu primeiro ano na escola, Joe McKennedy aproximou-se de mim no corredor cheio de gente, com sua etiqueta Contacto pregada na testa e um grande sorriso idiota pregado na boca. Centenas de calouros horrorizados, todos com um pequeno crachá amarelo com o nome pregado na camisa ou blusa, viraram-se para olhar para esse sacrilégio. Eu quase estourei os colhões de rir. Claro que ele ficou de castigo por isso, mas aquilo valeu o dia para mim. Quando me lembro daquilo, acho que valeu o ano para mim.

E ali estava eu, bem entre ROSANNE DEBBINS e CARLA DENCH, que se banhavam em águas de rosas todas as manhãs, o que não ajudara em nada em manter meu café da manhã no lugar onde devia, no último semestre.

Ah, mas tudo aquilo nesse momento eram coisas do passado para mim.

Armário cinzento, 1,60m de altura, fechado a cadeado. Os cadeados eram distribuídos no começo do ano, juntamente com as etiquetas Contacto. Titus, anunciava-se o próprio cadeado. Feche-me, abra-me. Eu sou Titus, o Cadeado útil.

- Titus, seu vento safado - murmurei. - Titus, seu velho baixa pau.

Estendi a mão para Titus e me pareceu que a mão se estendia por mil quilômetros, uma mão na extremidade de um braço plástico que se alongava indolor e sem sensação. A superfície numerada da cara preta de Titus olhava para mim sem expressão, não condenando, mas certamente não aprovando, não, isso não, e fechei os olhos por um momento. Meu corpo se estirou num estremecimento, puxado por mãos invisíveis, involuntárias, contrárias.

Quando abri novamente os olhos, Titus estava em meu poder. O abismo se fechara.

As combinações dos cadeados de escola secundária são simples. A minha era seis para a esquerda, trinta para a direita, e dois de volta a zero. Titus era mais conhecido pela força do que pelo intelecto. O cadeado deu um estalido e estava em minha mão. Apertei-o com força, mas nenhum movimento fazendo para abrir a porta do armário.

Corredor acima, o sr. Johnson dizia nesse momento:

- "... e os hessianos, que eram soldados mercenários, não sentiam nenhuma grande ânsia de lutar, especialmente no interior, onde as oportunidades de saque, acima do salário combinado..."

- Hessianos - murmurei para Titus.

Levei-o para a primeira lata de lixo e joguei-o lá. Ele me olhou inocentemente do fundo, do meio de um lixo de folhas com deveres de casa e velhos sacos de sanduíche.

- "... mas lembrem-se de que os hessianos, tanto quanto sabia o Exército Continental, eram formidáveis máquinas de matar alemães..."

Abaixei-o, peguei-o de volta na lata e coloquei-o no bolso do peito, onde ele fez um volume do tamanho de uma carteira de cigarros.

- Não esqueça isso, Titus, sua velha máquina de matar - disse eu, e voltei ao armário.

Abri-o. Amarrotado numa bola suada, no fundo, estava meu velho uniforme de ginástica, velhas sacolas de almoço, papel de embrulhar balas, um sabugo de maçã de um mês de idade que estava amarelando lindamente, e um par de sapatos de tênis preto, bichado. Minha jaqueta de náilon vermelha pendia do gancho de roupa. A prateleira em cima guardava meus livros-texto, todos menos Álgebra 11. Educação Moral e Cívica, Governo Americano, Histórias e Fábulas Francesas, e Saúde, aquele ótimo e sério curso do segundo grau, um livro vermelho, moderno, com um garoto e uma garota de escola secundária na capa e uma seção sobre doenças venéreas cortada do texto com toda perfeição de acordo com votação unânime da Comissão Diretora. Comecei a tirá-los, o livro sobre saúde à frente, vendido à escola por ninguém mais que o bom e velho A1 Lathrop, esperava, e confiava. Tirei-o, abri-o mais ou menos entre "Os Tijolos da Nutrição" e "Regras de Natação, Divertimento e Segurança", e rasguei-o em dois. O livro se desfez fácil, fácil. Todos eles se rasgaram fácil, com exceção do Educação Moral e Cívica, um velho e resistente Silver Burdett, impresso em 1946. Joguei todos os pedaços no fundo do armário. A única coisa que ficou na prateleira foi minha régua de cálculo, que parti em duas, uma foto de Raquel Welch colada na parede do fundo (deixei-a onde estava), e a caixa de cartuchos que estava escondida atrás dos livros.

Peguei-a e examinei-a. Originariamente, a caixa fora embalagem de cartuchos Winchester calibre .22, long-rifle, mas não era mais. Eu colocara nela outros cartuchos, os que tirara da gaveta da mesa no gabinete de meu pai. No gabinete de meu pai há uma cabeça empalhada de cervo, que me fitou com olhos de vidro vivos demais quando tirei os cartuchos e a pistola, mas não deixei que isso me incomodasse. Não era a velha

pistola que ele levara naquela caçada quando eu tinha nove anos de idade. A pistola estivera em outra gaveta, atrás de uma caixa de envelopes comerciais. Eu duvidara que ele sequer se lembrasse que a arma continuava ali. E, na verdade, não estava, não mais. Naquele momento estava no bolso de minha jaqueta. Tirei-a do bolso e enfiei-a no cinto. Eu não me sentia muito parecido com um hessiano. Sentia-me parecido com Wild Bill Hickok.

Coloquei os cartuchos no bolso da calça e tirei o isqueiro. Era um daqueles tipos Scripto, descartáveis, transparente. Eu mesmos não fumo, mas o isqueiro me agradara por algum motivo. Acendi-o, agachei-me, e toquei fogo naquele lixo no fundo do armário.

As chamas subiram gananciosas de meu calção de ginástica para os sacos de almoço e papel de embrulhar bala e daí passaram aos restos dos livros, trazendo até minhas narinas um cheiro suado, atlético.

Em seguida, pensando que tinha atiçado o fogo tanto quanto possível, fechei a porta do armário. Havia pequenas frestas de ventilação imediatamente acima do lugar onde estava pregada a etiqueta Contacto com meu nome e através delas podia ver as chamas subindo com um chiado. Um minuto depois, pequenos pontos amarelos brilhavam na escuridão do outro lado das frestas e a tinta cinzenta do armário começou a rachar e a pelar.

Um garoto saiu da sala do sr. Johnson, trazendo na mão um passe verde para ir ao banheiro. Olhou para a fumaça que arrotava alegremente e pelas frestas da porta do armário, olhou para mim, e apressou o passo na direção dos banheiros. Acho que não viu a pistola. Não estava andando tão depressa como se a tivesse visto.

Desci o corredor na direção da Sala 16. Parei ao chegar lá, a mão na maçaneta, e olhei para trás. Nesse momento a fumaça estava realmente jorrando das frestas e uma mancha escura, fuliginosa, espalhava-se em frente ao armário. O papel Contacto havia adquirido uma cor marrom. Não era possível ver mais as letras que formavam meu nome.

Não acho que houvesse qualquer coisa naquele momento em meu cérebro, exceto a estática habitual de fundo - o tipo que a gente ouve no rádio quando aumenta o volume no máximo mas não sincroniza para nenhuma estação. Meu cérebro sintonizara com a energia, por assim dizer. O cara baixote que usava chapéu de Napoleão e que estava lá dentro mostrava nesse momento ases e apostava neles.

Virei-me para a porta da Sala 16 e abri-a. Eu tinha esperanças, mas não sabia de quê.

CAPÍTULO 9

"... ASSIM, COMO VOCÊS VÊEM, quando aumentamos o número de variáveis, os axiomas em si nunca mudam. Por exemplo..."

A sra. Underwood ergueu vivamente os olhos, empurrando nariz acima os seus óculos tipo gatinho.

- O senhor tem um passe do escritório, sr. Decker?

- Tenho - respondi.

Tirei a pistola do cinto. Não estava nem mesmo certo de que estivesse carregada até que ela disparou. Atirei nela na cabeça. A sra. Underwood nunca soube o que a atingiu, tenho certeza. Caiu de lado sobre a mesa e em seguida rolou para o chão e aquela expressão de expectativa nem por um momento lhe deixou o rosto.

CAPÍTULO 10

SANIDADE MENTAL:

A gente pode passar a vida inteira dizendo a nós mesmos que a vida é lógica, que a vida é prosaica, que a vida é racional. Acima de tudo, racional. E eu acho que é. Tive um bocado de tempo para pensar nisso. E o que continua a voltar à minha mente é a declaração da sra. Underwood ao morrer: Assim, como vêem, quando aumentamos o número de variáveis, os axiomas em si nunca mudam.

Eu, realmente, acreditava nisso.

Penso, logo sou. Há pêlos em meu rosto, logo, barbeio-me. Minha mulher e filho ficaram gravemente feridos em um desastre de carro, logo, rezo. É tudo lógico, tudo racional. Vivemos no melhor dos mundos possíveis, passe-me um Kent para a mão esquerda, um Bud para a direita, ligue para Starsky and Hutch e ouça aquela nota baixa e harmoniosa que é o universo girando suavemente em seus giroscópios celestiais. Lógica e racionalidade. Tal como Coca-Cola, é isso aí.

Mas como a Warner Brothers, John D. McDonald e a Long Island Dragway sabem muito bem, há um ar. Hyde para cada feliz rosto Jekyll, uma face escura no outro lado do espelho. O cérebro por trás dessa face nunca ouviu falar em barbeadores, orações, ou na lógica do universo Você vira o espelho para o lado e vê seu rosto refletido com uma sinistra torção para a esquerda, meio louco, meio racional. Os astrônomos chamam de terminadouro essa linha entre luz e sombra.

O outro lado diz que o universo tem toda a lógica de um menininho vestido com roupa de caubói do Halloween com suas entranhas a bombons-surpresa espalhados por meio quilômetro da Rodovia Interestadual 95. Essa é a lógica do napalm, da paranóia, de bombas em valises carregadas por árabes felizes, pelo carcinoma generalizado. Essa lógica devora a si mesma. Diz que a vida é um macaco em cima de uma vara, que a vida gira tão histérica e erraticamente como a moeda que você joga no ar para decidir quem vai pagar o almoço.

Ninguém olha para esse lado a menos que seja obrigado, e eu posso compreender por quê. Você olha se pega uma carona com um bêbado num carro grande tipo turismo, ele acelera até 180km/h e começa a balbuciar entre soluços que a mulher o expulsou de casa; você olha se um cara resolve cruzar de carro Indiana atirando em crianças que vê andando de bicicleta; você olha se sua irmã diz "Vou ali fazer uma compra e volto já, irmãozinho", e é morta num assalto. Você olha quando ouve seu pai falando em abrirem dois o nariz de sua mãe.

É uma roda de roleta, mas todos os que dizem que o jogo é manipulado estão é se

queixando. Por mais números que haja, o princípio que move aquela saltitante bolinha branca nunca muda. Não diga que é doido. Ele é tão frio e racional!

E toda aquela estranheza não está simplesmente acontecendo na parte externa. Está em você, também, agora mesmo, crescendo na escuridão como se fossem cogumelos mágicos. Chame isso de A Coisa no Porão. Chame isso de Fator Almoço Explosivo. Chame isso de Arquivo das Musiquinhas de Louco. Penso nele como meu dinossauro particular, imenso, pegajoso, descorticado, andando aos tropeços pelo pântano fedorento de meu subconsciente, nunca encontrando um buraco betuminoso suficientemente grande para contê-lo.

Mas sou eu que estou falando e comecei a lhe contar sobre eles, aqueles brilhantes estudantes a caminho da faculdade que, metaforicamente falando, foram até a padaria comprar leite e acabaram no meio de um assalto à mão armada. Eu sou um caso documentado, material de rotina para a edição diária do jornal. Milhares de pequenos jornaleiros me ofereceram aos gritos o jornal em milhares de esquinas. Tive cinqüenta segundos no programa Chancellor-Brinkley e uma coluna e meia no Time. E estou aqui à sua frente (metaforicamente falando, mais uma vez) e lhe dizendo que sou perfeitamente são mentalmente. Tenho, de fato, um pequeno parafuso frouxo lá em cima, mas tudo mais está funcionando às mil maravilhas, muito obrigado.

De modo que, eles. Como é que você os entende? Temos que discutir isso, não temos?

- O senhor tem um passe do escritório, sr. Decker? - foi o que ela perguntou.

- Tenho - respondi. Tirei a pistola do cinto. Não estava nem mesmo certo de que estivesse carregada até que disparou. Atirei nela na cabeça. A sra. Underwood nunca soube o que foi que a atingiu, tenho certeza. Caiu de lado sobre a mesa e, em seguida, rolou para o chão e aquela expressão de expectativa nem por um momento lhe deixou o rosto.

Eu sou o racional; sou o crupiê, sou o cara que gira a bolinha contra o giro da roda. O cara que põe seu dinheiro no par/impar, a moça que põe seu dinheiro no preto/vermelho... o que é que me diz deles?

Não há qualquer divisão de tempo para expressar a essência de nossa vida, o tempo entre a explosão do chumbo que deixa a boca da arma e o impacto na carne, entre o impacto e a escuridão. Há apenas um replay instantâneo vazio que nada mostra de novo.

Atirei nela, ela caiu e houve um indescritível momento de silêncio, de duração infinita do tempo, e todos nós recuamos, observando a bolinha dar voltas, dando pequenos estalidos, saltando, subindo por um instante, continuando, cara ou coroa, preto ou vermelho, par ou ímpar.

Acho que aquele momento terminou. Penso isso, realmente. Mas às vezes, na escuridão, penso que o horrendo momento aleatório ainda continua, que até a roda ainda está girando, e que eu sonhei todo o resto.

O que deve ser para o suicida cair de uma alta plataforma? Tenho certeza de que deve

ser um sentimento muito racional. Provavelmente é por isso que gritam durante toda a queda.

CAPÍTULO 11

SE ALGUÉM TIVESSE GRITADO alguma coisa melodramática naquele exato momento, alguma coisa como Oh, meu Deus, ele vai matar todos nós!, a coisa toda teria acabado ali e naquela hora. Teriam corrido para todos os lados come ovelhas e alguém agressivo, como Dick Keene, teria me atingido na cabeça com seu livro de álgebra, ganhando dessa maneira a chave da cidade e o Prêmio de Boa Cidadania.

Ninguém, porém, disse uma única palavra. Ficaram todos sentados em seus lugares, em estupefacto silêncio, olhando-me atentamente, como se eu tivesse acabado de anunciar que ia dizer a eles como poderiam conseguir passes para o Placerville Drive-In naquela noite de sexta-feira.

Fechei a porta da sala, cruzei-a e sentei-me atrás da grande escrivaninha. Minhas pernas não estavam lá em bom estado. Eu estava quase no ponto de sentar ou cair. Tive que empurrar os pés da sra. Underwood para fora do caminho a fim de colocar os meus no espaço embaixo da mesa. Coloquei a pistola sobre o mata-borrão verde, fechei o livro de álgebra dela, e juntei-o a outros bem empilhados num canto da mesa.

Foi nesse momento que Irma Bates rompeu o silêncio com um grito agudo, engolido, que pareceu o de um jovem peru que está tendo o pescoço torcido na véspera do Dia de Ação de Graças. Mas era tarde demais. Todos ali haviam aproveitado aquele momento interminável para pensar nos fatos da vida e da morte. Ninguém pegou a deixa do grito, ela parou e como se estivesse envergonhada de gritar num momento em que a escola estava em sessão, por maior que fosse a provocação. Alguém pigarreou. Alguém no fundo da sala disse "Hum!" em um tom levemente judicial. E John "Chiqueiro" Dano escorregou silenciosamente da cadeira e desmoronou em um completo desmaio no chão.

Eles me olharam no meio da fossa do choque.

- Isso - disse eu em voz agradável - é conhecido como ficar de pau duro.

Pés pisaram com força no corredor e alguém perguntou a outro alguém se alguma coisa havia explodido no laboratório de química. Enquanto o outro alguém respondia que não sabia, o alarme de incêndio disparou estridentemente. Automaticamente, metade dos alunos da classe começou a levantar-se.

- Está tudo bem - disse eu. - É apenas meu armário. Pegando fogo. Isto é, toquei fogo nele. Sentem-se.

Os que haviam começado a se levantar sentiram-se obedientemente. Olhei em volta à procura de Sandra Cross. Ela estava na terceira fila, quarta carteira, e não parecia assustada. Parecia o que era. Uma Boa Moça imensamente excitante!

Filas de estudantes saíam nesse momento para o gramado. Via-os pelas janelas. O esquilo, porém, havia desaparecido. Esquilos são péssimos espectadores inocentes e curiosos.

A porta foi aberta violentamente. Levantei a arma. O sr. Vance enfiou a cabeça na sala.

- Alarme de incêndio - disse. - Todos... Onde está a sra. Underwood?

- Saia - ordenei.

Ele me olhou fixamente. Era um homem obeso e usava cabelo cortado bem rente. Dava a impressão de que um artista de acabamento paisagístico lhe cortara com todo o cuidado os cabelos com um podador de cerca.

- O quê? O que foi que você disse?

- Fora.

Atirei nele e errei. A bala ricocheteou do alto da moldura da porta, tirando lascas de madeira.

- Jesus - disse alguém baixinho na fila da frente.

O sr. Vance não sabia o que estava acontecendo. Acho que nenhum deles sabia. Aquilo tudo me lembrava um artigo que eu lera sobre o último grande terremoto na Califórnia. Era sobre uma mulher que andara de um cômodo a outro pela casa, que estava sendo sacudida e caindo aos pedaços em volta dela, gritando para o marido que, por favor, desligasse o ventilador.

O sr. Vance resolveu voltar ao princípio.

- Há fogo no prédio. Por favor...

- Charlie está armado, sr. Vance - disse Mike Gavin num tom de quem comenta o estado do tempo. - Acho que é melhor o senhor...

A segunda bala pegou-o na garganta. A carne dele espalhou-se liquidamente como a água se espalha quando a gente joga uma pedra nela. Ele recuou para o corredor, coçando a garganta, e caiu.

Irma Bates gritou novamente, mas, como da outra vez, ninguém a seguiu. Se tivesse sido Carol Granger, teria havido imitadores à beça, mas quem ia querer participar de um concerto com a pobre Irma Bates? Ela não tinha nem mesmo namorado. Além do mais, todo mundo estava ocupado demais olhando para o sr. Vance, cujos movimentos de coçar estavam diminuindo.

- Ted - disse eu a Ted fones, que era o que sentava mais perto da porta -, feche a porta e passe a tranca, okay?

- O que é que você pensa que está fazendo? - perguntou Ted. Olhava-me com uma espécie de aversão medrosa e desdenhosa.

- Não sei ainda de todos os detalhes - respondi. - Mas feche a porta e passe a tranca, sim?

No corredor, alguém gritava nesse momento:

- É num armário! É num... Hei, Pete Vance teve um ataque cardíaco! Arranjem um pouco de água! Arranjem...

Ted fones levantou-se, fechou a porta e passou a tranca. Ele era um rapaz alto e usava calça Levis desbotada e uma camisa do exército com bolsos de flape. Ele parecia muito bonitão. Eu sempre admirara Ted, embora ele nunca fizesse pare do círculo onde eu me movimentava. Dirigia um Mustang do último ano, que o pai lhe dera de presente e também não era multado por estacionamento ilegal. Penteava os cabelos em estilo antigo a aposto que era do rosto dele que Irma Bates se lembrava quando a horas mortas da noite tirava um pepino do refrigerador. Com um nome tipicamente americano como Ted Jones, ele não podia mesmo errar. O pai dele era vice-presidente do Placerville Bank and Trust.

- E agora, o quê? - perguntou Harmon Jackson, parecendo confuso.

- Hummm. - Coloquei a pistola novamente sobre o mata-borrão. - Bem, alguém tente acordar Chiqueiro. Ele vai sujar a camisa. Sujar mais, quero dizer.

Sarah Pasterne começou a rir histericamente e em seguida cobriu a boca com a mão. George Yannick, que se sentava ao lado de Chiqueiro, acocorou-se ao lado dele e começou a dar-lhe palmadinhas no rosto. Chiqueiro gemeu, abriu os olhos, rolou-os e disse:

- Ele atirou em Sacolão de Livros.

Desta vez houve vários risos histéricos. Os risos correram a sala como se fossem pipoca, estalando. A sra. Underwood tivera duas pastas plásticas ornamentadas com motivos escoceses que ela trazia para todas as aulas. Ela fora conhecida também como Sue Duas Pistolas.

Chiqueiro sentou-se novamente, trêmulo, rolou mais uma vez os olhos e começou a chorar.

Alguém bateu na porta, sacudiu a maçaneta e gritou:

- Hei! Hei, vocês aí dentro!

A voz parecia ser do sr. Johnson, que estivera falando sobre os hessianos. Levantei a pistola e meti uma bala no vidro forrado de tela de arame. A bala abriu um pequeno e bem-feito orifício ao lado da cabeça do sr. Johnson, que desapareceu como um

submarino que faz um mergulho de emergência. A classe (com a possível exceção de Ted), observou toda a ação com grande interesse, como se por acidente estivesse assistindo a um filme muito bom.

- Alguém aí dentro está armado com uma pistola! - gritou o sr. Johnson.

Ouvi um som leve de coisa batendo quando ele se arrastou para longe. O alarme de incêndio continuava a berrar roucamente.

- É agora, o quê? - perguntou novamente Harmon Jackson.

Ele era um garoto pequeno, geralmente com um grande sorriso torto nos lábios, mas nesse momento parecia desarvorado, inteiramente perdido.

Não consegui pensar numa resposta à pergunta, de modo que a deixei passar. No lado de fora, os alunos andavam inquietos de um lado para o outro no gramado, conversando e apontando para a Sala 16, como se a rede clandestina de informações houvesse lhes dado o serviço. Depois de algum tempo, alguns mestres - os homens - começaram a tanger os alunos para a extremidade do prédio, onde ficava o ginásio.

Na cidade, a sirene de incêndio da Prefeitura Municipal começou a uivar, subindo e descendo em ciclos históricos.

- Parece o fim do mundo - disse baixinho Sandra Cross.

Eu também não tinha resposta para isso.

CAPÍTULO 12

DURANTE TALVEZ CINCO MINUTOS ninguém disse nada - não até que os carros dos bombeiros chegaram à escola. Olharam-me e eu olhei para eles. Talvez eles ainda pudessem naquele instante ter debandado em disparada e ainda me perguntam por que eles não fizeram isso. Por que foi que eles não fugiram correndo dali, Charlie? 0 que foi que você fez com eles? Alguns perguntaram isso quase medrosamente, como se eu tivesse o dom do mau-olhado. Não respondo. Não respondo a nenhuma pergunta sobre o que aconteceu naquela manhã na Sala 16. Mas se dissesse alguma coisa a eles, seria que eles haviam esquecido o que era ser criança, viver lado a lado com a violência, com as brigas de murro comuns no ginásio, arruaças em Lewiston, espancamentos na televisão, assassinatos no cinema. A maioria de nós vira uma menininha vomitar sopa de ervilha em cima de um padre, ali mesmo em nosso drive-in local. Em comparação, não assustava muito o que acontecera com o Velho Sacolão de Livros.

Não estou tomando posição em nenhuma dessas coisas, olhem lá, nestes dias não estou em forma para cruzadas. Estou simplesmente lhe dizendo que as crianças americanas vivem em meio de uma imensa vida de violência, tanto real com de faz-de-conta. Além do mais, eu era até interessante. Hei, Charlie Decker pirou hoje, sabia? Não? Pirou, mesmo! Pirou. Pirou. Eu estava lá. Foi igualzinho a Bonnie and Clyde: uma rajada de balas, exceto que Charlie tem espinhas na cara e não havia pipoca.

Sei que eles pensavam que ia acabar tudo bem para eles. Isso faz parte da coisa. O que eu gostaria de saber era o seguinte: estariam eles esperando que eu matasse mais alguém?

Outro som uivante havia se juntado ao da sirene de incêndio, este chegando mais perto com grande velocidade. Não a polícia. Era aquela nota alta, normal e em falsete, que nestes dias é a última moda em ambulâncias e veículos de paramédicos. Sempre pensei que chegará o dia em que todos os veículos usados em desastre ficarão sabidos e deixarão de matar de medo as pessoas que estão vindo para salvar. Quando há um incêndio, um acidente, ou uma calamidade natural como eu, os veículos vermelhos correm para a cena acompanhados pelo som amplificado dos Darktown Strutters tocando Banjo Rag. Algum dia... oh, poxa.

CAPÍTULO 13

DESCOBRINDO QUE O INCÊNDIO era na escola, o corpo de bombeiros da cidade veio com tudo o que tinha. O comandante dos bombeiros chegou em primeiro lugar, entrando em alta velocidade na entrada de automóveis semicircular da história em seu Ford Pinto de capota solar. Atrás dele, as escadas projetando-se para trás como bandeirolas em tanques de guerra. E seguido por dois caminhões-tanque.

- Vai deixar que eles entrem? - perguntou Jack Goldman.

- O incêndio é lá fora - respondi. - Não aqui.

- Você fechou a porta de seu armário? - perguntou Sylvia Ragan.

Ela era uma loura grandalhona com grandes e moles seios dentro de um cardigã e dentes que apodreciam lentamente.

- Fechei.

- A confusão já está armada lá fora, então.

Mike Gavin olhou para os bombeiros que corriam de um lado para o outro e soltou uma risadinha.

- Dois deles acabam de trombar um no outro - disse. - Gozado!

Os dois bombeiros caídos se desenroscaram e o grupo inteiro se preparava para arremeter inferno a dentro quando duas figuras em ternos de passeio correram para eles. Uma delas era o sr. Johnson, o Submarino Humano, e a outra o sr. Grace. Falavam veemente e rapidamente com o comandante dos bombeiros.

Grandes extensões de mangueira com bocais brilhantes estavam sendo desenroladas dos caminhões-tanque e puxadas para as portas da frente da escola. O comandante dos bombeiros virou-se e gritou:

- Esperem aí!

Os bombeiros ficaram irresolutos no gramado, os bocais das mangueiras nas mãos à frente do corpo como se fossem cômicos falos de bronze.

O comandante dos bombeiros continuava em conferência com o sr. Johnson e o sr. Grace. O sr. Johnson apontou para a Sala 16. Thomas Denver, o diretor do Espantoso Pescoço Superbarbeado, correu para eles e entrou na discussão. A coisa estava

começando a parecer uma conferência de lançadores de beisebol na metade do nono tempo.

- Eu quero ir pra casa - disse descontrolada Irma Bates.

- Pare com isso - ordenei.

O comandante dos bombeiros voltara a gesticular para seus cavaleiros andantes.

O sr. Grace sacudiu iradamente a cabeça e segurou-o pelo ombro. Virou-se para Denver e disse-lhe alguma coisa. Denver inclinou a cabeça e correu na direção das portas principais.

O comandante inclinava também, relutante, a cabeça. Voltou para o carro, procurou alguma coisa no assento traseiro e dele tirou um alto-falante realmente bonito, acionado a bateria. Aposto que brigavam para valer no quartel dos bombeiros para decidir quem é que o usaria. Naquele dia, evidentemente, o comandante estava dando uma chave de galão. Apontou o alto-falante para os estudantes que continuavam a circular por ali.

- Por favor, afastem-se do prédio. Repito: queiram fazer o favor de se afastarem do prédio. Dirijam-se para o acostamento da estrada. Dirijam-se para o acostamento da estrada. Vão chegar logo os ônibus para levar vocês. As aulas estão suspensas por...

Gritos curtos, confusos.

- ... pelo resto do dia. Agora, por favor, afastem-se do prédio.

Um grupo de professores - homens e mulheres desta vez - começou a tocá-los para a estrada. A garotada espichava os pescoços e falava pelos cotovelos. Procurei Joe McKennedy mas não o vi em parte nenhuma.

- Tudo bem se eu fizer meu dever de casa? - perguntou em voz trêmula Melvin Thomas.

Houve uma risada geral. O pessoal pareceu surpreso em ouvir aquilo.

- Vá em frente. - Pensei por um momento e acrescentei: - Se quiserem fumar, tudo bem, fumem.

Uns dois deles enfaram bruscamente e as mãos nos bolsos. Sylvia Ragan, fazendo seu papel de moça fina, tirou delicadamente da bolsa uma carteira amassada de Camels e acendeu um com descansada elegância. Soprou uma nuvem de fumaça e deixou cair o fósforo no chão. Estirou as pernas, não se incomodando muito com o incômodo da saia. Parecia confiante.

Tinha que haver mais coisas, porém. Eu estava me saindo muito bem, mas tinha que haver mil coisas em que eu não estava pensando. Não que isso tivesse importância.

- Se vocês têm um amigo ou amiga, junto de quem querem se sentar, vão em frente e troquem de lugar. Mas não tentem me atacar ou fugir por aquela porta, por favor.

Uns dois garotos trocaram de lugar para ficarem perto de seus grandes amigos, andando rápido e sem ruído, mas a maioria ficou simplesmente sentada em silêncio onde estava. Melvin Thomas abrira o livro de álgebra mas aparentemente não conseguia concentrar-se. Fitava-me com olhos vidrados.

Ouvi um leve estalido metálico num dos cantos superiores da sala. Alguém ligara o sistema de comunicação interna.

- Alô - disse Denver. - Alô, Sala 16.

- Alô - respondi.

- Quem é que está falando?

- Charlie Decker.

Uma longa pausa. Finalmente:

- O que é que está acontecendo aí embaixo, Decker?

Pensei no casso.

- Acho que estou ficando louco furioso - respondi.

Uma pausa ainda mais longa. Depois, uma pergunta quase retórica:

- O que foi que você fez?

Fiz um gesto na direção de Ted Jones. Ele inclinou a cabeça polidamente em minha direção.

- Sr. Denver?

- Quem é?

Ted fones, sr. Denver. Charlie está armado. Está nos mantendo como reféns. Ele matou a sra. Underwood. E acho que matou também o sr. Vance.

- Tenho quase certeza de que matei - disse eu.

- Oh! - exclamou o sr. Denver.

Sarah Pasterne soltou outra risadinha.

- Ted Jones?

- Estou aqui - respondeu Ted.

Parecia muito competente, isso parecia, mas, ao mesmo tempo, distante. Tal como um primeiro-tenente que estudara em faculdade. A gente tinha que admirá-lo.

- Quem está na sala, além de você e Decker?

- Espere um momento - interrompi-o. - Vou fazer a chamada. Agüente aí. Peguei o livro de comparecimento da sra. Underwood e abri-o.

- Período dois, certo?

- Certo - respondeu Corky.

- Muito bem. Lá vamos nós. Irma Bates?

- Eu quero ir pra casa! - gritou desafiadora Irma.

- Ela está presente - disse eu. - Susan Brocks?

- Presente?

- Nancy Caskin

- Presente. Fiz a chamada até o fim. Na lista havia 25 nomes e a única falta era de Peter Franklin.

- Peter Franklin foi morto? - perguntou baixinho o sr. Denver.

- Ele está com sarampo - explicou Don Lordi.

A explicação provocou outro ataque de risinhos. Ted Jones franziu fortemente as sobrancelhas.

- Decker?

- Sim?

- Vai deixar que eles saiam?

- Não, neste momento- retruquei.

- Por quê?

Havia uma horrorosa preocupação, uma pavorosa aflição na voz do diretor e, por um momento, quase senti pena dele. Rapidamente, reprimi o sentimento. Isso era como estar num grande jogo de pôquer. Ali estava o cara que estivera ganhando feito um louco a noite toda, tinha à sua frente um monte de fichas de um quilômetro de altura e, de repente, começa a perder. Não um pouquinho, mas um bocado, e agente quer sentir pena dele e de seu império que desmorona. Mas a gente pode reprimir isso e acabar com ele, ou então é ele quem acaba conosco.

De modo que eu disse:

- A gente não terminou ainda aqui embaixo de ficar de pau duro.

- O que é que isso significa?

- Significa foda-se - respondi.

Os olhos de Carol Granger se esbugalharam.

- Decker...

- Pode me chamar de Charlie. Todos os meus amigos me chamam de Charlie.

Ergui a mão em frente da classe e cruzei os dedos em pares.

- Se vocês não me chamarem de Charlie, vou passar fogo em alguém.

Pausa.

- Charlie?

- Isso é melhor. - Na última fila, Mike Gavin e Dick Keene estavam escondendo o riso. Alguns outros não se davam ao trabalho de escondê-lo. - Você me chama de Charlie e eu chamo você de Tom. Tudo bem, Tom?

Uma longa, longa pausa.

- Você vai soltá-los, Charlie? Eles não lhe fizeram nenhum mal.

Lá fora, havia chegado uma das três radiopatrulhas - preta, branca e azul - da cidade. Estacionou na estrada em frente à escola e Jerry Kesserling, o chefe de polícia local desde que Warren Talbot se aposentara e fora residir no cemitério metodista em 1975, começou a dirigir o tráfego na estrada Oak Hill Pond.

- Ouviu o que eu disse, Charlie?

- Ouvi. Mas não posso lhe responder. Não sei. Mais guardas estão chegando, acho.

- Foram chamados pelo sr. Wolfe - explicou o sr. Denver. - Acho que vai haver muito mais quando compreenderem realmente o que está acontecendo. Vão trazer gás lacrimogêneo e gás paralisante. Dec... Charlie. Por que tornar as coisas difíceis para você e seus colegas?

- Tom?

De má vontade:

- O quê?

- Vá lá fora a diga a eles que no minuto que jogarem gás ou qualquer outra coisa aqui dentro, vou fazer com que eles se arrependam. Lembre-se de dizer a eles quem é que está dando as cartas.

- Por quê? Por que você está fazendo isso?

Ele parecia zangado, impotente e assustado. Dava a impressão de que descobrira que não havia mais ninguém a quem passar a responsabilidade.

- Não sei - confessei -, mas de qualquer maneira é melhor do que festa de calcinhas, Tom. E não pense que isso diz realmente respeito a você, Tom. Tudo o que eu quero é que vá até lá e diga a eles o que eu disse. Você faz isso para mim, Tom?

- Não tenho opção, tenho?

- Não, isso mesmo. Você não tem. E há mais uma coisa, Tom.

- O quê? - perguntou ele, hesitante.

- Eu não gosto muito de você, Tom, como provavelmente já descobriu, mas, até agora, você não teve que dar muita importância à maneira corno eu me sinto. Mas estou fora de seu arquivo agora, Tom. Entendeu? Não sou simplesmente um registro que você pode fechar com chave à 1:00h da tarde. Entendeu? - Minha voz estava subindo e se transformando num grito. - ENTENDEU ISSO, TOM? INTERNALIZOU ESSE FATO PARTICULAR DA VIDA?

- Sim, Charlie - respondeu ele em uma lúgubre voz. - Entendi.

- Não, você não entendeu, Tom. Mas vai entender. Antes de o dia terminar, nós vamos entender tudo sobre a diferença entre pessoas e pedaços de papel num arquivo e a diferença entre fazer seu trabalho e ser masturbado. O que é que você acha disso, Tom, meu chapa?

- Acho que você é um garoto doente, Decker.

- Não, você pensa que eu sou um garoto doente, o Charlie. Era isso o que você queria dizer, Tom?

- Era.

- Pois diga.

- Eu acho que você é um garoto doente, Charlie.

Ele falou no tom mecânico, embaraçado, de um menino de sete anos.

- Você também tem que ficar de pau duro, Tom. Agora, saia daí e vá dizer a eles o que

eu disse.

Denver pigarreou, como se tivesse mais alguma coisa para dizer, mas em seguida o que ouvi foi o clique do serviço interno de alto-falantes. Um pequeno murmúrio percorreu a classe. Com todo cuidado, examinei os garotos ali. Os olhos dele estavam muito frios e um tanto distantes (o choque pode fazer isso: a gente é ejetado, como um piloto de caça, de um sonho monótono de vida para um moedor que mói carne de verdade, e o cérebro recusa-se a fazer o ajustamento. A gente só pode mesmo continuarem queda-livre e alimentar a esperança de que mais cedo ou mais tarde o pára-quedas se abra) e uma pequena cantiga de escola primária voltou-me à memória: Fessora, Fessora, toque a sineta, pois todas as lições vou lhe dizer. E quando daqui me mandar, saberei mais do que devia saber.

Pensei no que eles estavam aprendendo naquele dia, no que eu estava aprendendo. Os ônibus amarelos da escola começaram a chegar. Nossos colegas iam pra casa participar das festividades na TV da sala de visitas e com ajuda de radinhos transistorizados de bolso, mas na Sala 16 o processo educacional continuava.

Bati secamente com a coronha da pistola na mesa. O murmúrio parou. A garotada me olhava com tanta atenção como eu a vigiava. Juiz e júri, ou júri e réu? Tive vontade de soltar uma risada.

- Bem - disse eu -, a merda bateu mesmo no ventilador, Acho que a gente precisa conversar um pouco.

- Em particular? - perguntou George Yannick. - Só você e nós?

Ele tinha um rosto inteligente e atrevido e não parecia assustado.

- Só.

- Então é melhor desligar esse sistema de intercomunicação. - Seu filho da puta falador- disse Ted Jones em voz bem clara.

George fitou-o, magoado.

Fez-se um embaraçado silêncio enquanto eu me levantava e baixava a pequena alavanca embaixo do alto-falante, de TRANSMITE-RECEBE para RECEBE.

Voltei à mesa e me sentei novamente. Inclinei a cabeça na direção de Ted.

- Eu, de qualquer maneira, estava pensando nisso - menti. - Você não devia ter ficado tão chateado.

Ted nada disse, mas me dirigiu um estranho pequeno sorriso que me levou a pensar que ele poderia estar-se perguntando que gosto eu poderia ter.

- Tudo bem - disse eu, dirigindo-me a toda a classe -, posso ser louco, mas não vou atirar em ninguém por discutir esse assunto comigo. Podem crer. Não tenham medo de

dizer tudo o que pensam. Enquanto todos nós não falarmos ao mesmo tempo. - Não pareceu que isso fosse constituir um problema. - Pra ir logo ao que interessa, há alguém aqui que pensa mesmo que vou simplesmente me levantar e passar fogo em todo mundo?

Alguns deles pareceram contrafeitos, mas ninguém disse nada.

- Muito bem. Porque eu não vou. A gente vai simplesmente ficar sentado aqui e sacanear todo mundo.

- Pois é, você sacaneou pra valer a sra. Underwood - disse Ted.

Continuava a sorrir aquele seu estranho sorriso.

- Tive que fazer isso. Sei que é difícil de compreender, mas... tive que fazer isso. Teve que ser assim. E no caso do sr. Vance, também. Mas quero que todo mundo aqui leve a coisa numa boa. Ninguém vai meter bala em todo mundo, de modo que vocês não têm que se preocupar.

Timidamente, Carol Granger levantou a mão. Inclinei a cabeça na direção dela. Ela era sabida que só ela. Presidente da classe e aposta certa de que seria a oradora na festa de formatura em junho... "Nossas Responsabilidades para com a Raça Negra" ou, talvez, "Esperanças para o Futuro". Já se matriculara em uma das escolas femininas grã-finas onde as pessoas sempre se perguntam quantas virgens há por lá. Mas eu não tinha má vontade contra ela por causa disso.

- Quando é que nós podemos ir embora, Charlie?

Suspirei e encolhi os ombros.

- A gente vai ter simplesmente que esperar e ver o que acontece.

-Mas minha mãe vai morrer de preocupação.

- Por quê? - perguntou Sylvia Ragan. - Ela sabe onde você está, não sabe?

Risadas gerais. Com exceção de Ted Jones. Ele não estava rindo e eu ia ter que vigiar aquele garoto. Continuava a sorrir aquele seu sorrisozinho selvagem. Ele queria ardentemente acabar com tudo - isso era mais do que óbvio. Mas por quê? Para ganhar a Medalha de Mérito de Prevenção da Insanidade Mental? Não era suficiente. Adulação da comunidade em geral - o garoto que resistiu, que com o dedo no buraco impediu que a represa desmoronasse? Isso não parecia o estilo dele. Um baixo perfil bonitão era o estilo de Ted. Ele era o único cara que eu conhecia que havia deixado o time de futebol depois de três sábados de glória no seu primeiro ano de escola. O cara que escrevia a crônica de esportes do jornal local considerara-o o melhor zagueiro volante que a Escola Secundária Placerville jamais produzira. Mas ele desistira, de repente, e sem dar nenhuma explicação. Mais do que estranhe. O mais estranho ainda era que seu quociente de popularidade não caíra nem um único ponto. No mínimo, Ted se tornara mais popular do que nunca. Joe McKennedy, que sofrera durante quatro anos e quebrara

o nariz como lateral esquerdo, contou-me que a única coisa que Ted disse quando o arrasado técnico pediu uma explicação foi que o futebol americano lhe parecia um jogo muito estúpido, e que ele (Ted) achava que podia descobrir uma melhor maneira de gastar o tempo. Vocês podem entender por que eu o respeitava, mas o diabo me leve se eu sabia por que ele queria me pegar de uma maneira tão pessoal. Pensar um pouco no assunto poderia ter ajudado, mas as coisas estavam acontecendo com uma horrível rapidez.

- Você é doido? - perguntou de repente Harmon Jackson.

- Acho que devo ser- respondi. - Pelo que sei, um cara que mata outro é doido.

- Bem, talvez você deva se entregar - sugeriu Harmon. - Conseguir alguma forma de ajuda. Um médico. Você sabe.

- Você quer dizer, igual àquele Grace? - indagou Sylvia. - Aquele cara esquisito que só ele, meu Deus. Tive que ir conversar com ele depois que joguei um tinteiro na velha senhora Green. Tudo o que ele fez foi olhar embaixo de meu vestido e tentou me obrigar a falar sobre minha vida sexual.

- Não que você houvesse tido qualquer vida sexual - observou Fat Fizgerald, e o pessoal voltou a rir.

- E não que isso seja assunto seu ou dele - disse altivamente Sylvia, jogou o cigarro no chão e pisou-o.

- De modo que o que é que a gente vai fazer? - quis saber Jack Goldman.

- Simplesmente, ficar de pau duro - respondi. - Só isso.

Lá fora, uma segunda radiopatrulha chegara ao gramado. Desconfiei que a terceira estivesse no refeitório do primeiro grau, reunindo suprimentos vitais de caie e rosquinhas. Deven conversava com um soldado da força policial estadual que usava calça azul e um daqueles chapéus metidos a de caubói. Lá na estrada, Jerry Kesserling estava deixando passar pela barreira alguns carros que vinham pegar garotos que não usavam os ônibus. Os carros recolhiam os alunos e se afastavam rápidos. O sr. Grace conversava com um cara vestido com terno de passeio, que eu não conhecia. Os bombeiros continuavam por ali. fumando cigarros e esperando que alguém lies dissesse para apagar um incêndio ou voltar pra casa.

- Isto tem alguma a coisa a ver com o fato de você ter dado uma surra em Carlson? - perguntou Corky.

- Como é que eu sei se isso tem a ver com o quê? - indaguei irritado a ele. - Se eu soubesse o que está me obrigando a fazer isto, eu provavelmente não teria que fazer.

- São os seus pais - disse inesperadamente Susan Brooks. - Tem que ser seus pais.

Ted fones emitiu um som grosseiro.

Olhei para ela, surpreso. Susan Brooks era uma daquelas garotas que nunca diziam coisa nenhuma, a menos que perguntadas, a única que os professores sempre tinham que pedir que falasse mais alto, por favor. Uma moça muito estudiosa, muito séria. Bem bonitinha, mas não um prodígio de inteligência - o tipo que ninguém permite que desista e faça cursos de natureza geral ou comerciai porque ela tinha um irmão mais velho, ou irmã, terrivelmente inteligente e os professores esperavam dela coisas comparáveis. Em suma, uma dessas moças que está segurando a barra com tanta elegância e boas maneiras quanto consegue reunir. Elas, em geral, casam-se com motoristas de caminhão e se mudam para a Costa Oeste, onde têm cozinhas com tampos de fórmica - e escrevem catas para os velhos pais no leste com toda a raridade que podem justificar. Constroem vidas tranqüilas e bem-sucedidas e tornam-se mais bonitinhas à medida que esmaece a sombra do irmão, ou irmã, mais inteligente.

- Meus pais - disse eu, provando o gosto da palavra na boca. Pensei em contar a eles que fora caçar com meu pai quando tinha nove anos de idade. "Minha Caçada", por Charlie Decker. Subtítulo: "Ou como Ouvi Sem Querer Meu Pai Explicar a Cirurgia Plástica de Nariz dos índios Cherokee". Repugnante demais.

Lancei um olhar a Ted Jones e o aroma forte, acobreado, de dinheiro encheu minhas narinas. O rosto dele estava imobilizado em uma expressão furiosa, zombeteira, como se alguém houvesse enfiado um limão inteiro em sua boca e em seguida lhe fechado as mandíbulas. Como se alguém houvesse enfiado uma carga de profundidade em seu cérebro e produzisse em algum velho e afundado casco longas e sinistras vibrações psíquicas.

- É isso o que dizem todos os livros de psicologia. - Susan continuava, inteiramente inocente do que fazia. - Na verdade...

De repente, ela se tornou consciente de que estava falando (em um tom normal de voz e na classe) e calou a boca. Usava uma blusa cor de jade-claro e as alças de seu sutiã mostravam-se pelo tecido como se fossem fantasmagóricas marcas de giz meio apagadas.

- Meus pais... - disse eu novamente, e parei mais uma vez.

Lembrei-me de novo daquela caçada, mas desta vez lembrei-me de ter acordado, vendo os galhos movendo-se na lona esticada da tenda (estava esticada a lona? Pode apostar que estava. Meu pai tinha armado a tenda e tudo o que ele fazia era apertado, nada de parafusos frouxos) olhando para os galhos que se moviam, precisando mijar, sentindo-me novamente como um menininho... e lembrando-me de uma coisa que acontecera há muito tempo. Não queria falar sobre isso. Não conversara a respeito com o sr. Grace. Isto estava me dando uma ereção de verdade - e, além disso, havia Ted. Ted não gostava absolutamente disso. Talvez tudo fosse muito importante para ele. Talvez Ted ainda pudesse ser... ajudado. Eu desconfiava que era tarde demais para mim, mas mesmo nesse nível, não dizem por aí que aprender é uma coisa boa e elegante em si? Claro.

Lá fora não precisava estar acontecendo muita coisa. A última radiopatrulha da cidade chegara e, como eu esperara, seus ocupantes estavam distribuindo café e... Coisas de

crianças.

- Meus pais... - repeti.

CAPÍTULO 14

MEUS PAIS SE CONHECERAM numa recepção de casamento e embora isso talvez tenha a ver com coisa nenhuma- a menos que você acredite em augúrios - a noiva daquele dia morreu incinerada menos de um ano depois. O nome dela era Jessie Decker Hannaford. Como Jessie Decker, ela fora companheira de quarto de minha mãe na Universidade do Maine, onde as duas se especializavam em Ciência Política. O que aparentemente aconteceu foi o seguinte: o marido de Jessie saiu para comparecera uma reunião especial da prefeitura e Jessie entrou no banheiro para tomar um banho de chuveiro. Caiu, bateu com a cabeça e perdeu os sentidos. Na cozinha, uma toalha de prato caiu em cima do queimador do fogão. A casa subiu pelos ares como um foguete. Por um ato de piedade do destino, ela não sofreu.

De modo que a única coisa boa que resultou daquele casamento foi que minha mãe conheceu o irmão de Jessie Decker Hannaford. Ele era guarda-marinha. Depois da recepção, ele perguntou a minha mãe se ela queria ir dançar. Ela respondeu que queria. Namoraram durante seis meses e casaram. Nasci uns 14 meses depois do casamento. Fiz as contas muitas vezes. Fui concebido em uma das noites antes ou depois de a irmã de meu pai ser churrascada viva usando sua touca de banho. Ela foi a dama de honra de minha mãe. Examinei todas as fotos do casamento e embora as olhasse uma infinidade de vezes elas sempre me produziam uma sensação esquisita. Ali estava Jessie, segurando a cauda do vestido de minha mãe. Jessie e o marido, Brian Hannaford, sorrindo no fundo da cena enquanto papai e mamãe cortavam o bolo de casamento. Jessie dançando com o pastor. E em todas aquelas fotos ela está apenas a cinco meses do chuveiro e da toalha de pratos em cima do fogão quente. A gente tinha vontade de poder entrar em um daqueles Kodachromes, aproximar-se dela e dizer: "Você nunca vai ser minha tia Jessie a menos que fique longe do chuveiro quando seu marido estiver fora. Tenha cuidado, tia Jessie". Mas a gente não pode voltar ao passado. Por falta de uma ferradura o cavalo se perdeu, e tudo mais.

Mas aconteceu, o que é outra maneira de dizer que eu aconteci, e é isso aí. Fui filho único. Minha mãe jamais quis outro. Ela era muito intelectual, minha mãe. Lia histórias de detetives inglesas, mas nunca Agatha Christie, Victor Cunning e Hammond Ienes sempre foram seus prediletos. E também revistas, como The Manchester Guardian, Monocle e The New York Review of Books. Meu pai, que fez carreira na Marinha e terminou como recrutador, era mais um americano típico. Gostava dos Detroit Tigers e dos Detroit Redwings e usou fumo preto no braço no dia em que

Vince Lombardi morreu. Isso não é nenhuma merda de mentira. E lê aqueles romances de Richard Stark sobre Parker, o ladrão. Isso sempre divertiu minha mãe às pampas. Ela finalmente não agüentou e disse a ele que Richard Stark era realmente Donald Westlake, que escreve narrativas engraçadas de mistério sob seu nome verdadeiro. Meu pai tentou uma delas e odiou. Depois disso, sempre agiu como se Westlake/Stark fosse

seu cãozinho de estimação que um dia se virou contra ele e lhe mordeu a garganta.

Minha recordação mais antiga é de acordar na escuridão e pensar que estava morto, até ver as sombras movendo-se na parede e no teto - havia um grande e velho olmo no lado de fora de minha janela e o vento lhe agitava os galhos. Naquela noite particular - a primeira noite da qual me lembro de alguma coisa - devia ter havido lua cheia (lua de caçador, não é assim que a chamam?), porque as paredes estavam muito claras e as sombras muito escuras. As sombras dos galhos pareciam grandes dedos em movimento. Agora, quando penso nisso, parece que eram dedos de cadáver. Mas eu não podia ter pensado nisso naquela ocasião, eu só tinha três anos de idade. Um garoto tão pequeno assim nem mesmo sabe o que é um cadáver.

Mas havia alguma coisa vindo. Eu podia ouvi-la, no corredor. Alguma coisa terrível estava chegando. Vindo na escuridão para me pegar. Eu podia ouvi-la, rangendo, rangendo, rangendo.

Não podia me mover. Talvez nem quisesse me mover. Quanto a isso, não me lembro. Simplesmente fiquei ali, deitado, olhei para os três dedos que se moviam sobre a parede e o teto, e esperei pela Coisa Rangedora, até que chegasse ao meu quarto e abrisse violentamente a porta.

Depois de muito tempo - podia ter sido uma hora ou, quem sabe, apenas segundos - compreendi que a Coisa Rangedora não estava atrás de mim, afinal de contas. Ou pelo menos, ainda não. Queria pegar papai e mamãe, no sei! quarto corredor abaixo. A Coisa Rangedora estava no quarto de papai e mamãe.

Fiquei deitado ali, olhando para os três dedos, e escutei. Agora, a coisa toda parece tão nebulosa e distante como uma cidade deve parecer de um cume de montanha, onde o ar é rarefeito, mas muito real, apesar de tudo. Posso me lembrar do vento soprando a intervalos nas vidraças da janela de meu quarto. Posso lembrar-me de ter feito xixi na cama - quente e, de alguma maneira; confortador. E posso me lembrar da Coisa Rangedora.

Depois de um longo, longo tempo, ainda posso lembrar a voz de minha mãe, sem fôlego, irritada, e um pouco medrosa:

- Pare, agora, Carl. - Mais uma vez, a coisa rangedora, furtiva. - Pare com isso!

Um resmungo de parte de meu pai.

Minha mãe falando:

- Não me importo! Não me importo se você não conseguiu! Pare com isso e me deixe dormir!

De modo que eu soube. Fui dormir, mas soube. A Coisa Rangedora era meu pai.

CAPÍTULO 15

NINGUÉM DISSE COISA ALGUMA. Alguns deles não haviam compreendido o sentido, se é que havia algum. Eu mesmo não tinha certeza. Continuavam a me olhar na expectativa, como se à espera da parte realmente engraçada de uma piada muito boa.

Outros examinavam as mãos, obviamente embaraçados. Susan Brooks, porém, parecia absolutamente radiante e justificada. Era uma coisa danada de boa de ver. Eu me sentia como um fazendeiro, espalhando estrume e cultivando milho.

O pessoal continuava calado. O relógio continuava a funcionar, com uma espécie de vaga determinação. Olhei para a sra. Underwood, ali no chão. Tinha os olhos semi-abertos, vidrados, pegajosos. Não parecia mais importante do que uma marmota que eu estraçalhara com a espingarda de meu pai. Uma mosca lavava untuosamente as patas em cima do antebraço dela. Sentindo-me um pouco enojado, espantei-a.

Lá fora, mais quatro carros de polícia haviam chegado. Outros carros estavam estacionados no acostamento da estrada, do outro lado da barreira policial, até onde a vista podia alcançar. Uma grande multidão estava se reunindo ali. Recostei-me, esfreguei um lado do rosto com a mão e olhei para Ted. Ele ergueu os punhos até a altura dos ombros, sorriu, e levantou bruscamente os dedos médios de cada mão.

Não falou, mas seus lábios se moveram e li-os sem dificuldade: Merda!

Ninguém soube o que acontecera entre nós. Ele parecia disposto a falarem voz alta, mas eu queria manter aquilo entre nós dois por algum tempo. Eu disse:

CAPÍTULO 16

- MEU PAI ME ODIOU POR TANTO TEMPO quanto eu conseguia lembrar.

Essa afirmação é muito radical e reconheço que parece falsa. Parece impertinente e realmente absurda - o tipo de arma que garotos sempre usam quando o velho não quer ceder o carro para sua bolinagem com Peggy Sue no drive-in ou quando ele diz que se você for reprovado em História Mundial pela segunda vez, ele vai lhe dar uma coça que você não esquecerá. Neste alegre dia e idade quando todo mundo pensa que a psicologia é a dádiva de Deus, a pobre e velha raça humana com fixação anal, e até mesmo o presidente dos Estados Unidos, engole um tranqüilizante antes do jantar, é realmente uma boa maneira de o cara livrar-se daquelas culpas do Velho Testamento que continuam a subir para nossa garganta como a azia de uma refeição ordinária em que comemos demais. Se diz que seu pai o odiava em criança, você pode sair e assaltar a vizinhança, cometer estupro, incendiar a sala de bingo dos Cavaleiros de Pitias e ainda alegar inocência.

Mas significa também que ninguém vai acreditarem você se for verdade. Você é o menininho que deu o falso alarme. E no meu caso é verdade. Oh, nada aconteceu de realmente espantoso até depois daquela coisa com o Carlson. Não acho que papai realmente soubesse disso até aquela ocasião. Mesmo que a gente pudesse escavar até a própria raiz de seus motivos, ele provavelmente diria - no máximo - que me odiava para meu próprio bem.

Tempo de metáfora no velho curral: para papai, a vida era como um precioso carro antigo. Porque ele é a um só tempo precioso e insubstituível, a gente o mantém imaculado e em perfeitas condições de funcionamento. Uma vez por ano, a gente o leva à exposição de Carros Antigos da localidade. jamais se permite que qualquer graxa envenene a gasolina, nenhuma sujeira pode chegar ao carburador, nenhum parafuso pensaria sequer em afrouxar no eixo motor. O carro tem que ser regulado, oleado e engraxado a cada 1.600km e a gente tem que encerá-lo todos os domingos pouco antes do jogo de beisebol profissional na TV. O lema de meu pai: Mantenha-o Bem Apertado e Mantenha-o Direito. E se um passarinho caga em cima do pára-brisas, a gente limpa a merda antes que ela possa secar ali.

Essa era a vida de papai e eu era a merda de passarinho em seu pára-brisa.

Homem grandalhão, tranqüilão, cabelos louros, possuía uma tez que queimava facilmente e na sua face havia uma expressão vaga - mas não desagradável -, alguma coisa de simiesco. No verão ele sempre parecia zangado, o rosto vermelho de queimadura de sol e os olhos fitando-nos beligerantes como pálidos brilhos de água. Mais tarde, quando eu já tinha dez anos de idade, ele foi transferido para Boston e nós só o vamos nos fins de semana, mas antes disso serviu em Portland e, no que me

interessava, ele era igual a qualquer outro pai de 9:00h às 5:00h, exceto que sua camisa era cáqui e não branca e a gravata sempre preta.

Diz na Bíblia que os pecados dos pais se transformam em castigos aos filhos e isso pode ser verdade. Mas posso acrescentar que os pecados dos pais de outros filhos transformaram-se também em castigos para mim.

Ser oficial recrutador era muito duro para papai e muitas vezes pensei que ele teria sido muito mais feliz se servisse no mar - para não dizer o quanto mais feliz eu teria sido também. Para ele era como ter que ir ver os carros de valor inestimável de outras pessoas serem levados para o monte de sucata, cobertos de lama, corroídos pela ferrugem. Ele recrutava Romeus de escola secundária que deixavam atrás suas Julietas grávidas. Recrutava homens que não sabiam no que estavam se metendo e homens que se importavam apenas com aquilo de que estavam se livrando. Recrutava os mal-humorados jovens que haviam sido obrigados a escolher entre um tempo na Marinha e um tempo no Reformatório de South Portland. Pegava contabilistas apavorados que haviam obtido nota máxima no exame de saúde e que teriam feito qualquer coisa para ficar longe daqueles amarelos no Vietnã. E recrutava aqueles evadidos escolares de boca mole que tinham que ser treinados antes de poder assinar seus nomes e que tinham um QI do mesmo número do tamanho de seus chapéus.

E havia eu, bem aliem casa, com algumas das florescentes características atribuíveis a todos os tipos acima. Eu era um desafio e tanto. Mas você tem que saber que ele não me odiava apenas porque eu acontecia estar ali: ele me odiava porque não estava à altura do desafio. Poderia ter sido se eu não houvesse sido mais filho de minha mãe do que dele e se minha mãe e eu não soubéssemos disso. Ele me chamava de filhinho de mamãe. Talvez eu fosse.

Certo dia, no outono de 1962. meti na cabeça atirar pedras nas janelas adicionais contra o inverno que meu pai estava se aprontando para instalar. Estávamos em começo de outubro, um sábado, e papai estava trabalhando da maneira como fazia tudo, com uma precisão detalhada que impedia qualquer erro e desperdício.

Em primeiro lugar, tirou todas as janelas que estavam na garagem (recém-pintada na primavera anterior, verde, para combinar com o acabamento da casa) e encostou as enfileiradas com todo o cuidado na parede da casa, uma ao lado de cada janela. Ainda posso vê-lo, alto, queimado de sol e com aparência raivosa, mesmo sob o frio sol de outubro, no ar embriagador de outubro, tão frio como beijos. Outubro é um mês bacana.

Eu me encontrava sentado no degrau de baixo do terraço da frente, brincando de "Estátua" e observando. De vez em quando, um carro passava rápido, subindo a Estrada 9 na direção de Winsor ou descendo a 9 a caminho de Harlow ou Freeport. Mamãe estava dentro de casa, tocando piano. Alguma obra menor - Bach, acho. Mas, também, tudo o que mamãe tocava parecia Bach. O vento ora trazia ora empurrava a música para longe e nesse momento levava-a para longe. Todas as vezes em que escuto hoje aquela peça, lembro-me daquele dia. Fuga de Bach para janelas de Tempestade, em Lá Menor.

Eu continuava sentado, brincando de "Estátua". Um Ford 1956. com placa de outro estado, passou. Levando alguém que ia caçar perdizes e faisões. Um tordo pousou no

olmo que lançava sombras nas paredes de meu quarto à noite e bicou entre as folhas caídas à procura de um verme. Minha mãe continuava a tocar, a mão direita sussurrando a melodia, a esquerda fazendo o contraponto. Mamãe podia tocar boogie-woogie que era uma maravilha, quando lhe dava na veneta, mas isso não acontecia com freqüência. Ela simplesmente não gostava de boogie e provavelmente isso era bom. Até mesmo os boogies dela pareciam compostos por Bach.

De repente, pensei como seria maravilhoso quebrar todas aquelas janelas de inverno. Quebrá-las uma após outra: primeiro os painéis superiores e, em seguida, os de baixo.

Você poderia pensar que isso era uma espécie de vingança, consciente ou inconsciente, uma maneira de dar o troco ao velho marujo exigente, todos os homens em alerta. Mas a verdade é que não consigo me lembrar de ter absolutamente colocado meu pai nesse quadro. O dia estava agradável e bonito. Era um belo dia de outubro para quebrar janelas.

Levantei-me, fui até o acostamento da estrada e comecei a juntar pedras. Eu usava bermudas e enchi os bolsos com tantas pedras que no fim devia ter parecido que eu estava levando ali ovos de avestruz. Outro carro passou e eu acenei. O motorista respondeu também com um aceno. Vi uma mulher ao lado dele com um bebê nos braços.

Cruzei o gramado, tirei uma pedra do bolso e joguei-a na janela de inverno que estava ao lado da janela da sala de estar. Atirei-a com toda força de que fui capaz. Errei. peguei outra pedra, aproximei-me até ficar bem em frente daquela janela. Por um curtíssimo momento, um calafrio passou por minha mente, perturbando-me os pensamentos. Eu não podia errar. E não errei.

Dei a volta em torno da casa quebrando janelas. Em primeiro lugar, a janela da sala de estar, depois a da sala de música. Ela estava encostada no lado de tijolo da casa e depois que a quebrei olhei para dentro e para mamãe, tocando piano ali. Ela usava uma combinação azul transparente. Quando ela me viu olhando para dentro, sobressaltou-se um pouco a atingiu uma nota dissonante, mas depois dirigiu-me um grande e doce sorriso e continuou a tocar. Você vê como era a coisa. Ela nem mesmo me ouviu quebrar a janela.

Engraçado, de certa maneira: não havia a sensação de eu estar fazendo alguma coisa errada, apenas de estar fazendo uma coisa agradável. A percepção seletiva de um menino pequeno é uma coisa estranha. Se as janelas estivessem presas em seus lugares, eu nunca teria sonhado em quebrá-las.

Eu olhava para a última janela, a que estava no lado de fora do escritório de meu pai, quando uma mão caiu em cima de meu ombro e me virou. Meu pai. Fulo de raiva. Eu nunca o vira tão furioso assim. Os olhos estavam saltando das órbitas e ele mordia a língua como se estivesse tendo um ataque. Gritei, tal o medo que ele me causou. Era como se fosse mamãe vindo para a mesa do café da manhã usando uma máscara de Halloween.

- Ordinário!

Ele me levantou do chão com as duas mãos, a mão direita prendendo-me as pernas nos tornozelos e a esquerda prendendo meu braço esquerdo contra o peito, e depois me jogou no chão. Com força - com tanta força quanto pôde, acho. Fiquei caído ali, sem fôlego, olhando para o desalento e a compreensão que lentamente começavam a surgir em seu rosto, dissolvendo-lhe a explosão de raiva. Eu não conseguia chorar, falar, ou mesmo mover o diafragma. Sentia, sim, uma dor paralisante no peito e na virilha.

- Foi sem querer - disse ele, ajoelhando-se ao meu lado. - Você está bem? Está bem, Chuck?

Era assim que ele me chamava quando brincávamos de luta no quintal.

Meus pulmões se abriram num arquejo espasmódico, violento. Abri a boca e soltei um tremendo zurro. O som me assustou, e o grito seguinte foi ainda mais alto. Lágrimas transformaram tudo em prismas. O som do piano parou.

- Você não devia ter quebrado aquelas janelas - disse ele. A raiva estava substituindo o desalento. - Agora, cale a boca. Seja homem, pelo amor de Deus.

levantou-me rudemente no mesmo momento em que mamãe dava a volta correndo pela esquina da casa, ainda usando combinação.

- Ele quebrou todas as janelas de inverno - disse meu pai. - Vá vestir alguma coisa.

- Qual é o problema? - gritou ela. - Oh, Charlie, você se cortou? Onde? Mostre onde.

- Ele não se cortou - disse enojado meu pai. - Ele está é com medo de levar uma surra. E vai mesmo.

Corri para mamãe. enterrei o rosto em sua barriga, sentindo a seda macia e confortadora da camisa, cheirando o seu doce cheiro. Minha cabeça me parecia inchada e carnosa, como um nabo. Minha voz se transformara em um zurro alquebrado de jumento. Fechei com força os olhos.

- Que história é essa de dar uma surra nele? Ele está roxo: Se você o machucou, Carl...

- Ele começou a chorar quando me viu chegar, pelo amor de Deus.

As vozes vinham do alto, acima de mim, como declarações amplificadas de cumes de montanhas.

- Lá vem um carro - disse ele. - Entre, Rita.

- Vamos, amor - chamou minha mãe. - Dê um sorriso para sua mãezinha. Um grande sorriso. - Empurrou-me para longe de seu estômago e enxugou as lágrimas sob meus olhos. Uma mãe jamais enxugou suas lágrimas? Sobre isso aqueles poetas de segunda-classe têm razão. É uma das grandes experiências da vida, na mesma categoria que seu primeiro jogo de beisebol e sua primeira polução noturna. Calma, calma, querido. Papai

não quis machucar você.

- Aquele era Sam Castinguay e a mulher- disse meu pai. - Agora você deu àquele linguarudo um motivo para falar. Tomara...

- Vamos, Charlie - cortou-o minha mãe, pegando-me a mão. - Vamos tomar um chocolate. Na minha sala de costura.

- O diabo que você vai - disse secamente papai. Olhei novamente para ele, ali de punhos cerrados em frente à única janela que conseguira salvar. - Ele vai é vomitar o chocolate quando eu acabar a surra que vou dar nele.

- Você não vai dar surra em ninguém - retrucou mamãe. - Você já o deixou semimorto de medo...

Ele aproximou-se dela, não se importando mais com a combinação, ou com Sam e sua esposa. Pegou-a pelo ombro e apontou para o vidro denteado da janela.

- Olhe! Olhe! Ele fez isso, e agora você quer lhe dar chocolate! Ele não é mais nenhum bebê, Rita. Já é hora de desmamá-lo!

Agarrei-me aos quadris de mamãe, apavorado. Ela soltou o ombro com um repelão. Marcas brancas de dedos apareceram em suas carnes por um momento e depois se encheram de vermelho.

- Entre - disse ela calmamente. - Você está sendo muito idiota, Carl.

- Eu vou...

- Não me diga o que é que você vai fazer - gritou ela subitamente, avançando sobre ele. Instintivamente, ele recuou. - Entre! Você já causou danos demais. Entre! Vá procurar seus amigos e encha a cara! Vá pra qualquer lugar! Mas... saia de minha vista!

- Castigo - disse meu pai, em voz pausada. - Alguém lhe ensinou essa palavra na faculdade ou eles viviam lá ocupados demais, enchendo sua cabeça com essa conversa fiada liberal? Na próxima vez, ele pode quebrar coisas mais valiosas do que janelas de inverno. E algumas vezes depois, pode quebrar seu coração. A destruição gratuita...

- Vá embora! gritou ela.

Comecei a chorar novamente e me afastei dos dois. Durante um momento, fiquei entre os dois, cambaleante. Em seguida, minha mãe me ergueu nos braços. Está tudo bem, querido, dizia ela, mas eu estava observando papai, que nos dera as costas e se afastava em passos pesados, como um menininho mal-humorado. Só então, quando vi com que enorme facilidade, aprendida com a prática, ele fora banido, é que comecei a ousar odiá-lo também.

Enquanto tomávamos chocolate na sala de costura dela, contei a mamãe que papai me havia jogado no chão! Disse a ela que papai havia mentido!

Isso fez com que me sentisse maravilhosamente bem e muito forte.

CAPÍTULO 17

- O QUE FOI QUE ACONTECEU DEPOIS? - perguntou Susan Brooks, a respiração presa.

- Não muita coisa - respondi. - A coisa passou.

Tendo contado a história, fiquei levemente surpreso por tê-la deixado entalada na garganta por tanto tempo. Conheci um garoto, Herk Orville, que comeu um camundongo. Desafiei-o a fazer isso, e ele engoliu-o. Cru. Era apenas um pequeno rato de campo. Não parecia machucado quando o encontramos. Talvez ele tivesse simplesmente morrido de velhice. De qualquer modo, a mãe de Herk estava por ali pendurando as roupas na corda e aconteceu que olhou para nós, sentados na areia ao lado dos degraus dos fundos da casa. Olhou justamente a tempo de ver o rato descer pela garganta de Herk, a cabeça primeiro.

Ela gritou - com que medo a gente pode ficar quando um adulto grita! -, veio correndo e enfiou o dedo na garganta de Herk. Herk vomitou o rato, o hambúrguer que havia comido no almoço e um líquido pastoso que parecia sopa de tomate. E ele estava justamente começando a contar-lhe o que era que estava acontecendo quando ela vomitou. E ali, no meio de todo aquele vômito, o velho rato morto não fez absolutamente uma má figura. Não há dúvida que tinha melhor aparência do que o resto daquele troço. A moral parece ser que vomitar seu passando quando o presente é ainda pior faz com que parte do vômito pareça quase saboroso. Cheguei a começar a dizer isso a eles, mas depois pensei que isso apenas os enojaria - tal como a história da Operação Plástica Nasal dos índios Cherokees.

- Papai ficou na geladeira durante alguns dias. Só isso. Não houve divórcio. Nada de sensacional.

Carol Granger começou a dizer alguma coisa, mas foi nesse momento que Ted se levantou. O rosto dele estava branco como queijo, com exceção de duas manchas vermelhas em fogo, uma em cima de cada malar. Sorria. Eu contei que ele usava o cabelo num corte bunda de pato? Sebento, fora de moda, não no estilo cool. Mas Ted conseguia se safar, mesmo com isso. Naquela fração de segundo em que se levantou, ele parecia a alma de James Dean que vinha me pegar, e meu coração acovardou-se.

- Eu vou agora tomar essa arma de você, seu tipo de merda - disse ele, sorrindo, os dentes muito brancos e regulares.

Tive que fazer uma força danada para manter a voz firme, mas acho que me saí muito bem:

- Sente-se, Ted.

Ted não se adiantou, mas vi perfeitamente com que vontade ele queria fazer isso. - Aquela história me deu vontade de vomitar, sabia? Querendo botar a culpa de uma coisa como esta em seus pais.

- Eu disse que estava procurando...?

- Cale a boca - cortou-me ele em voz cada vez mais alta e estridente. - Você matou duas pessoas!

- Poxa, que grande observador é você para ter notado isso - disse eu.

Ele fez um horrível movimento ondulatório com as mãos, mantendo-as à altura da cintura. Eu sabia que, mentalmente, ele me agarrara e me engolira.

- Largue essa arma, Charlie - continuou e: e, sorrindo. - Simplesmente largue a arma e lute lealmente comigo.

- Por que foi que você deixou o time de futebol, Ted? - perguntei amigavelmente.

Era muito difícil dar a impressão de cordial, mas funcionou. Ele pareceu atordoado, repentinamente inseguro, como se ninguém, além do solidamente previsível treinador, jamais tivesse ousado lhe perguntar isso. Pareceu que, de repente, tornou-se consciente de que era o único que estava de pé ali. Coisa mais ou menos parecida com a impressão que um cara dá quando descobre que o fecho da calça está aberto e está tentando pensar numa boa e discreta maneira de subi-lo- de modo que aquilo pareça um ato de Deus.

- Esqueça isso - retrucou ele. - Solte essa arma.

Aquilo parecia melodramático como o inferno. Falso. Ele sabia disso.

- Teve medo de perder os colhões? O seu sempre amado saco? Foi isso?

Irma Bates arquejou. Sylvia, porém observava a cena com certo interesse predatório.

- Você...

Inesperadamente, sentou-se. Alguém soltou um risinho no findo da sala. Sempre fiquei em dúvida sobre quem, exatamente, fez aquilo. Dick Keene? Harmon jackson?

Mas notei o rosto deles. E o que vi, surpreendeu-me. Pode mesmo dizer que me chocou. Porque havia prazer naqueles rotos. Houve um acerto de contas, um tiroteio verbal, você poderia dizer, e eu ganhara. Mas por que isso os fazia felizes? Tal como aquelas fotos enfurecedoras que a gente às vezes vê no jornal de domingo... "Porque essas pessoas estão rindo? Veja na página 41." Apenas, não havia paia mim uma página que eu pudesse ver.

E é importante saber, entendeu? Pensei muito no caso, torturei o que me restu ainda de

cérebro, e não sei. Talvez fosse apenas o próprio Ted, bonitão e valente, cheio do mesmo machismo natural que mantém as guerras bem-freqüentadas. Simples ciúme, então. A necessidade de ver todo mundo no mesmo nível, enganando-se no mesmo coro de corrida de ratos, para parafrasear Dylan. Tire a máscara, Ted, e sinta-se como o resto de nós, gente comum.

Ted continuava a me olhar furioso e eu sabia muito bem que ele não estava derrotado. Apenas, na próxima vez, ele talvez não fosse tão direto. Talvez, na próxima vez, ele tentasse um ataque de flanco.

Talvez seja apenas o espírito da turba. Ataque quem se destaca.

Mas eu não acreditava nisso naquela ocasião e nem acredito agora, embora isso explicasse muita coisa. Não, a mudança sutil, do lado da gangorra de Ted para o meu, não podia ser ignorada como um grunhido de emoção de massa. A turma sempre destrói o estranho, o que se destaca, o mutante. Ele era um cara que a gente teria orgulho de saber que estava lá embaixo no quarto da bagunça com nossa filha. Não. a coisa estava em Ted, não neles. Tinha que estarem Ted. Comecei a sentir estranhos tentáculos de excitação no baixo-ventre - da mesma maneira que um colecionador de borboletas deve sentir-se quando pensa que acaba de ver uma nova espécie adejando naquelas moitas.

- Eu sei por que Ted largou o futebol - disse manhosamente uma voz.

Olhei em volta. Fora Chiqueiro quem falara. Ted quase saltou da cadeira ao ouvir o som daquela voz. Estava começando a parecer um pouco abatido.

- Pois diga - ordenei.

- Se abrir a boca, eu o mato - avisou Ted, falando em voz pausada. E virou o sorriso para Chiqueiro.

Chiqueiro pestanejou como se apavorado e passou a língua pelos lábios. Era a primeira vez em sua vida em que tinha um interesse pessoal em alguma coisa e nesse momento não sabia se ousava exercê-lo. Claro, quase todo mundo ali poderia ter dito como ele obtivera qualquer informação que porventura tivesse. A mãe dele, a Sra. Dano, passava a vida comparecendo a bazares, vendas de coisas usadas, ceias da igreja e escola, e tinha o nariz mais comprido e bisbilhoteiro de Gares Falls. Eu desconfiava que ela ostentava também o recorde de escutar ás escondidas. Era capaz de exibir a roupa suja de qualquer pessoa antes mesmo que você terminasse de dizer já-ouviu-a-última-sobre-Sam Delacorte.

Eu... - começou Chiqueiro e desviou a vista quando Ted fez um gesto impotente de agarrar com as mãos.

- Vá em frente e conte - pediu de repente Sylvia Ragan. - Não deixe que o Menino de Ouro meta medo em você, quer9dinho.

Chiqueiro dirigiu-lhe um sorriso trêmulo e disse explosivamente:

- A sra. f oves é uma alcoólatra. Teve que internar-se em algum lugar para se tratar das bebedeiras. Ted teve que ajudarem casa.

Silêncio durante um segundo.

- Eu vou matá-lo, Chiqueiro - disse Ted, levantando-se, o rosto mortalmente pálido.

- Não, isso não é direito - proibi. - Você mesmo disse isso. Sente-se.

Ted olhou-me furioso e, por um momento, pensei que ele ia perder o controle e me atacar. Se tivesse feito isso, eu o teria matado. Talvez ele visse isso rio meu rosto. Voltou a sentar-se

- De modo que - continuei -, o esqueleto finalmente saiu do armário. Onde é que ela está se tratando, Ted?

- Cale a boca - respondeu ele, a voz rouca.

Um pouco de cabelo caíra sobre a testa dele. Parecia vaselinada. Era a primeira vez que o cabelo me dava essa impressão.

- Oh, ela já voltou - disse Chiqueiro, c endereçou a Ted um sorriso pedindo perdão.

- Você disse que ia matar Chiqueiro - lembrei, pensativo.

- Eu o matarei - murmurou Ted, os olhos vermelhos e sinistros.

- Nesse caso, você poderá botar a culpa em seus pais - continuei eu, sorrindo. - Isso não vai ser um alivio?

Ted apertava nesse momento com força as bordas da carteira. As coisas não estavam se desenvolvendo a seu gosto, absolutamente. Harmon Jackson sorria maldosamente nesse momento. Talvez ele tivesse uma velha conta a acertar com Ted.

- Foi seu pai quem a levou a isso? - perguntei bondosamente. - Como foi que aconteceu? Chegando tarde em casa o tempo todo? A ceia queimou e tudo isso? Dando uma bicada no sherry, um pouquinho no início? Oi, oi.

- Eu vou matar você - gemeu ele.

Eu o estava alfinetando - tirando a alfinetadas toda merda dele - e ninguém estava me dizendo para parar. Era incrível. todos eles observavam Ted com um tipo vidrado de interesse, como se estivessem esperado o tempo todo que houvesse alguma varejeira embaixo daquela pose toda.

- Deve ser difícil viver casada com um importante funcionário de banco - sugeri. - Olhe a coisa desta maneira. Ela provavelmente não compreendeu que estava se excedendo na bebida. A coisa pode pegar a gente desprevenido, pense no caso assim. Pode dominar a pessoa. E não é culpa dela, é? Oi, oi.

- Cale a boca! - gritou ele.

- E aconteceu, bem ali debaixo de seu nariz, mas a coisa simplesmente se descontrolou. Meio revoltante, não? Ela realmente se desmilingüiu, Ted? Conte pra gente. Desabafe. Ela vivia simplesmente entornando por toda a casa, foi isso?

- Cale a boca! Cale a boca!

- Bebendo enquanto assistia ao "Disque Dólar"? Vendo monstros nos cantos da casa? Ou ficava calada a esse respeito? Ela via monstros? Via? Ela virou monstro?

- Sim, foi repugnante! - zurrou ele de repente para mim, a boca cheia de saliva. - Quase tão repugnante como você! Assassino! Assassino!

- Você escrevia a ela? - perguntei suavemente.

- Por que eu escreveria a ela? - perguntou ele, alucinado. - Por que eu escreveria a ela? Ela preferiu uma rota de fuga.

- E você não pôde mais jogar futebol.

Em voz muito clara, Ted Jones disse:

- Puta bêbada.

Carol Granger arquejou e o feitiço foi quebrado. Os olhos de Ted pareceram clarear um pouco. A luz vermelha desapareceu deles e ele se deu conta do que havia dito.

- Eu vou pegá-lo por causa disso, Charlie - disse ele em voz tranqüila.

- Você poderia. Você poderia conseguir sua oportunidade. - Sorri. - Uma velha puta bêbada como mãe. Isso é realmente asqueroso, Ted.

Ted permaneceu sentado, em silêncio, olhando-me fixamente.

E acabou aí. A gente podia desviar a atenção para outras coisas - pelo menos, no momento. Eu tinha um palpite de que poderíamos voltar a Ted. Ou que ele me pegaria.

Lá fora as pessoas se moviam nervosamente.

O relógio zumbiu.

Ninguém disse nada durante muito tempo, o que pareceu ser um longo tempo. Nesse momento, havia um bocado de coisas em que pensar.

CAPÍTULO 18

SYLVIA RAGAN, FINALMENTE, QUEBROU O SILÊNCIO. Lançou a cabeça para trás e riu longamente, com gosto, alto. Várias pessoas, eu inclusive, sobressaltaram-se. Ted Jones, não. Continuava em sua própria viagem.

- Vocês sabem o que eu gostaria de fazer depois que isto acabar? - perguntou ela.

- O quê? - perguntou Chiqueiro.

Ele pareceu surpreso de ter falado outra vez. Sandra Cross fitava-me gravemente. Tinha os tornozelos cruzados da maneira que moças bonitas fazem quando querem contrariar rapazes que querem olhar por baixo de seus vestidos.

- Eu gostaria de publicar isto em uma revista de contos policiais. "Sessenta Minutos de Terror com o Maníaco de Placerville". Arranjaria uma pessoa que escrevesse bem para preparar a matéria. Joe McKennedy ou Phil Franks... ou talvez você, Charlie. Que tal você acha isso?

Soltou uma gargalhada e Chiqueiro acompanhou-a, experimentalmente. Acho que ele estava fascinado pela coragem de Sylvia. Ou talvez fosse apenas a sexualidade descarada dela. Ela de jeito nenhum estava com os tornozelos cruzados.

No gramado, haviam chegado mais dois carros com milicianos estaduais. Os bombeiros iam levantando acampamento. O alarme de incêndio parara alguns minutos antes. Bruscamente, o sr. Grace separou-se da multidão e começou a dirigir-se para as portas principais do prédio. Uma leve brisa sacudiu as abas de seu paletó-esporte.

- Mais companhia - anunciou Corky Herald.

Levantei-me, dirigi-me para o aparelho de comunicação interna, movi o botão para TRANSMITE-RECEBE. Voltei a sentar-me, suando um pouco. O Sr. Don-Deus-Nos-Dê-Sua-Luz estava a caminho. E ele não era nenhum peso-leve.

Segundos depois ouvimos aquele clique oco que significa que a linha está aberta. O sr. Grace disse:

- Charlie?

A voz dele estava muito calma, muito sonora, muito segura de si.

- Como vai você, vigarista? - perguntei.

- Ótimo, obrigado, Charlie. E você, como vai?

- No controle da situação - respondi cordialmente.

Risadinhas de alguns dos rapazes.

- Charlie, antes disto acontecer, nós conversamos sobre arranjar ajuda para você. Agora, você cometeu um ato muito anti-social, não acha?

- Pelos padrões de quem?

- Pelos padrões da sociedade. Charlie. Em primeiro lugar, o Sr. Carlson e, agora, isto. Vai deixar que ajudemos?

Eu quase lhe perguntei se meus colegas estudantes não faziam parte da sociedade, porque ninguém ali embaixo parecia muito transtornado por causa da sra. Underwood. Mas não podia fazer isso. Isso teria transgredido um conjunto de regras que eu estava justamente começando a compreender.

- Como foi que fiz isso? - mugi. - Eu já disse àquele sr. Denver como tou arrependido por ter dado uma porrada na cabeça daquela menina com um bastão de beisebol. Eu quero que alguém trate de minha pobre cabeça! Eu quero minha pobre alma salva e tornada branca como neve! Como é que eu faço isso, reverendo?

Disse tudo isso em palavras erradas na pronúncia e com sotaque de negro.

Pat Fitzgerald, que era quase tão negro como o ás de espadas, riu e sacudiu a cabeça.

- Charlie, Charlie - disse o sr. Grace, como se estivesse muito triste -, só você, pode salvar agora a sua alma.

Não gostei disso. Parei de berrar e coloquei a mão sobre a pistola, como se para ganhar coragem. Não gostei absolutamente daquilo. Ele tinha um jeito de convencer a gente. Eu conversara um bocado como ele desde que quebrara a cabeça do sr. Carlson com uma chave de grifo. Ele sabia realmente convencer a gente.

- Sr. Grace?

- O que é, Charlie?

- Tom contou à polícia o que eu disse?

- Você não está se referindo ao "Sr. Denver"?

- O que quer que seja. Ele...

- Sim, ele transmitiu sua mensagem.

- Eles já decidiram como é que vão cuidar de mim?

- Não sei, Charlie. Estou mais interessado em saber se você já decidiu como vai cuidar de si mesmo.

Oh, ele estava me convencendo, estava mesmo. Exatamente como me convencera depois daquele caso com o sr. Carlson. Mas, também, eu fora obrigado a ir conversar com ele. Naquela circunstância conseguiria desligá-lo a qualquer momento que quisesse. Exceto que eu não podia, e ele sabia que eu não podia. Era normal demais ser coerente. E eu estava sendo observado por meus iguais sem igual.

- Está suando um pouco? - perguntei no intercomunicador.

- Você está?

- Vocês, caras - disse eu, uma ponta de amargura insinuando-se em minha voz -, vocês são todos iguais.

- Somos? Se é assim, todos nós queremos ajudá-lo

Ele ia ser uma noz muito mais difícil de descascar do que fora o velho Tom Denver. Isso era óbvio. Conjurei a figura de Don Grace em minha mente. Safado, baixote, elegante. Careca na coroa da cabeça, grosas costeletas, como se para compensar a calvície. Gostava de paletós de tweed com remendo de mentirinha em couro nos cotovelos. Um cachimbo sempre cheio de alguma coisa que vinha de Copenhague e que cheirava a merda de vaca. Um homem com uma cabeça cheia de instrumentos afiados e curiosos. Um fodedor de mente, um garanhão de cabeça. É para isso que serve um psiquiatra, amigos e vizinhos. O trabalho deles é foder os mentalmente perturbados e engravidá-los com racionalidade. É um trabalho de touro, eles vão para a escola a fim de aprender como fazer isso e todos seus cursos são variações de uma tema: Convencendo os Psicos por Divertimento e por Lucro, Principalmente Lucro. E se você se descobre um dia deitado no sofá do grande analista com as pernas abertas, como tantos antes de você, eu lhe pediria que se lembrasse de uma coisa: quando você recupera a sanidade mental graças a um garanhão, a criança sempre se parece com o pai. E eles apresentam uma taxa de suicídios muito alta.

Mas eles fazem a gente se sentir solitário, pronto para chorar, botam a gente pronto para vomitar tudo, se eles apenas prometerem ir embora por algum tempo. O que é que nós temos? O que é que nós, realmente, temos? Mentes como a de apavorados homens obesos, implorando aos olhos que se levantam para nós em terminais de ônibus ou restaurantes e que ameaçam olhar-nos com desprezo, desinteressados. Ficamos acordados à noite e nos imaginamos usando chapéus brancos de formas variadas. Não há cabaço suficientemente resistente para resistir ao pau experimentado da psiquiatria moderna. Mas talvez isso fosse okay. Talvez, agora, eles jogassem meu jogo, todos aqueles chicanistas e piranhas.

- Deixe-nos ajudá-lo, Charlie - dizia nesse momento o sr. Grace.

- Mas deixando que o senhor me ajudasse, eu o estaria ajudando - respondi, como se a idéia tivesse acabado de me ocorrer. - Não quero fazer isso.

- Por quê, Charlie?

- Sr. Grace?

- Sim, Charlie.

- Na próxima vez em que o senhor me fizer uma pergunta, vou matar alguém aqui embaixo.

Ouvi o sr. Grace sugar a respiração, como se alguém acabasse de lhe dizer que seu filho sofrera um acidente de carro. Foi um som de grande falta de confiança. E me fez sentir muito bem.

Todos ali na sala me olhavam com grande atenção. Ted Jones levantou a cabeça devagar, como se acabasse de acordar. Vi a conhecida nuvem negra de ódio em seus olhos. Já os olhos de Anne Lasky estavam esbugalhados e assustados. Os dedos de Sylvia Ragan dançavam um lento e sonolento balé enquanto ela remexia na bolsa, procurando outro cigarro. Sandra Cross me fitava cheia de seriedade, gravemente, como se eu fosse um médico ou um padre.

O sr. Grace voltou a falar.

- Cuidado! - avisei-o, seco. - Antes de dizer alguma coisa, tome cuidado. O senhor não está mais fazendo seu jogo. Entenda isso. Está fazendo o meu. Afirmações apenas. Com todo cuidado. Pode ser bem cuidadoso?

Ele não disse nada, absolutamente, sobre minha metáfora sobre jogo. Foi nesse momento que comecei a pensar que o tinha na mão.

- Charlie...

Seria isso quase uma súplica?

- Muito bem. O senhor acha que, depois disto, vai poder conservar seu emprego, sr. Grace?

- Charlie, pelo amor de Deus...

- Está ainda melhor.

- Solte-os, Charlie. Salve sua vida. Por favor.

- O senhor está falando ligeiro demais. Logo, logo, vai fazer uma pergunta e isso vai ser o fim de alguém.

- Charlie...

- Como foi que o senhor cumpriu suas obrigações militares?

- O quê...

Um súbito assovio da respiração quando ele cortou a frase que ia começando.

- O senhor quase matou alguém - lembrei. - Cuidado, Don. Posso chamá-lo de Don, não? Claro. Cuidado com essas palavras, Don.

Eu estava estendendo as mãos para pegá-lo.

Ia quebrá-lo.

Naquele segundo, achei que talvez pudesse quebrar todos eles.

- Acho melhor desligar, por ora, Charlie.

- Se desligar antes de eu dizer que pode, mato alguém. O que você vai fazer é ficar aí e responder a minhas perguntas.

O primeiro desespero suado, tão bem escondido como suor no sovaco em um baile de formatura do primeiro grau.

- Eu, realmente, não devo, Charlie. Não posso assumir a responsabilidade por...

- Responsabilidade? - gritei. - Deus do céu, você vem assumindo a responsabilidade desde que o soltaram da faculdade! Agora, na primeira vez em que sua bunda está se mostrando, você quer tirar o corpo fora! Mas eu agora estou na boléia da carroça e, por Deus, você vai puxá-la! Ou então eu faço o que disse. Entendeu bem? Você me entendeu?

- Eu não vou fazer um jogo de salão barato, com vidas humanas servindo como favores, Charlie.

- Meus parabéns - cumprimentei - o. - Você acaba de descrever a psiquiatria moderna. Isso deve ser uma definição de manual, Don. Agora, ouça bem: você mija pela janela, se eu mandar. E Deus tenha pena de você se eu o flagrar dizendo uma mentira. Está pronto para ser sincero, Don? Está na sua melhor forma?

Ele tomou uma respiração entrecortada. Queria perguntar se eu estava realmente falando sério, mas tinha medo de que eu pudesse responder com um tiro, em vez de com a boca. Queria estender a mão e desligar a aparelhagem de comunicação interna, mas sabia que ouviria e eco do tiro no prédio vazio, reverberando pelo corredor embaixo como uma bola de boliche lançada pelo inferno pela longa pista.

- Muito bem. - disse eu.

Desabotoei os punhos da camisa. Lá no gramado, os policiais, Tom Denver e o sr. Johnson permaneciam inquietos, esperando pela volta de seu touro reprodutor vestido de tweed. Interprete meus sonhos, Sigmund. Borrife-os com o esperma de símbolos e

faça-os crescer. Mostre-me como somos diferentes de, digamos, cães raivosos e velhos tigres cheios de sangue ruim. Mostre-me o homem que se esconde entre minhas poluções noturnas. Eles tinham todos os motivos para estar confiantes (embora não dessem essa impressão). Em sentido simbólico, o sr. Grace era o Desbravador do Mundo Ocidental. Touro reprodutor armado de bússola.

A respiração entrecortada de Grace Gordinho chegava-me pela pequena caixa rendilhada do alto-falante acima de minha cabeça. Especulei se, ultimamente, ele interpretara alguns sonhos. A mim mesmo perguntei quais seriam os seus quando a noite finalmente caísse.

- Muito bem, Don. Vamos todos ficar de pau duro.

CAPÍTULO 19

- DE QUE MODO VOCÊ CUMPRIU seus deveres militares?

- No Exército, Charlie. Isso não vai dar resultado nenhum.

- Em que posição?

- Como médico.

- Psiquiatra?

- Não.

- Há quanto tempo você vem praticando a psiquiatria?

- Cinco anos.

- Você já deu uma chupada em sua mulher?

- O que... - Pausa apavorada, furiosa. - Eu... eu não conheço o significado dessa frase.

- Vou refraseá-la, então. Já praticou coito oral-genital com sua mulher?

- Não vou responder. Você não tem o direito.

- Eu tenho todos os direitos. Você não tem nenhum. Responda, ou mato alguém. E lembre-se, se mentir e eu descobrir, mato alguém. Você já praticou...?

- Não!

- Há quanto tempo vem praticando a psiquiatria?

- Cinco anos.

- Por quê?

- O que... Bem, porque ela me realiza. Como pessoa.

- Sua mulher teve um caso amoroso com algum outro homem?

- Não.

- Com outra mulher?

- Não!

- Como é que você sabe?

- Ela me ama.

- Sua mulher já fez uma chupeta em você, Don?

- Eu não sei o que...

- Você sabe muito bem o que eu quero dizer!

- Não, Charlie, eu...

- Você colou alguma vez em exame na faculdade?

(Pausa)

- Absolutamente, não.

- Num questionário?

- Não.

Ataquei.

- Então como é que você pode dizer que sua mulher nunca realizou práticas orais-genitais com você?

- Eu... Eu nunca... Charlie...

- Onde foi que você fez seu treinamento básico?

- F-Fort Benning.

- Em que ano?

- Não me lem...

- Dê o ano ou vou passar fogo em alguém aqui embaixo.

-1956.

- Foi praça?

- Eu... eu não... - Foi praça? Foi soldado raso?

- Fui... fui oficial. Primeiro-tenen...

- Eu não lhe perguntei isso!- berrei.

- Charlie... Charlie, pelo amor de Deus, acalme-se...

- Em que ano terminou seu serviço militar?

- 1956.

- Você deve seis anos a seu país! Você está mentindo! Vou matar...

- Não! - gritou ele. - Guarda Nacional! Estive na Guarda!

- Qual era o nome de solteira de sua mãe?

- G-G-Gavin.

- Por quê?

- O que... Não estou entendendo o que você quer...

- Por que o nome de solteira dela era Gavin?

- Porque o nome do pai dela era Gavin. Charlie...

- Em que ano você fez seu treinamento básico?

- Mil novecentos e cinqüenta e se... seis!

- Você está mentindo. peguei-o, não, Don?

- Não!

- Você começou a dizer cinqüenta e sete.

- Eu me confundi.

- Vou atirarem alguém aqui. Na barriga, acho. É isso.

- Charlie, pelo amor de Jesus!

- Não deixe isso acontecer novamente. Você foi pracinha, certo? No Exército?

- Fui... não... Fui oficial...

- Qual era o nome intermediário de seu pai?

- J John. Cha-Charlie, controle-se. Não...

- Você já fez minete em sua mulher, meu chapa?

- Não.

- Você está mentindo. Você disse que não sabia o que isso significava.

- Você me explicou! - Ele respirava em pequenos grunhidos rápidos. - Solte-me, Charlie, solte-me...

- Qual é a sua seita religiosa?

- Metodista.

- No coro?

- Não.

- Freqüentou a Escola Dominical?

- Freqüentei.

- Quais são as quatro primeiras palavras da Bíblia? (Pausa).

- "No começo criou Deus..."

- Primeiro versículo do Salmo 23?

- O... humm... "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará".

- E você chupou sua mulher pela primeira vez em 1956?

- Chupei... não... Charlie, deixe-me em paz...

- Treinamento básico, em que ano?

- Mil novecentos e cinqüenta e seis!

- Antes, você disse mil novecentos e cinqüenta e sete! - berrei. - Vai ser agora! Vou estourara cabeça de alguém agora mesmo!

- Eu disse mil novecentos e cinqüenta e seis, seu safado!

Gritando, sem fôlego, histérico.

- O que foi que aconteceu com Jonas, Don?

- Ele foi engolido por uma baleia.

- A Bíblia fala em um grande peixe. Era isso o que você queria dizer?

- Era. Um grande peixe. Claro que era.

Deploravelmente nervoso.

- Quem construiu a arca?

- Noé.

- Onde foi que você fez seu treinamento básico?

- Forte Benning. Mais confiante, terreno conhecido. Ele estava se deixando embalar.

- Você já chupou sua mulher?

- Não.

- O quê?

- Não?

- Qual é o último livro da Bíblia, Don?

- O Apocalipses.

- Na verdade, é apenas O Apocalipse. Sem s. Certo?

- Certo, claro, certo.

- Quem o escreveu?

- São João.

- Ouviu alguma vez revelações apocalípticas de seu pai, Don?

Risada estranha, aguda, cacarejante, de parte de Don Grace. Alguns garotos piscaram inquietos ao som da risada.

- Ahh... não... Charlie... não posso dizer que tenha ouvido.

- Qual era o nome de solteira de sua mãe?

- Gavin.

- Cristo figura entre os mártires?

- F-figura...

Ele era metodista demais para ter realmente certeza.

- Como é que ele foi martirizado?

- Na cruz. Crucificado.

- O que foi que, na cruz, Cristo perguntou a Deus?

- "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

- Don?

- Sim, Charlie.

- O que foi que você acabou de dizer?

- Eu disse "Deus meu, Deus meu, por que..." - Oh, não, Charlie. isso não é leal! - Você fez uma pergunta.

- Você me induziu a isso!

- Você acaba de matar uma pessoa, Don. Sinto muito.

- Não!

Atirei no chão. A classe, que estivera escutando com atenção hipnótica, tensa, encolheu-se. Vários garotos gritaram. Chiqueiro desmaiou de novo e bateu no chão com um agradável som surdo de carne. Não sei se o sistema de intercomunicação captou o som, mas isso realmente não importava.

O sr. Grace estava chorando. Soluçando como um bebê.

- Satisfatório - disse eu, sem me dirigir a ninguém em particular. - Muito satisfatório.

As coisas pareciam estar se desenvolvendo maravilhosamente bem.

Deixei que ele soluçasse durante quase um minuto. Os policiais haviam avançado para a escola ao som do tiro. Tom Denver, ainda apostando em seu psiquiatra, porém, deteve-os, de modo que essa parte estava ótimo. O sr. Grace chorava como um menino muito pequeno, impotente, desesperançado. Eu o obrigara a foder-se a si mesmo com seu próprio grande membro, como numa daquelas experiências estranhíssimas que a gente lê no Penthouse Forum. Arrancara-lhe a máscara de feiticeiro e o tornara humano. Mas não guardava isso contra ele. Se errar é humano, é divino perdoar. E eu acreditava sinceramente nisso.

- Sr. Grace? - disse eu finalmente.

- Eu vou sair agora - respondeu ele. E em seguida, com uma chorosa rebeldia: E você não vai me deter.

- Está tudo bem - respondi ternamente. - O jogo acabou, sr. Grace. Desta vez não estivemos jogando pra valer. Não há ninguém morto aqui embaixo. Atirei no chão.

Urna pausa para respiração. Depois, cansadamente:

- Como é que posso acreditarem você, Charlie?

Porque teria havido um estouro de boiada.

Em vez de dizer isso, apontei:

- Ted?

- Sou eu, Ted Jones, sr. Grace - disse mecanicamente Ted.

- S-sim, Ted.

- Ele atirou no chão - continuou Ted, em voz de robô. - Todo mundo aqui está bem.

Sorriu em seguida e voltou a falar. Apontei-lhe a pistola e ele fechou a boca com um estalo.

- Obrigado, Ted... Obrigado, meu rapaz.

O sr. Grace voltou a soluçar. Depois do que pareceu um longo, longo tempo, ele desligou o aparelho de comunicação. Um bom tempo depois disso, ele reapareceu no gramado, dirigindo-se para o enclave de policiais, paletó de tweed com falsos remendos de camurça nos cotovelos, cabeça calva brilhando, bochechas brilhando. Andava devagar, como se fosse um velho.

Foi espantoso o quanto gostei de vê-lo andando daquele jeito.

CAPÍTULO 20

- OH, POXA - DISSE RICHARD KEENE, falando dos fundos da sala, a voz parecendo cansada e sussurrante, quase exausta.

Interrompida por uma voz baixa, selvagemente feliz:

- Eu achei isso o maior barato!

Espichei o pescoço para ver melhor. Era uma garota baixinha, parecendo uma boneca holandesa, chamada Grace Stanner. Era bonitinha de uma maneira que atraía os garotos dos cursos profissionalizantes que ainda penteavam com brilhantina os cabelos para trás e usavam meias brancas. Cercavam-na no corredor como se fossem zangões. Ela usava suéteres apertadas e saias curtas. Quando ela andava tudo saracoteava - ou como disse Chuck Berry em sua sabedoria, que maravilha ver alguém roubar o espetáculo. Pelo que eu sabia, a mãe dela não era nenhum modelo de virtudes. Era uma espécie de piranha e passava a maior parte do tempo fazendo ponto no Denny's, na South Main, a uns 800m do que aqui em Placerville chamam de a esquina. O Denny's nunca será confundido com o Caesar's Palace. E há sempre um bocado de mentes mesquinhas em cidades mesquinhas, prontas para pensar: tal mãe, tal filha. Nesse momento, ela usava uma suéter com cardigã cor-de-rosa e saia verde-escura pela altura das coxas. Seu rosto estava incandescente, malicioso. Inconscientemente, ela erguera um punho fechado até a altura do ombro. E havia alguma coisa clara e comovente naquele momento. Senti, realmente, minha garganta apertar-se.

- Vá em frente, Charlie! Foda todos eles!

Um bocado de cabeças giraram bruscamente e um bocado de bocas caíram, mas não fiquei surpreso demais. Eu lhe falei sobre a bolinha da roleta, não? Claro que falei. - De várias maneiras - em um bocado de maneiras - ela continuava a girar. Loucura é apenas uma questão de grau e há um bocado de pessoas além de mim que sentem a ânsia de cortar cabeças. Vão às corridas de stock-cars, a filmes de horror e lutas que apresentam na Portland Expo. Talvez o que ela dissera tivesse um sabor de todas essas coisas, mas eu a admirava por as ter dito em voz alta, ainda assim - pois o preço da honestidade é sempre alto. Mas ela possuía uma compreensão admirável dos princípios básicos. Além do mais, era minúscula e bonitinha.

Irma Bates virou-se para ela, o rosto estirado de indignação. De repente, tive a impressão de que o que estava acontecendo com Irma devia ser quase cataclísmico.

- Boca suja!

- Foda-se você também! - respondeu Grace, sorrindo. Em seguida, como uma reflexão

tardia - Nojenta!

Irma deixou a boca cair outra vez. Lutou para encontrar palavras. Viu-lhe a garganta movimentado-se enquanto as tentava, rejeitava, escolhia outras, procurando as palavras de poder que achatariam a cara de Grace, fariam seus seios cair 12cm para a barriga, levantariam veias varicosas naquelas coxas macias e lhe deixariam grisalhos os cabelos. Certamente havia aquelas palavras em algum lugar, era apenas uma questão de encontrá-las. E assim continuou a lutar e com aquele queixo fugidio e testa saliente (ambos generosamente borrifados de cravos) ela parecia uma rã.

Finalmente, ela disparou:

- Deviam matá-la, exatamente como vão matá-lo, sua puta!

Lutou para arranjar munição. Aquela certamente não era suficiente. Não podiam expressar ainda todo o horror e indignação que sentia por aquele violento rasgão na costura de seu universo.

- Matem todas as putas. As putas e as mães das putas!

A sala estivera calma, mas naquele momento tornou-se absolutamente silenciosa. Um poço de silêncio. Um holofote mental fora dirigido para Irma e Grace. Para todos os efeitos, poderiam as duas estarem um poço de luzem um imenso palco. Até essas últimas palavras, Grace estivera sorrindo. nesse momento, o sorriso desapareceu.

- O quê? - perguntou devagar. - O quê? O quê?

- Ordinária! Vagabunda!

Grace levantou-se, como se fosse recitar poesia.

- Minha-mãe-trabalha-numa-lavanderia-sua-puta-gorda-e-é-melhor-que-você-retire-o -que-disse!

Os olhos de Irma rolaram num triunfo contido e desesperado, o pescoço liso e lustroso de suor: o suor nervoso da adolescente condenada, daquelas que ficam em casa nas noites de sexta-feira e assistem a velhos filmes na TV e olham para o relógio. Aquelas para as quais o telefone está sempre mudo e a voz da mãe é a voz de Thor. Aquelas que tocam incessantemente a sombra de bigode entre o nariz e o lábio superior. Aquelas que vão ver Robert Redford com suas namoradas e voltam sozinhas para revê-lo na tela no dia seguinte, com as palmas das mãos cruzadas úmidas no colo. Aquelas que sofrem lendo longas e raramente enviadas cartas a John Travolta, escritas ao lado de fortes e indiferentes luzes de gabinete. Aquelas para as quais o tempo tornou-se um lento e sonhados trenó do destino, trazendo apenas quartos vazios e a recordação de velhos suores. Isso mesmo, o pescoço estava lustroso de suor. Eu não o enganaria, não mais do que enganaria a mim mesmo.

Ela abriu a boca e zurrou:

- FILHA DE PROSTITUTA!

- Muito bem - disse Grace. Partiu pelo corredor na direção de Irma, os braços estendidos ã frente do corpo como se fosse um hipnotizador de teatro. Possuía unhas muito compridas, pintadas de cor-de-pérola. - Vou arrancar seus olhos, sua xoxotona.

- Filha de prostituta, filha de prostituta.

Irma estava quase cantando essas palavras.

Grace sorriu, os olhos ainda iluminados e travessos. Não se apressava subindo o corredor, mas tampouco estava se atrasando. Não. Continuava a andar no mesmo ritmo. Ela era bonita, como eu nunca notara antes, bonita e um amorzinho, como se houvesse se transformado em um camafeu secreto de si mesma.

- Tudo bem, Irma- disse. - Estou chegando. Chegando para arrancar seus olhos.

Irma, subitamente consciente da gravidade da situação, encolheu-se toda em sua carteira.

- Pare - disse eu a Grace.

Não levantei a pistola, mas coloquei a mão em cima dela.

Grace parou e levantou, curiosa, os olhos em minha direção. Irma pareceu aliviada, e também inocentada, como se eu houvesse assumido características de um Deus que intervinha apropriadamente.

- Filha de prostituta - disse em tom confidencial à classe. - A sra. Stanner organiza uma open house todas as noites, logo que volta do bar. E com afilha como aprendiz praticante.

Sorriu sentimentalmente para Grace, um sorriso que supostamente devia transmitir uma pena superficial, insultuosa, mas que em vez disso apenas frisava seu próprio vazio pavor. Grace continuava a me olhar, indagadora.

- Irma? - perguntei polidamente. - Pode me dar um momento de atenção, Irma?

Quando ela me olhou, compreendi perfeitamente o que estava acontecendo. Seus olhos tinham um lustro brilhante, mas ainda assim opaco. Rosto vermelho nas bochechas mas lívido na testa. Parecia uma espécie de maquilagem que uma mãe pode fazer na filha na noite de Halloween. Ela estava explodindo de raiva. A coisa toda ofendera qualquer morcego guinchante que passava por alma. Estava pronta para subir direta para o céu ou mergulharem picada para o inferno.

- ótimo - disse eu quando as duas me olharam. - Bem, temos que manter a ordem aqui. Tenho certeza de que vocês reconhecem isso. Sem ordem, o que é que fica? A selva? E a melhor maneira de manter a ordem é resolver nossos problemas de uma maneira civilizada.

- Apoiado, apoiado! - exclamou Harmon Jackson.

Levantei-me, fui até o quadro-negro e peguei um pedaço de giz na borda. Desenhei um grande círculo no chão de mosaico, talvez de 1,50in de diâmetro. Conservei também de olho Ted fones enquanto fazia isso. Volteiem seguida à mesa e sentei-me.

Indiquei o círculo com um gesto.

- Por favor, meninas.

Grace adiantou-se rapidamente, bonitinha, um amorzinho. A tez dela era lisa e clara.

Irma permaneceu sentada, imóvel como uma pedra.

- Irma - chamei. - Ora, Irma. Você fez as acusações e sabe muito bem disso.

Irma parecia um pouco surpresa, como se a idéia de acusações houvesse aberto a explosões uma nova cadeia de pensamentos em sua mente. Inclinou a cabeça, levantou-se da cadeira com uma mão cobrindo pudicamente a boca, como se para abafar uma risadinha pequenina, coquete. Percorreu em passos pequenos o corredor e entrou no círculo, colocando-se tão longe de Grace quanto possível, olhos modestamente baixos, mãos cruzadas na cintura. Parecia pronta para cantar Granada no Programa de Calouros.

Sem qualquer motivo explicável, pensei. O pai dela vende carros, não?

- Muito bem - continuei. - Agora, como foi insinuando na igreja, na escola e mesmo na televisão, um único passo fora do círculo significa morte. Entendido?

Elas entenderam. Todos ali entenderam. Isso não é a mesma coisa que compreensão, mas dava pró gasto. Quando a gente pára pra pensar, a idéia de compreensão tem um gosto levemente arcaico. tal como o som de idiomas esquecidos ou um olhar a uma câmera obscura vitoriana. Nós americanos somos muito mais competentes em entendimento simples. Torna muito mais fácil ler as placas quando estamos entrando na cidade pela via expressa a mais de 80km por hora. A fim de compreender, a boca mental tem que abrir o suficiente para fazer os tendões rangerem. O entendimento, porém, pode ser comprado em qualquer estante de livros em brochuras na América.

- Bem - prossegui -, eu gostaria aqui de um mínimo de violência física. Já tivemos demais disso para pensar. Acho que suas bocas e mãos nuas serão suficientes, meninas. Eu serei o árbitro. Concordam?

As duas inclinaram a cabeça.

Enfiei a mão no bolso traseiro da calça e tirei o meu lenço vermelho. Eu o comprara na loja de nada-além-de de Ben Frank e, umas duas vezes, usara-o na escola, amarrado em volta do pescoço, muito europeu, mas me cansara do efeito a passara a usá-lo como limpador de catarro mesmo. Burguês até a medula, assim sou eu.

- Quando deixar cair o lenço. podem começar. Primeiro, você, Grace, que parece ser a acusada.

Grace inclinou vivamente a cabeça. Havia rosas em suas bochechas. Isso é o que minha mãe sempre diz de quem tem uma tez afogueada.

- Pare com isso! - gritou Ted fones. - Você disse que não ia machucar ninguém, Charlie. Agora, pare com isso! - Seus olhos brilhavam em desespero. - Simplesmente, pare com isso!

Por nenhuma razão que eu pudesse entender, Don Lordi riu feito doido.

- Foi ela quem começou, Ted Jones - disse, esquentada, Sylvia Ragan. - Se uma etíope de peito mole chamasse minha mãe de prostituta...

- Prostituta, prostituta suja - concordou pudicamente Irma.

- ... eu arrancaria os nojentos olhos dela!

- Você está doida! - mugiu Ted para ela, seu rosto cor de tijolo. - Nós poderíamos detê-lo! Se a gente se juntasse, a gente poderia...

- Cale a boca, Ted - disse Dick Keene. - Tudo bem?

Ted olhou em volta, viu que nem tinha apoio nem simpatia, e calou-se, olhos sombrios e cheios de ódio alucinado. Fiquei contente porque havia uma boa distância de corrida entre a carteira dele e a da sra. Underwood. Se fosse obrigado, eu poderia dar um tiro no pé dele.

- Prontas, meninas?

Grace Stanner sorriu um sorriso sadio, corajoso.

- Mais do que pronta.

Irma inclinou a cabeça. Moça grandalhona, estava nesse momento com as pernas abertas e a cabeça ligeiramente abaixada. Os cabelos eram de uma cor de louro sujo, arrumados em cachos redondos que pareciam rolos de papel higiênico.

Deixei cair o lenço vermelho. A coisa começava.

Grace pensou um pouco. Quase pude vê-Ia pensando até que ponto poderia ir, perguntando-se a si mesma até onde queria ir. Naquele instante, amei-a. Não... amei as duas.

- Você é uma puta gorda, desbocada - começou Grace, olhando Irma no olho. - Você fede. É isso mesmo. Seu corpo fede. Você é um piolho.

- Ótimo - cumprimentei-a, quando ela acabou. - Dê-lhe uma bofetada.

Grace levantou a mão e esbofeteou Irma num dos lados do rosto. A bofetada produziu um som seco, como uma tábua batendo em outra. A suéter subiu acima da cintura da saia quando ela ergueu o braço.

"Hummm!", disse baixinho Corky Herald.

Irma soltou um grunhido abafado. A cabeça saltou vivamente para trás, o rosto se contraiu. Não parecia mais pudica. Na bochecha esquerda apareceu uma mancha grande, vermelha, de febre.

Grace jogou a cabeça para trás, tomou uma respiração brusca, e preparou-se. Os cabelos desciam-lhe pelos ombros, belos e perfeitos. Esperou.

- Irma, pela promotoria - disse eu. - Comece, Irma.

Irma respirava com dificuldade, olhos vidrados e ofendidos, a boca horrorizada. Nesse momento ela não parecia a doce filhinha de ninguém.

Prostituta - disse finalmente, ao que parece resolvendo continuar com a palavra vencedora. O lábio subiu, caiu, e subiu novamente. - Prostituta suja comedora de meninos.

Inclinei a cabeça na direção dela.

Irma sorriu largamente. Ela era muito corpulenta. O braço dela, girando, parecia uma parede. E desceu como um foguete na direção do rosto de Grace. O som foi de um estalo seco.

- Uau! - gemeu alguém.

Grace, porém, não caiu. Todo um lado de seu rosto ficou vermelho, mas ela não caiu. Em vez disso, sorriu para Irma. E Irma se encolheu. Notei isso e mal consegui acreditar. Drácula tinha pés de barro, afinal de contas.

Lancei um rápido olhar à platéia. O pessoal estava em suspense, hipnotizado. Ninguém pensava no sr. Grace, em Tom Denver ou em Charles Everett Decker. Observavam e talvez o que vissem fosse um pouco de suas próprias almas, que lhes era mostrado em um lampejo em um espelho rachado. Lindo. Era como relva nova na primavera.

- Tréplica, Grace? - perguntei.

Os lábios de Grace se arreganharam, mostrando os minúsculos dentes de marfim.

- Você nunca saiu com um namorado, esse é o seu problema. Você é feia. Você cheira mal. E por isso você apenas pensa no que os outros fazem e na sua mente tem que tornar tudo sujo. Você é um percevejo.

Inclinei a cabeça.

Grace mandou a mão e Irma esquivou-se. O golpe pegou-a apenas de raspão, mas ela começou a chorar com um súbito e lento desvalimento.

- Deixe-me sair daqui - gemeu. - Não quero mais nada disso. Charlie. Deixe eu sair daqui!

- Retire o que disse a respeito de minha mãe - ordenou sobriamente Grace.

- Sua mãe chupa pau! - gritou Irma.

O rosto contorcido, os cachos-papel higiênico subiram e desceram loucamente.

- Ótimo - aprovei. - Vá em frente, Irma.

Irma, porém, chorava histericamente.

JJJe-Jesusss... - uivou. Os braços subiram e cobriram o rosto com uma apavorante lentidão. - Deus, eu quero m-m-morrer...

- Peça desculpa - continuou sombria Grace. - Retire o que disse.

- Você chupa pau! - gritou Irma por trás da barricada dos braços.

- Muito bem- disse eu. - Vamos, Irma, última chance.

Desta vez, Irma jogou todo o corpo, a partir dos calcanhares. Vi os olhos de Grace se fecharem em frestas, vi os músculos de seu pescoço endurecerem e se encordoarem. O ângulo do queixo, porém, recebeu a maior força do golpe e sua cabeça moveu-se apenas um pouco. Ainda assim, todo aquele lado de seu rosto ficou vermelho vivo, como se fosse uma queimadura de sol.

Todo o corpo de Irma sacudiu-se e tremeu com a força dos soluços, que pareciam vir de um poço profundo nela que nunca fora explorado antes.

- Você não tem nada - disse Grace. - Você não é nada. Simplesmente uma porca gorda e fedorenta, é isso o que você é.

- Hei, acabe com ela! - berrou Billy Sawyer. Bateu fortemente com ambos os punhos na carteira. - Hei, liquide com ela!

- Você não tem mesmo nenhum amigo - disse Grace, respirando com dificuldade. - Por que você se incomoda em viver?

Irma soltou um baixo e fraco lamento.

- Tréplica encerrada - avisou Grace, virando-se para mim.

- Muito bem - concordei. - Sua vez de bater, agora.

Grace levou o braço para trás. Irma gritou e caiu de joelhos.

- Não me b-b-b-bata. Não me bata mais! Não bata em mim mais...

- Peça desculpa.

- Não posso - chorou Irma. - Não está vendo que eu não posso?

- Você pode. É melhor que possa.

Não se ouviu som nenhum durante um momento, salvo o zumbido do relógio de parede. Nesse momento, Irma levantou a cabeça e a mão de Grace desceu rápida, espantosamente rápida, dando uma pequena e elegante bofetada na bochecha de Irma. O som foi de um tiro de calibre .22.

Irma caiu pesadamente sobre uma mão, os cachos cobrindo-lhe o rosto. Tomou uma enorme e entrecortada respiração e gritou:

- Tudo bem. Tudo bem! Eu peço desculpa!

Grace recuou um passo, a boca semi-aberta, respirando rápida e superficialmente. Ergueu as mãos, palmas estendidas, em um gesto curiosamente delicado, e afastou os cabelos do rosto de Irma, que a fitou estupidamente, incrédula. Colocou-se de joelhos novamente e, por um momento, pensei que ela ia rezar a Grace. Depois, começou a chorar.

Grace olhou para a classe e em seguida para mim. Seus seios eram bem cheios e faziam força contra o tecido macio da suéter.

- Minha mãe fode - disse ela - e eu a amo.

Os aplausos começaram em algum lugar no fundo da sala, talvez com Mike Gavin ou Nancy Caskin. Mas começaram e se espalharam até que todos estavam aplaudindo, todos menos Ted Jones e Susan Brooks. Susan parecia arrasada demais para aplaudir. Olhava para Grace Stanner, que reluzia.

Irma continuou ajoelhada no chão, o rosto entre as mãos. Quando os aplausos morreram (eu olhara para Sandra Cross. Ela aplaudira muito de leve, como se estivesse sonhando), eu disse:

- Levante-se, Irma.

Irma fitou-me em dúvida, o rosto estriado de lágrimas, sério, arrasado, como se ela mesma houvesse estado sonhando.

- Deixe-a em paz - disse Ted, clara cada palavra.

- Cale a boca - protestou Harmon Jackson. - Charlie está indo muito bem.

Ted virou-se em sua cadeira e olhou para ele. Harmon, porém, não abaixou a vista, como poderia ter feito em outra ocasião e lugar. Os dois faziam parte do Conselho dos Alunos - onde Ted, claro, sempre fora o poder.

- Levante-se, Irma - disse eu suavemente.

- Você vai me matar? - sussurrou ela.

- Você disse que sentia muito.

- Ela me obrigou a dizer isso.

- Mas aposto que você sente.

Irma fitou-me estupidamente de baixo do asilo de seus cachos-papel higiênico.

- Eu sempre senti muito - disse ela. - É isso o que t-t-torna tão difícil r-reconhecer.

- Você a perdoa? - perguntei a Grace.

- Hummm? - Grace olhou-me, um pouco confusa. - Oh, sim, claro.

Subitamente, deu-me as costas e voltou para sua cadeira, onde ficou olhando sombriamente para as mãos.

- Irma? - disse eu.

- O quê?

Ela me espiava, como se fosse um cachorro, truculenta, temerosa, deplorável.

- Você quer dizer alguma coisa?

- Não sei.

Levantou-se, aos pouquinhos de cada vez, os braços estranhamente pendentes do corpo, como se ela não soubesse o que fazer com eles.

- Acho que você sabe.

- Você vai sentir-se melhor depois que desabafar, Irma - disse Tanis Gannon. Eu sempre me sinto.

- Deixe-a em paz, pelo amor de Deus - pediu Dick Keene do fundo da sala.

- Eu não quero ser deixada em paz-disse subitamente Irma. - Quero dizer tudo. - Desafiadora, empurrou os cabelos para trás. Sua mãos não eram absolutamente delicadas. - Eu não sou bonita. Ninguém gosta de mim. Nunca saí com um namorado.

Tudo o que ela disse de mim é verdade. É isso.

As palavras jorraram-lhe muito rápidas da boca e ela contraiu o rosto enquanto as pronunciava, como se estivesse tomando um remédio de gosto ruim.

- Cuide um pouco de si mesma - aconselhou Tanis. Em seguida, parecendo embaraçada, mas ainda determinada, continuou: Você sabe, lave-se, raspe as pernas e, ahn, as axilas. Pareça boazinha. Eu não sou nenhuma beleza deslumbrante, mas não fico em casa todos os fins-de-semana. Você poderia fazer isso.

- Eu não sei como!

Alguns dos rapazes começavam a parecer embaraçados, mas as moças se inclinaram para a frente. Pareciam compreensivas, todas elas. Tinham no rosto aquela expressão de confissão coletiva de moças que todo homem parece conhecer e temer.

- Bem... - começou Tanis. Interrompeu-se e sacudiu a cabeça. - Venha pra cá e sente-se.

Pat Fitzgerald soltou uma risadinha.

- Segredo de ofício?

- Isso mesmo.

- Que oficio - disse Corky Herald.

Essas palavras provocaram riso. Irma Bates dirigiu-se para os fundos da sala, onde ela, Tanis, Anne Lasky e Susan Brooks iniciaram algum tipo de confabulação. Sylvia falava baixinho com Grace e os olhos de Chiqueiro pregavam-se avidamente em ambas. Ted fones fazia uma carranca para o ar. George Yannick gravava alguma coisa no tampo da carteira e fumava um cigarro - parecendo muito com um ocupado marceneiro. A maioria dos outros olhava pelas janelas para os policiais, que dirigiam o tráfego ou conversavam em pequenos grupos que pareciam desesperados. Vi Don Grace, o bom e velho Tom Denver, e Jerry Kesserling, o guarda de trânsito.

Uma campainha disparou subitamente com uma barulheira infernal, fazendo com que todos nós saltássemos em nossos assentos. E fez com que saltassem também os guardas lá fora. Uns dois deles sacaram suas armas.

- Sineta de mudança de classe - disse Harmon.

Olhei para o relógio de parede. Eram 9:50h. Às 9:05h eu estivera em minha carteira junto à janela, olhando para o esquilo. Nesse momento, o esquilo fora embora, o bom e velho Tom Denver fora embora, e a sra. Underwood fora realmente embora. Pensei no caso e cheguei à conclusão de que eu tinha ido embora, também.

CAPÍTULO 21

CHEGARAM MAIS TRÊS CARROS da polícia estadual e também alguns cidadãos da cidade. Os guardas tentaram enxotá-los dali, com maior ou menor grau de sucesso. O sr. Frankel, dono da Frankel's Jewelry Store & Camera Shop, chegou em seu Pontiac Firebird novo e conversou durante muito tempo com Jerry Kesserling. Enquanto falava, empurrava constantemente os óculos que teimavam em deslizar pelo nariz. Jerry estava tentando livrar-se dele, mas o sr. Frankel insistia em fazer-se de desentendido. Era também membro do conselho municipal e amigo íntimo de Norman Jones, pai de Ted.

- Minha mãe comprou para mim um anel na loja dele - disse Sarah Pasterne, olhando de soslaio para Ted. - O azinhavre deixou meu dedo verde logo no primeiro dia. - Minha mãe diz que ele é um vigarista - disse Tanis.

- Hei! - disse Chiqueiro em voz sufocada. - Lá está minha mãe!

Todos nós olhamos. E, de fato, lá estava a sra. Dano conversando com um dos milicianos estaduais, a combinação aparecendo uns 2cm abaixo da barra do vestido. Ela era uma dessas mulheres que faz 50% de conversa com as mãos. Elas adejavam e estalavam como se fossem bandeiras e isso me fez pensarem sábados de outono no campo de futebol: prendendo... cortando... obstrução ilegal. Acho que, nesse caso, teríamos que dizer que era agarramento ilegal.

Todos nós a conhecíamos de vista, e de reputação. Ela dirigia um bocado das funções da Associação de Pais e Professores e era membro respeitado do Clube das Mães. Vá a pessoa a uma ceia para levantar dinheiro para a viagem de uma classe, ou a uma dança de Sadie Hawkins no ginásio, ou a uma excursão dos ultimanistas, e quase tia certa encontrará a sra. Dano à porta, pronta com a velha mão oferecida, sorrindo como se não houvesse amanhã e reunindo fragmentos de informação do jeito que uma rã pega moscas.

Chiqueiro mexeu-se nervosamente na cadeira, como se tivesse que ir ao banheiro.

- Hei, Chiqueiro, sua mãe está chamando - disse Jack Goldmam do fundo da sala.

- Deixe ela chamar- murmurou Chiqueiro.

Chiqueiro tinha uma irmã mais velha, Lilly Dano, que era ultimanista na ocasião em que todos nós éramos calouros. Possuía um rosto que se parecia um bocado com o de Chiqueiro, o que não a tornava candidata de ninguém para Rainha dos Adolescentes. Um cara da primeira série clamado LaFollet St. Armand começou a pajeá-la e em seguida meteu o pau nela. LaFollet sentou praça nos fuzileiros, onde provavelmente lhe ensinaram a diferença entre seu fuzil e sua arma - qual era a para atirar e qual a para se divertir. Nos dois meses seguintes, a sra. Dano não compareceu a nenhuma função da

Associação de Pais e Professores. Lilly foi despachada para a casa de uma tia em Boxford, Massachusetts. Pouco depois disso, a sra. Dano voltou à velha posição, sorrindo mais do que nunca. Isso, amigos, é um clássico de cidade pequena.

- Ela deve estar muito preocupada com você - observou Carol Granger.

- E daí? - perguntou indiferente Chiqueiro.

Sylvia Ragan sorriu para ele. Chiqueiro enrubesceu.

Ninguém falou durante algum tempo. Olhamos o pessoal da cidade circular por ali, de um lado para outro, por trás das barricadas da polícia, pintadas de amarelo-vivo, que estavam sendo colocadas. Entre eles, vi outros pais e mães. Não vi nem o pai nem a mãe de Sandra nem o alto Joe McKennedy. Ilei, eu, afinal de contas, não esperava que ele aparecesse por ali. Os circos nunca foram nosso estilo.

Um carro de reportagem da WGAN-TV parou lá fora. Um dos caras desceu, ajeitando com cuidado o membro na calça e conversou com um guarda. O guarda apontou para a estrada. O cara que havia arrumado o membro voltou ao carro de reportagem e mais dois caras desceram e começaram a descarregar equipamento de filmagem.

- Alguém aí tem um radiotransistor? - perguntei.

Três deles ergueram as mãos. O de Corky era o mais possante, um Sony de 12 transistores que ele guardava na pasta. Funcionava em seis faixas de onda, incluindo TV, onda curta e CB. Colocou-o em cima da carteira e ligou-o. Exatamente na hora do noticiário das 10:00h.

"A principal manchete: Charles Everett Decker, ultimanista da Escola Secundária Placerville..."

- Everett! - repetiu alguém com uma risadinha.

- Cale a boca - ordenou secamente Ed.

"... aparentemente enlouqueceu esta manhã e neste momento mantém 24 colegas como reféns em uma sala de aula na escola. Sabe-se que uma pessoa, Peter Vance, de 37 anos de idade, professor de história em Placerville, está morto. Outra professora, a sra. Underwood, também de 37 anos, também teria sido morta. Decker apoderou-se do sistema de comunicação interna e teve dois contatos com a diretoria da escola. A lista dos reféns é a seguinte..."

O locutor releu a lista que eu fornecera a Tom Denver.

- Estou no rádio! - exclamou Nancy Caskin quando chegaram a seu nome.

Pestanejou e sorriu, incerta. Melvin Thomas assoviou. Nancy ficou vermelha e disse-lhe para calar a boca.

"... e George Yannick. Frank Philbrick, chefe da polícia estadual do Maine, pede que todos os amigos e parentes se mantenham longe da cena. Supõe-se que Decker seja perigoso e Philbrick enfatizou que ninguém sabe a esta altura o que pode provocar um ataque nele. `Temos que supor que o rapaz está ainda com o dedo no gatilho', disse Philbrick."

- Quer puxar meu gatilho? - perguntei a Sylvia.

- Sua trava de segurança está no lugar? - perguntou ela imediatamente, e a classe rugiu, deliciada.

Anne Lasky riu cobrindo a boca com as mãos. Ted Jones, o chato da festa praticante, fechou a cara.

"... Grace, o psiquiatra da Placerville e conselheiro de orientação, conversou com Decker pelo serviço de comunicação interna há apenas alguns minutos. Grace contou aos repórteres que Decker ameaçou matar alguém na sala se ele, Grace, não deixasse imediatamente o escritório no andar superior."

- Mentiroso! - exclamou Grace Stanner em voz musical.

Irma deu um pequeno salto na cadeira.

- Quem é que ele pensa que é? - perguntou furioso Melvin. - Será que ele pensa que pode se safar com essa merda?

"... e disse também julgar Decker uma personalidade esquizofrênica, possivelmente além de qualquer outro ponto que não a fronteira da loucura. Grace concluiu suas apressadas observações dizendo: 'A esta altura, Charles Decker pode, concebivelmente, fazer qualquer coisa.' Policiais das cidades vizinhas de..."

- Que merda mais fedorenta! - exclamou furiosa Sylvia. - Quando nós sairmos daqui vou dizer àqueles caras o que realmente aconteceu com aquele cara! Eu vou...

- Cale a boca e escute! - disse-lhe secamente Dick Keene.

"... e Lewiston foram chamados à cena. Neste momento, de acordo com o capitão Philbrick, a situação é de impasse. Decker jurou que matará se for usado gás lacrimogêneo e as vidas de 24 crianças estão em jogo..."

- Crianças - disse subitamente Chiqueiro. - Crianças isto, crianças aquilo. Eles o apunhalaram pelas cosas, Charlie. Já. Crianças. Ah. Merda. O que é que eles pensam que está acontecendo? Eu...

- Ele está dizendo alguma coisa sobre... - começou Corky.

- Esqueça. Desligue o rádio - ordenei. - Isto parece mais interessante. - Fixei em Chiqueiro meu mais duro e inflexível olhar. - No que é que você está pensando, parceiro?

Chiqueiro indicou Irma com o polegar.

- Ela acha que a vida é dura com ela - disse. - A vida dela. Ah.

Riu de repente, um riso amalucado. Sem nenhuma razão especial que eu pudesse descobrir, ele tirou um lápis do bolso interno e olhou-o. Era um lápis vermelho.

- Lápis Be-Bop - disse Chiqueiro. - Os lápis mais baratos que existem na face da Terra, é isso o que eu penso. Não posso apontá-los, absolutamente. O grafte se quebra. Todos os meses de setembro, desde que comecei no primário, mamãe chega do Mammoth Mart com 200 lápis Be-Bop numa caixa plástica. E eu os uso, Jesus!

Quebrou o lápis vermelho entre os dedos e ficou olhando para ele. Para dizer a verdade, eu de fato penso que aquele lápis era muito ordinário. Eu sempre usei Eberhard Faber.

- Minha mãe - continuou Chiqueiro. - É assim que ela é. Duzentos lápis Be-Bop em uma caixa plástica. Sabem qual é a grande coisa que ela faz? Além daquelas ceias de merda onde dão à gente um grande prato de hambúrguer e uma xícara de papel de Jell-O de laranja cheia de cenoura ralada? Ahn? Ela entra em concursos. É o hooby dela. Centenas de concursos. O tempo todo. É assinante de todas as revistas femininas e entra nos sweepstakes. Por que ela gosta de Rinso quando lava suas pecinhas mais elegantes, em 25 palavras ou menos. Minha irmã ganhou um gatinho uma vez e mamãe nem quis saber dela conservá-lo.

- A tal que engravidou? - perguntou Corky.

- Não deixou nem ela pensarem conservá-lo - continuou Chiqueiro. - Afogou-o na banheira quando ninguém quis ficar com ele. Lilly suplicou a ela que pelo menos o levasse ao veterinário, onde o bichinho poderia pelo menos tomar gás, e mamãe disse que quatro dólares de gás era dinheiro demais para gastar com um gato sem valor.

- Oh. coitadinho - disse Susan Brooks.

- Juro por Deus, ela fez isso mesmo, na banheira. Todos esses malditos lápis. Ela compra uma camisa nova para mim? Ahn? Talvez, no meu aniversário. Eu digo: "Mãe, você devia ouvir o que os garotos me chamam. Mãe, pelo amor de Deus". Eu não ganho nem mesada, ela diz que precisa do dinheiro para comprar selos e poder entrar nos concursos. Uma camisa nova no meu aniversário e um carregamento de merda de lápis Be-Bop numa caixa plástica para levar para a escola. Tentei uma vez conseguir um circuito de entrega de jornais, e ela acabou com isso. Disse que havia mulheres de fraca moral que ficam à espreita de garotos depois que os maridos saem para o trabalho.

- Oh, meu Deeeeeus! - mugiu Sylvia.

- E concursos. E ceias da Associação de Pais e Professores. E fiscalizar danças. Agarrando-se a todo mundo. Sugando todas as pessoas e sorrindo.

Fitou-me e sorriu o sorriso mais estranho que eu vira em todo aquele dia. E isso era

dizer um bocado.

- Sabem o que ela disse quando Lilly teve que ir embora? Disse que eu teria que vender meu carro. Aquele velho Dodge que meu tio me deu quando tirei minha carteira de habilitação. Eu disse que não venderia. Disse que tio Fred havia me dado o carro e que eu ia ficar com ele. Ela disse que se eu não o vendesse, ela o venderia. Disse que eu não ia engravidar moça nenhuma no assento traseiro. Foi isso o que ela disse.

Brandiu a metade do lápis partido. O grafite projetava-se da madeira como se fosse um osso preto.

- Eu. Ah. A última vez que saí com uma garota foi num piquenique do oitavo grau. Eu disse a mamãe que não ia vender o Dodge. Ela disse que eu ia. A gente começa dando a ela um motivo por que não pode vender o carro e ela diz: "Neste caso, por que é que você fica tanto tempo no banheiro?" Assim, em cima da bucha. A gente está falando no carro e ela fala sobre o banheiro. Como se a gente estivesse fazendo lá alguma coisa suja. Ela mói a gente. - Olhou pela janela. A sra. Dano não estava mais visível. - Ela mói, mói, mói e sempre vence. Lápis Be-Bop que quebram toda vez que a gente tenta apontá-los. É assim que ela derrota a gente. É assim que ela mói a gente. E ela é tão mesquinha e estúpida, afogou o gatinho, apenas um pequeno gatinho, e ela é tão estúpida que vocês sabem que todo mundo ri dela pelas costas. E o que é que isso faz de mim? Ainda menor e mais estúpido. Depois de um tempo, a gente se sente como um gatinho que entrou numa caixa plástica cheia de lápis Be-Bop e que foi trazido para casa por engano. - A sala estava mortalmente silenciosa. Chiqueiro ocupava o centro do palco. Não acho que ele soubesse disso. Parecia sujo e arrasado, os punhos cerrados em torno das metades partidas do lápis. No lado de fora, um policial entrara no gramado com um carro de radiopatrulha. Estacionou-o paralelo à escola e mais guardas correram para trás do carro, presumivelmente para fazer coisas secretas. Tinham nas mãos espingardas de chumbo. - Acho que não me importaria se ela morresse. - disse Chiqueiro, sorrindo um sorriso Horroroso. - Eu gostaria de ter sua arma, Charlie. Se eu tivesse sua arma, acho que eu mesmo a mataria.

- Você está doido, também - disse cansadamente Ted. - Deus, vocês todos estão ficando doidos, juntamente com ele.

- Deixe de ser tão nojento, Ted.

Era Carol Granger quem falava. De certa maneira, era surpreendente não vê-la ao lado dele. Eu sabia que ele saíra com ela algumas vezes, antes que ela iniciasse seu atual namoro firme, e tipos inteligentes do sistema geralmente fazem causa comum. Ainda assim, fora ela quem rompera com ele. Traçando uma analogia meio desajeitada, eu estava começando a desconfiar que Ted era para meus colegas o que Eisenhower deve ter sido para os sinceros liberais da década de 50 - tinham que gostar dele, de seu estilo, daquele sorriso, daquela folha-de-oficio, daquelas boas intenções, mas havia alguma coisa exasperante e um pouquinho nauseante nele. Vocês podem ver que eu tenho uma fixação em Ted... Por que não? Eu ainda estou tentando compreendê-lo. Às vezes, parece que tudo o que aconteceu naquela longa manhã é simplesmente alguma coisa que eu imaginei, ou alguma fantasia mal cozida de escritor. Mas aquilo de fato aconteceu. E às vezes, agora, parece-me que Ted foi o centro de tudo aquilo, não eu. Parece que Ted

induziu todos eles a se transformarem em pessoas que não eram... ou nas pessoas que realmente eram. Tudo o que sei com certeza era que Carol olhava-o desafiadora, não como uma recatada futura oradora que deveria falar sobre os problemas da raça negra. Ela parecia zangada e um nadinha cruel.

Quando penso no governo Eisenhower, penso no incidente com o U-2. Quando penso naquela manhã estranha, penso nas manchas de suor que, lentamente, se espalhava na cava da camisa cáqui de Ted.

- Quando o arrastarem daqui, não vão encontrar nada mais do que casos de loucura - dizia nesse momento Ted.

Olhou cheio de desconfiança para Chiqueiro, que olhava, suado e raivoso, para as metades de seu lápis Be-Bop como se elas fossem as últimas coisas restantes no mundo. O pescoço dele estava encardido, mas que diabo, ninguém estava falando sobre o pescoço dele.

- Eles moem a gente - murmurou ele. Jogou no chão as metades do lápis. Olhou para elas e depois olhou para mim, o rosto estranho e como que atordoado pelo sofrimento. Senti-me contrafeito. - Eles vão moê-lo também, Charlie. Espere só para ver se não vão.

Seguiu-se um embaraçoso silêncio na sala. Eu segurava a pistola com muita força. Sem pensar muito nisso, peguei a caixa de cartuchos e remuniciei com três deles o carregador. A coronha estava suada. De repente, dei-me conta de que estava segurando a arma pelo cano, apontada para mim, não para eles. Ninguém fizera movimento nenhum para me atacar. Ted estava mais ou menos encurvado sobre a carteira, as mãos apertando com força as bordas do tampo, mas não se movera, exceto pela cabeça. Inesperadamente, pensei que tocar a pele dele seria como tocar uma bolsa de pele de crocodilo. Especulei se Carol jamais o beijara, tocara nele. Provavelmente, sim. Esse pensamento deu-me vontade de vomitar.

De repente, Susan Brooks prorrompeu em lágrimas.

Ninguém olhou para ela. Fitei-os e eles me fitaram. Eu estivera segurando a pistola pelo cano. Eles sabiam disso. Haviam visto isso.

Movi os pés e um deles deu um pontapé na sra. Underwood. Olhei para ela, ali embaixo. Ela estivera usando um casaco de motivo escocês simples sobre uma suéter de cashmere marrom. O corpo estava começando a endurecer. A pele dela, provavelmente, daria ao toque a sensação de uma bolsa de crocodilo. Rigor mortis, vocês sabem. Em algum momento, eu deixara uma marca de pé naquela suéter. Por alguma razão, isso me fez pensarem uma foto, que eu vira há muito tempo, de Ernest Hemingway, de pé com um pé em cima de um leão morto e um fuzil na mão e, atrás dele, uma meia dúzia de sorridentes carregadores negros. De repente, precisei gritar. Eu acabara com a vida dela, apagara ela, metera uma bala em sua cabeça e derramara a álgebra.

Susan Brooks colocara a cabeça em cima do tampo da carteira, da maneira como costumavam nos obrigar a fazer no jardim-de-infância quando chegava a hora do cochilo. Usava um lenço azul-claro nos cabelos. Muito bonito. Meu estômago doeu.

- DECKER!

Soltei um grito e virei bruscamente a pistola para a janela. Era um miliciano estadual, usando um alto-falante a bateria. No alto da colina, os repórteres usavam ativamente suas câmeras. Simplesmente moendo... Chiqueiro, afinal de contas, não se enganara tanto assim.

- SAIA, DECKER, COM AS MÃOS PARA CIMA!

- Deixem-me em paz - respondi.

Minhas mãos haviam começado a tremer. O estômago a doer realmente. Eu sempre tive um estômago péssimo. Às vezes, tinha ânsias de vômito seco antes de ir para a escola de manhã ou quando saía com uma garota pela primeira vez. Certa vez, Joe e eu levamos duas garotas para o Harrison State Park. Estávamos em julho, tempo quente e belo. O céu apresentava uma névoa leve, muito alta. Minha garota chamava-se Annamarie. Pronunciava a palavra como se fosse um nome só. Era muito bonita. Usava bermuda verde-escura de veludo cotelê e blusa pulôver de seda. Usava uma bolsa de praia. Estávamos seguindo pela Rodovia 1, na direção de Bath, o rádio ligado e tocando um bom rock'n roll. Brian Wilson, lembro-me, Brian Wilson e os Beach Boys. Joe guiava seu velho Mercury azul - ele chamava o carro de De Blue Frawwwg e em seguida sorria seu sorriso de Joe McKennedy. Todas as janelas estavam abertas. Comecei a ficar enjoado do estômago. Muito ruim. Joe conversava com sua pequena. Falavam de surfe, o que era certamente compatível com os Beach Boys no rádio. Ela era uma pequena vistosa. Chamava-se Rosalynn e era irmã de Annamarie. Abri a boca para dizer estou com vontade de vomitar e vomitei no chão do carro. Parte sujou a pema de Annamarie e a expressão no rosto dela você não pode imaginar qual foi. Ou talvez possa. Todos se esforçaram para levar aquilo numa boa, ignorar o troço. Deixo que todos os caras vomitem em cima de mim na primeira vez que saímos juntos, ah-ah. Não consegui nadar naquele dia. O estômago estava ruim demais. Na maior parte do tempo, Annamarie sentou-se em um cobertor ao meu lado e se queimou. As meninas haviam preparado uma cesta de piquenique. Bebi uma soda mas não consegui comer os sanduíches. Estava pensando no Merc azul de Joe. ali no sol o dia inteiro, e como ia feder na volta para casa. Um falecido Lenny Bruce disse uma vez que ninguém pode tirar uma catota no ombro de um casaco de couro e a isso eu acrescentaria uma das grandes verdades prosaicas: não se pode tirar o cheiro de vômito do forro de um Mercury azul. Fica ali durante semanas, meses, talvez anos. E cheirava exatamente como eu pensava que ia cheirar. Todo mundo fingiu que não sentia nada. Mas sentia.

- SAIA, DECKER, ESTAMOS CANSADOS DE PERDER TEMPO COM VOCÊ!

- Parem com isso! Calem a boca.

Claro que eles não podiam me ouvir. Nem queriam. Esse era o jogo deles.

Você não gosta tanto quando não pode responder, não? - perguntou Ted fones. - Quando não pode fazer um de seus truques sabidos.

- Deixe-me em paz.

Eu dava uma forte impressão de que estava chorando.

- Eles vão acabar com você pelo cansaço - disse Chiqueiro.

Era a voz do juízo final. Fiz força para pensar no esquilo e como o gramado chegava até o prédio, nada de mexer nele. Não consegui. Minha mente era uma palha no vento. A praia, naquele dia, estivera brilhante e quente. Todo mundo tinha um radiotransistor, todos eles ligados para estações diferentes. Joe e Rosalynn tinham pegado jacaré nas ondas verdes como vidro.

- VOCÊ TEM CINCO MINUTOS, DECKER!

- Entregue-se - avisou Ted. Estava segurando com força novamente a borda do tampo da carteira. - Entregue-se enquanto tem uma chance.

Sylvia virou-se bruscamente para ele:

- O que é que você tem que ser? Uma espécie de herói? Por quê? Por quê? Merda, é só isso o que você vai ser, Ted Jones. Eu contarei a eles...

- Não me diga o que...

- ... matar pelo cansaço, Charlie, moer você, espere e...

- DECKER!

- Saia, Charlie...

- ... por favor, você não está vendo que o está perturbando...

- DECKER!

- ... ceias da Associação de Pais e Professores e toda aquela nojenta...

- ... entregar os pontos se deixar que ele faça isso DECKER! moendo você derrotando você pelo cansaço Charlie você não pode NÃO QUEREMOS SER FORÇADOS A ATIRAR até estar pronto para sair deixe-o em paz Ted se você sabe todos vocês o que é bom pra vocês SAIA...

Virei a pistola para as janelas, segurando-a com as duas mãos e puxei o gatilho quatro vezes. Os estrondos ricochetearam pelas paredes da sala como se fossem bolas de boliche. Os vidros das janelas quebraram-se em grandes pedaços que se estilhaçavam. Os milicianos mergulharam e desapareceram de vista. Os cinegrafistas nivelaram-se com o chão. Os grupos de espectadores dissolveram-se e todos correram em todas as direções. Vidro quebrado brilhava e faiscava no gramado como diamantes sobre veludo numa vitrina de joalheria, gemas mais brilhantes do que quaisquer pedras do sr. Frankel.

Não Houve fogo de resposta. Eles estavam blefando. Eu sabia disso. Era meu estômago, aquela droga de estômago. O que mais podiam eles fazer, a não ser blefar?

Ted Jones não estava blefando. Chegou a meio caminho da mesa antes que eu pudesse apontar a pistola para ele. Imobilizou-se e tive certeza de que ele pensava que eu ia atirar nele. Olhava nesse momento para a escuridão às minhas costas.

- Sente-se - ordenei.

Ele não se moveu. Todos os músculos pareciam paralisados.

- Sente-se.

Ele começou a tremer. O tremor pareceu começar nas pernas e subir pelo tronco, braços e pescoço. Chegou à boca, que começou a mover-se em silêncio. Alcançou a bochecha direita, que começou a se contorcer. Os olhos dele permaneceram firmes. Eu tinha que reconhecer isso nele, e com admiração. Uma das poucas coisas que meu pai dizia quando tomava uns tragos e com a qual eu concordava era que nesta geração os garotos não tem muito colhão. Alguns tentam iniciar uma revolução bombardeando os sanitários do governo americano, mas nenhum deles joga coquetéis Molotov no Pentágono. Os olhos de Ted, porém, mesmo que cheios de escuridão, permaneciam firmes.

- Sente-se - repeti.

Ele recuou e sentou-se.

Ninguém gritara na sala. Vários haviam tapado os ouvidos com as mãos. Nesse momento, baixaram-nas cuidadosamente, fazendo uma amostragem do nível de ruído no ar, testando. Procurei o estômago. Continuava no mesmo lugar. Eu recuperara o controle.

O homem do alto-falante estava berrando, mas desta vez não comigo. Estava dizendo às pessoas que se encontravam no outro lado da estrada que se afastassem da área, e logo. E o pessoal estava fazendo isso. Muitos corriam agachados, como Richard Widmark em um dos épicos da Segunda Guerra Mundial.

Uma suave brisa entrou pelas duas janelas quebradas. Pegou uma folha de papel em cima da carteira de Harmon Jackson e empurrou-a para um lado. Ele inclinou-se e apanhou-a no chão.

- Diga mais alguma coisa, Charlie - pediu Sandra Cross.

Senti um estranho sorriso espichar-me os lábios. Queria cantar o estribilho daquela canção popular, aquela sobre belos, belíssimos olhos azuis, mas não consegui me lembrar da letra e, provavelmente, não teria tido coragem de cantar. Eu canto feito um pato. De modo que, simplesmente, fitei-a e sorri meu estranho sorriso. Ela enrubesceu um pouco mas não baixou os olhos. Pensei nela casada com algum chato que usava ternos de cinco botões e em papel de parede bonitinho em tom pastel no seu banheiro. Doeu-me a inevitabilidade daquilo. Todos eles descobrem mais cedo ou mais tarde

como é cafona usar temo em uma dança Sadie Hawkins ou se esconder na mala do carro pare entrar no drive-in sem pagar entrada. Deixam de comer pizza e gastar moedas na vitrola automática no Fat Sammy's. E deixam de beijar os rapazes nos becos. E sempre parecem acabar como a boneca Barbie para recortar na revista Jack and Jill. Dobre na Linha A, linha B, e Linha C. Observe-a Envelhecer Diante de Seus Olhos. Durante um segundo, pensei que poderia dar uma mijada ali, mas evitei essa indignidade especulando se naquele dia ela estava usando calcinha branca.

Eram 10:20h. Eu disse:

CAPÍTULO 22

EU TINHA 12 ANOS QUANDO MAMÃE me comprou um terno de veludo cotelê. Por essa altura, papai praticamente me deixara de lado e eu era responsabilidade de minha mãe. Eu usava o terno para ir à igreja nos domingos e para estudos da Bíblia nas noites de quinta-feira. Com minhas três gravatas-borboleta de pregador. Bacana.

Mas não esperara que ela quisesse me obrigar a usá-la naquela droga de festa de aniversário. Tentei tudo. Discuti com ela, dando razões. Ameacei não ir. Disse mesmo uma mentira - que a festa fora cancelada porque Carol estava com catapora. Um telefonema à mãe de Carol esclareceu esse ponto. Nada funcionou. Na maior parte do tempo, mamãe deixava que eu fizesse o que queria, mas quando metia uma idéia na cabeça, não havia jeito. Escute só isso: em certo Natal, o irmão de meu pai deu a ela aquele estranho quebra-cabeça. Acho que, naquilo, tio Tom entrou em conluio com papai. Ela se divertia um bocado com quebra-cabeças - eu ajudava e os dois pensavam que aquilo era o maior desperdício de tempo na face da Terra. De modo que Tom deu a ela um quebra-cabeça de quinhentas peças que apresentava um único vacínio no canto inferior direito. O resto do quebra-cabeça era puro branco, sem nenhuma tonalidade. Meu pai riu feito um louco. "Vamos ver se você faz esse, mamãe", disse ele. Ele sempre a chamava de "mamãe" quando achava que lhe havia pregado uma boa peça e isso nunca deixava de irritá-la. Ela sentou-se numa tarde no Natal e espalhou as peças do quebra-cabeça na mesa de seu quarto por essa altura, eles dormiam em quartos separados. Nos dias 26 e 27 de dezembro papai e eu comemos "quentinhas" e lanches comprados fora, mas na manhã do dia 28 o quebra-cabeça estava armado. Mamãe tirou uma foto Polaroid do resultado e enviou-o a tio Tom, que mora em Wisconsin. Depois, desfez o quebra-cabeça e guardou-o no sótão. Isso aconteceu há dois anos e, tanto quanto sei, o jogo continua lá. Mas conseguiu armá-lo. Mamãe é uma pessoa humorística, educada, agradável. É bondosa com animais e com mendigos que tocam acordeom. Mas que ninguém a contrariasse ou ela poderia fincar o pé... geralmente na área da virilha do cara.

Eu a estava contrariando. Estava na verdade, repassando meus argumentos pela quarta vez naquele dia, mas o tempo simplesmente se esgotara. A gravata-borboleta agarrava o colarinho como um aranha cor-de-rosa com ocultas pernas de aço, o paletó estava apertado demais, e ela me obrigara mesmo a usar os sapatos de bico quadrado, que eram os melhores que eu possuía. Meu pai não estava em casa, devia estar no Gogan's tomando umas e outras com os velhos amigos, ruas se estivesse ali teria dito que eu "estava nos trinques". Eu me sentia um babaca.

- Escute, mãe...

- Não quero ouvir mais nada a esse respeito, Charlie.

Eu também não queria ouvir mais nada, mas desde que era o candidato ao título de Babaca do Ano, e não ela, senti-me obrigado a fazer a queixa da velha escola:

- Tudo o que estou tentando lhe dizer é que ninguém vai usar terno na festa, mamãe. liguei para Joe McKennedy esta manhã e ele me disse que vai simplesmente usar...

- Simplesmente, cale o bico sobre isso - disse ela, a voz muito macia, e eu calei.

Quando mamãe diz "cale o bico", ela está realmente uma fera. Ela não aprendeu a dizer "cale o bico" no The Guardian.

- Cale o bico, ou você não vai a lugar nenhum.

Mas eu sabia o que aquilo queria dizer. "Não vai a lugar nenhum" aplicava-se a muito mais coisas do que à festa de Carol Granger. Provavelmente significava cinemas, o centro Harlow e aulas de natação no mês seguinte. Mamãe é tranqüila, mas guarda raiva quando não consegue fazer o que quer. Lembrei-me do jogo de quebra-cabeça, que tinha o nome curioso de "O Último Vacínio no Pedaço". O quebra-cabeça a contrariara e nos dois últimos anos não saíra do sótão. E se vocês têm que saber, e talvez alguns de vocês já saibam, eu tinha uma pequena queda por Carol. Eu lhe comprara um lenço com iniciais e fizera pessoalmente o embrulho. Mamãe se oferecera, mas eu dissera não. E não era nenhum lencinho ordinário de 15 centavos, tampouco. Eram vendidos na Lewiston J. C. Penney por 59 centavos e tinha um babado de renda em toda a volta.

- Tudo bem - disse eu mal-humorado. - Tudo bem, tudo bem, tudo bem.

- E não me falte ao respeito, Charlie Decker - retorquiu ela ameaçadora. - Seu pai ainda é muito capaz de lhe dar uma surra.

- E eu não sei disso? - perguntei. - Toda vez que estamos sozinhos num lugar, ele me lembra isso.

- Charlie...

- Já vou indo - respondi rápido, já aparando um possível golpe. - Agüente as pontas aí, mamãe.

- Cuidado para não se sujar - gritou ela enquanto eu passava pela porta. - Não derrame sorvete na calça! lembre-se de dizer obrigado quando se despedir! Diga oi para a sra. Granger!

Não acusei o recebimento de nenhuma dessas ordens, achando que fazer isso poderia estimulá-la a dar outras. Simplesmente enfiei mais no bolso a mão que não estava carregando o presente e baixeis a cabeça.

- Seja um cavalheiro!

Deus.

- E lembre-se para não começar a comer até que Carol comece!

Deus do céu!

Corri para ficar longe da vista dela antes que ela resolvesse correr atrás de mim e verificar se eu tinha feito xixi antes de sair.

Mas aquele não era um dia para a gente se sentir mal. O céu estava azul, o sol esquentava justamente na medida certa e soprava uma leve brisa que impulsionava a gente. Estávamos nas férias de verão e Caro[poderia mesmo me dar um sinal de encorajamento. Claro, eu não sabia exatamente o que fazer se Carol de fato me desse sinal verde - talvez deixá-la guiar meu carro - mas poderia cruzar aquela ponte quando chegasse a ela. Talvez eu estivesse até subestimando o sex appeal de um terno de veludo cotelê. Se Carol tivera uma paixonite por Myron Floren, ela ia me amar.

Nesse momento, vi Joe e comecei a me sentir estúpido novamente. Ele usava calça Levis esmolambada e camisa de malha. Vi-o olhando-me de cima a baixo e me encolhi todo. O paletó tinha pequenos botões de latão com gravação de mariposas. Fino.

- Grande terno - disse ele. - Você parece aquele cara no programa de Lawrence Belch. O que toca acordeom.

- Myron Floren - identifiquei-o logo eu. - Isso mesmo.

Ele me ofereceu uma fita de chiclete. Desembrulhei-a.

- Idéia de minha mãe.

Enfiei o chiclete na boca. Chiclete Black Jack. Não há melhor. Dei-lhe uma lambida e depois comecei a mascar. Estava me sentindo melhor outra vez. Joe era um amigo, o único bom amigo que jamais tive. Nunca pareceu ter medo de mim ou revoltado com meus estranhos maneirismos (quando me ocorre uma boa idéia, por exemplo, tenho a a tendência de andar com o rosto contraído nas caretas mais horrorosas, sem mesmo me dar conta disso, e Grace não se divertiu às pampas com aquela?). Eu o vencia no departamento de cérebro e ele no de fazer amigos. A maioria dos garotos não dá a mínima bola para cérebro. O garoto com um alto Q.I. que não sabe jogar beisebol ou pelo menos chegarem terceiro no círculo local de punheta não está com nada. Joe, porém, gostava de meu cérebro. Nunca disse isso, mas eu sabia que gostava. E porque todo mundo gostava de joe, eles tinham pelo menos que me tolerar. Não diria que adorava Joe McKennedy, mas andava perto disso. Ele era minha droga.

De modo que ali estávamos nós, andando juntos, mascando Black Jack, quando uma mão desceu sobre meu ombro como se fosse um buscapé. Quase me sufoquei com o chiclete. Tropecei, virei-me e ali estava Dicky Cable.

Dicky era um garoto atarracado que sempre me lembrava um aparador de grama, um grande modelo autopropulsado Briggs & Stratton com o afogador aberto e enguiçado. Tinha um grande sorriso quadrado numa boca cheia de grandes dentes quadrados que se ajustavam como dentes de engrenagem. Os dentes pareciam cortar e fumaçar entre os

lábios como as lâminas giratórias de um aparador, que se movem tão rápidas que parecem paradas. Dava a impressão de que comia escoteiros na ceia. Pelo que me constava, fazia isso mesmo.

- Filho da mãe, você está uma lindeza! - Piscou complicadamente para Joe. Filho da mãe, você está mais lindo do que merda de coruja!

Whack!, outra vez nas costas. Senti-me bem pequeninho, mais ou menos de uns 7,5cm de altura, diria. Tinha medo dele. Acho que tinha uma vaga idéia de que antes do dia terminar teria que brigar com ele ou me acovardar, e que provavelmente eu me acovardaria.

- Não quebre minha coluna, sim? - sugeri.

Ele, porém, não a deixou em paz. Continuou a bater, a bater, até que chegamos à casa de Carol. Tive certeza do pior no minuto em que cruzei a porta. Ninguém estava empetelecado. Vi Carol no centro da sala e ela parecia realmente linda.

Doía. Ela parecia bela e à vontade, um leve verniz de sofisticação sobre a adolescente que começava a desabrochar. Provavelmente ainda chorava, ficava emburrada e se fechava no banheiro, provavelmente ainda escutava os discos dos Beatles e tinha um retrato de David Cassidy, que era o furor daquele ano, enfiado em um canto do espelho da penteadeira, mas nada disso se mostrava. E o fato de não se mostrar me machucava e me fazia sentir como um anão. Amarrara os cabelos com um lenço cor-de-ferrugem. Dava a impressão de ter 15 ou 16 anos e já estava enchendo na frente. Usava um vestido marrom. Ria com um grupo de garotos e gesticulava muito com as mãos.

Dicky e Joe aproximaram-se dela e lhe entregaram os presentes, ela riu, agradeceu e, meu Deus, como estava bonita.

Resolvi ir embora. Não queria que ela me visse de gravata-borboleta e terno de veludo cotelê com pequenos botões de latão. Não queria vê-la conversando com Dicky Cable, que me parecia um aparador de grama humano mas que para ela parecia muito bem. Pensei que podia escapulir dali antes que alguém me desse uma boa olhada. Tal como Lamont Cranston, eu simplesmente obscureceria umas poucas mentes e me mandaria. Tinha um dólar no bolso, que ganhara limpando o jardim da sra. Katzentz no dia anterior e podia ir a um cinema em Brunswick, se pudesse pegar uma carona, e desenvolver uma grande pena de mim ali no escurinho.

Mas antes de conseguir sequer achar a maçaneta da porta, a sra. Granger me achou.

Aquele não era o meu dia. Imaginem só uma saia plissada e uma blusa de chiffon transparente em cima de um tanque Sherman. Um tanque Sherman com duas torretas de canhão. Os cabelos dela pareciam um furacão, uma parte indo para um lado e a outra para o outro. Os dois lados eram presos por um arco grande de cetim da cor de amarelo-veneno.

- Charlie Decker! - guinchou ela e abriu os braços que pareciam bisnagas de padaria. Grandes bisnagas.

Quase me avacalhei e corri para salvar a vida. Ela era uma avalanche tomando força para despencar. Era todos os monstros japoneses jamais fabricados, todos eles condensados num só, Gliidra, Mothra, Godzilla, Rodan e Tukkan, o Terrível, cruzando a sala de visita dos Grangers. O pior de tudo era que todo mundo olhava para mim - vocês sabem ao que é que estou me referindo.

Ela me deu um beijo melado no rosto e grasnou:

- Ora, mas você não está um estouro?

E por um segundo horrível esperei que acrescentasse: "Mais lindo do que merda de coruja!"

Bem, não vou torturar vocês nem a mim com uma descrição detalhada. Que sentido teria isso? Vocês entenderam. Três horas de puro inferno, Dicky bem nas minhas pegadas com um "Ora, mas você não está um estouro?" em todas as oportunidades. Uns dois garotos se aproximaram e me perguntaram quem havia morrido.

Joe foi o único que me deu apoio, mas mesmo isso me embaraçou um pouco. Vi-o dizendo aos outros garotos que me deixassem em paz e não gostei muito disso. Fez com que eu me sentisse o idiota da aldeia.

Acho que a única pessoa que não me notou absolutamente foi Carol. Teria me incomodado se ela se aproximasse e me tirasse para dançar quando botaram os discos na vitrola, mas me incomodou ainda mais que ela não houvesse feito isso. Eu não sabia dançar, mas é o pensamento que conta.

De modo que fiquei por ali enquanto os Beatles cantavam lhe Ballad of John and Yoko e Let It Be, enquanto os Adreizi Brothers cantavam We Gotta Get it On Again, enquanto Bobby Sherman cantava Hel, Mr. Sun em seu estilo soberbamente atonal. Eu estava fazendo minha melhor imitação de jarro. A festa, enquanto isso, continuava. Para sempre. A impressão que dava era que ia continuar eternamente, os anos relampejando no lado de fora como folhas ao vento, carros transformando-se em montões de ferrugem, casas se arruinando, pais se transformando em pó, nações ascendendo e caindo. Pensei que ainda estaríamos ali quando Gabriel voasse por cima, segurando a trombeta do Juízo Final com uma mão e uma lembrança da decoração da festa na outra. Houve sorvete, um grande bolo que dizia PARABÉNS CAROL em cobertura verde e vermelha, e mais danças. Uns dois garotos quiseram brincar de girafar garrafa, mas a sra. Granger, com um grande e jovial sorriso disse não, ah-la-la, não não não. Oh, não.

Finalmente, Carol bateu palmas e disse que todos nós íamos para fora brincar de boca-de-forno, o jogo que faz a pergunta candente: Você faz tudo que seu mestre mandar pela sociedade de amanhã?

Todo mundo saiu. Ouvi-os correndo e se divertindo lá fora, ou o que quer que passe por divertimento quando o cara é parte das dores de puberdade de massa. Fiquei ali durante um minuto, quase pensando que Carol pararia por um segundo para falar comigo, mas ela simplesmente, apressada, nem me deu bola. Saí também e fiquei no terraço,

observando. Joe também estava ali, sentado com uma perna enganchada no corrimão do terraço, e nós dois ficamos olhando as brincadeiras. De alguma maneira, Joe sempre parece estar onde eu termino, com uma perna enganchada em alguma coisa, observando.

- Ela está entalada - disse ele finalmente.

- Não. Simplesmente ocupada. Muita gente, você sabe.

- Merda - comentou Joe.

Permanecemos ali, calados, durante um minuto. Alguém berrou:

- Hei, Joe!

- Você vai ficar imundo se brincar esse troço - disse Joe. - Sua mãe vai ter um ataque.

- Vai ter dois - retruquei.

- Vamos, Joe!

Desta vez, era Carol quem falava. Trocara a roupa para calças jeans, provavelmente grife Edith Head, e parecia afogueada e bonita. Joe me fitou. Ele queria me proteger e, de repente, senti-me mais apavorado do que em qualquer outra ocasião em que acordei naquela caçada norte. Depois de algum tempo, ser a responsabilidade de alguém faz com que esse alguém nos odeie, e eu tinha medo que Joe pudesse me odiar algum dia. Eu não sabia de tudo isso naquela ocasião, tendo apenas 12 anos de idade, mas sentia parte disso.

- Vá em frente - disse eu.

- Você tem certeza de que não quer...?

- Tenho. Tenho. Vou ter que voltar pra casa, de qualquer jeito.

Observei-o deixar o terraço, um pouco magoado porque ele não se oferecera para ir comigo. Comecei a cruzar o gramado na direção da rua.

Dicky me notou.

- Vai embora, bonitinho?

Eu devia ter respondido alguma coisa inteligente, tal como: Vou. Lembranças minhas à Broadway. Em vez disso, mandei-o calar a boca.

Ele se empinou na minha frente, como se estivesse esperando aquilo, aquele grande sorriso de aparador de grama cobrindo-lhe toda a parte inferior do rosto. Sorriu verde e duro, como lianas na selva:

- O que foi que você disse, bonitinho?

Toda a raiva se reuniu em um bolo só e eu me senti perverso. Realmente perverso. Poderia ter cuspido em Hitler, tão perverso e mau eu me sentia.

- Eu disse cale a boca. E saia da minha frente.

(Na sala de aula, Carol Granger cobriu os olhos... mas não me disse para me calar. Respeitei-a por isso.)

Todo mundo estava olhando, mas ninguém estava dizendo nada. Na casa, a sra. Granger esgoelava-se cantando Swanee.

- Talvez você ache que pode calar minha boca.

E ele passou a mão por cima do cabelo oleado.

Empurrei-o para um lado. Era como se eu estivesse fora de mim mesmo. E era a primeira vez em que me sentia daquele jeito. Uma outra pessoa, outro eu, estava no comando. Eu topava, e isso era tudo.

Ele mandou o braço. O punho veio baixo e me atingiu no ombro. E praticamente me paralisou o grande músculo do braço. Jesus, como aquilo doeu. Era como se eu tivesse sido atingido por uma pedra de gelo.

Agarrei-o, porque nunca consegui boxear, e empurrei-o para trás pelo gramado, aquele grande sorriso dirigido furioso contra mim. Ele fincou os pés no chão e passou um braço pelo meu pescoço, como se fosse me dar um beijo. O outro punho começou a baterem minhas costas, mas era como se alguém estivesse batendo a uma porta, há muito tempo e muito longe. Tropeçamos e caímos redondamente no chão.

Ele era forte, mas eu estava em desespero. De repente, derrotar Dicky Cable tornou-se a missão de minha vida. Fora para isso que eu aparecera na Terra. Lembrei-me da história da Bíblia, da luta de Jacó com um anjo, e ri feito um louco na cara de Dicky. Eu estava por cima dele e lutando para ficar ali.

Mas, quando eu menos esperava, ele deslizou para longe - ele era danado de escorregadio - e me atingiu no pescoço com um braço.

Soltei um pequeno grito e me dobrei em dois. Sem demora, ele saltou para minhas costas. Tentei me virar, mas não pude.

Não podia. Ele ia me surrar porque eu não podia. Aquilo tudo era horrível e não fazia sentido. Pensei onde Carol estaria. Observando, provavelmente. Todos estavam olhando. Senti o paletó de veludo cotelê rasgar-se embaixo dos braços, os botões de latão saltando um a um na grama. Mas não conseguia dar um balão nele.

Ele estava rindo. Agarrou minha cabeça e bateu com ela no chão, como se fosse uma bola.

- Hei, bonitinho! - Tome porrada. Estrelas dentro da cabeça e gosto de grama na boca. Agora eu era o aparador de grama. - Hei, bonitinho, mas você não está uma gracinha?

Levantou minha cabeça pelos cabelos e empurrou-a para baixo com toda força. Comecei a chorar.

- Você não está mesmo parecendo uma gracinha, uma gracinha, uma gracinha! - gritou alegremente Dicky Cable, e novamente bateu com minha cabeça no chão. - Você não está parecendo simplesmente maravilltooooso!

De repente, ele saiu de cima de mim, porque Joe o puxara.

- Basta, droga! - gritava ele. - Você não sabe quando basta?

Levantei-me, ainda chorando. Areia nos cabelos. A cabeça não doía o suficiente para eu continuar a chorar, mas continuava. Não podia parar. Todos me olhavam com aquela expressão de cachorro surrado que crianças adotam quando vão longe demais e eu podia ver que não queriam olhar para mim e me ver chorando. Olhavam para os pés para ter certeza de que ainda continuavam lá. Olharam para a cerca de corrente para se certificarem de que ninguém a estava roubando. Alguns lançaram um olhar para a piscina da casa vizinha, dada a possibilidade de alguém estar se afogando e precisar de um salvamento rápido.

Carol também estava ali e ensaiou um passo para a frente. Depois, olhou em volta para ver se alguém estava fazendo a mesma coisa, e ninguém estava. Dicky Cable penteava nesse momento os cabelos. Não havia areia neles. Carol mexeu-se, sem sair do lugar. O vento levantou ondinhas em sua blusa.

A sra. Granger encerrou a execução de Swanee e nesse momento, no terraço. tinha a boca escancarada.

Joe aproximou-se e pós a mão em cima de meu ombro.

- Hei, Charlie - disse -, que tal acha a gente se mandar agora, ahn?

Tentei empurrá-lo para longe e com isso apenas consegui cair de novo.

- Me deixe em paz! - gritei para ele.

A voz saiu crua e arranhando a garganta, eu soluçava mais do que gritava. Só sobrara um botão no paletó de veludo cotelê, pendurado pela linha. A calça estava toda manchada de verde da grama. Comecei a rastejarem volta da terra pisada, ainda chorando, apanhando os botões. O rosto, em brasa.

Dicky estava assoviando alguma musiquinha e dando a impressão de que poderia pentear os cabelos novamente. Relembrando agora, tenho que admirá-lo por isso. ele pelo menos não fez uma cara de crocodilo a respeito de tudo aquilo.

A sra. Granger vinha bamboleando em minha direção.

- Charlie... Charlie, querido...

- Cale a boca, sua velha gordona! - gritei. Eu não conseguia ver nada. Estava tudo indistinto em frente a meus olhos e todos aqueles rostos pareciam estar me pressionando. Todas as mãos pareciam ter garras. Não consegui enxergar o suficiente para apanhar mais botões. - Velha gordona!

E fugi dali.

Parei atrás de uma casa vazia na Willow Street e fiquei simplesmente sentado ali até que todas as lágrimas secaram. Havia uma meleca seca embaixo de meu nariz. Cuspi no lenço e limpei-a. Assoei-me. Um gato vagabundo apareceu e tentei lhe fazer um agrado. O gato se esquivou de minha mão. Eu sabia exatamente como ele se sentia.

O terno estava praticamente arruinado, mas eu não dava a mínima para isso. Nem mesmo me importava minha mãe, embora, provavelmente, ela fosse telefonar para a mãe de Dicky Cable e, em sua voz culta, queixar-se dele. Quanto a meu pai, podia imaginá-lo, olhando para mim, o rosto cuidadosamente impassível, dizendo: Como é que ficou o outro cara?

E a mentira que eu contaria.

Fiquei sentado ali durante quase uma hora, pensando em ir até a estrada, acenar com o polegar, pegar uma carona para a cidade, e nunca mais voltar.

Mas, no fim, voltei para casa.

CAPÍTULO 23

LÁ FORA ESTAVA TOM.~ FORMA uma verdadeira convenção de policiais. Carros azuis de milicianos estaduais, radiopatrulhas brancas da D.P. de Lewiston, um carro preto e branco de Brunswick, mais dois de Auburn. Os policiais responsáveis por essa cornucópia automobilística corriam de um lado para o outro, agachados. Mais jornalistas apareceram. Apontavam câmeras equipadas com lentes de telefoto, que pareciam capelos de cobras indianas, por cima dos capas de seus carros. Cavaletes haviam sido colocados na estrada, acima e abaixo da escola, juntamente com fileiras duplas daqueles pequenos potes fuliginosos de querosene. Para mim, essas coisas sempre se pareceram com aquelas bombas de anarquistas de histórias em quadrinhos. O pessoal da delegacia de trânsito botara ali uma tabuleta que dizia DFSVIO. Acho que não tinham em estoque alguma coisa mais apropriada, do tipo GUIE DEVAGAR! LOUCO EM ATIVIDADE, por exemplo. Don Grace e o bom e velho Tom estavam conversando com um homem enorme e quadrado vestido com o uniforme da milícia estadual. Don dava a impressão de quase zangado. O homenzarrão quadrado escutava, mas sacudia a cabeça. Achei que devia ser o capitão Frank Philbrick, da Polícia Estadual do Maine. Especulei se ele sabia que, dali, eu o tinha como um alvo perfeito.

Carol Granger falou, a voz trêmula. Era alarmante a vergonha que havia em seu rosto. Eu não contara aquela história para envergonhá-la.

- Eu era simplesmente uma menina, Charlie.

- Eu sei - respondi, e sorri. - Mas você estava muito bonita naquele dia. e de modo nenhum parecia uma menininha.

- Eu também tinha uma quedinha por Dicky Cable.

- Depois da festa e de tudo mais?

Ela pareceu ainda mais envergonhada.

- Pior do que nunca. Fui com ele ao piquenique do oitavo grau. Ele parecia... oh, corajoso, acho. Maluco. No piquenique ele..., você sabe, tomou liberdades e eu deixei, um pouco. Mas essa foi a única vez em que saí com ele. Nem mesmo sei onde ele está agora.

- No Cemitério de Placerville - disse Dick Keen numa voz sem expressão.

Essas palavras me provocaram um desagradável sobressalto. Era como se eu tivesse acabado de ver a alma da sra. Underwood. Eu poderia mostrar ainda os lugares onde Dicky me batera. A idéia de que ele estava morto ocasionou um pavor estranho, quase

sonhador, em minha mente - e vi no reto de Carol o reflexo do que eu estava sentindo. Ele tomou liberdades e eu deixei, um pouco. O que isto significava exatamente para uma moça inteligente destinada às faculdades como Carol? Talvez ele a houvesse beijado. Talvez ele a tivesse levado para baixo de uma moita e desbravado o território virgem de seus seios em botão. Em um piquenique do oitavo grau, Deus tenha pena de todos nós. Ele fora ousado e maluco.

- O que foi que aconteceu corri ele? - perguntou Don Lordi.

Dick respondeu, voz tenta:

- Foi atropelado por um carro. A coisa foi realmente engraçada. Não lia-lia-ha, entendam, mas estranha. Ele tirou a carteira de habilitação em outubro do ano passado e costumava dirigir como um idiota. Como um doido. Acho que ele queria que todo mundo soubesse que tinha, vocês sabem, colhões. A coisa se tornou de tal jeito que ninguém quase queria andar com ele no carro. Ele possuía um Pontiac 1966, arrumou toda a carroceria, pintou-a de verde-garrafa, com o às de espadas no lado do passageiro.

- Isso mesmo - disse Melvin -, lembro-me de ter visto aquele carro. Lá pelas bandas de Harlow Rec.

- Montou sozinho um Hearst de quatro marchas-continuou Dick. - Carburador duplo, eixo de comando de válvulas comandado por balanceiro, injeção de combustível. O carro ronronava. Cento e quarenta quilômetros em segunda. Eu estava com ele uma noite em que ele subiu a Stackpole Road em Harlow a 150 km. Passamos pela curva Brissett e começamos a derrapar. Enfiei a cabeça no chão. Você tem razão, Charlie. Ele parecia esquisito quando ria. Não sei se ele parecia exatamente com um cortador de grama, mas que parecia esquisito, parecia. Continuou a sorrir durante todo o tempo em que estivemos derrapando. E ele dizia: "Posso dominar o carro, posso dominá-lo", dizendo isso sem parar. E dominou. Pedi a ele para parar e voltei para casa a pé. Minhas pernas pareciam feitas de borracha. Uns dois meses depois, ele foi atingido por um caminhão de entregas em Lewiston enquanto cruzava a Lisbon Street. Randy Milliken estava com ele e disse que ele nem estava bêbado nem drogado. A culpa foi toda do motorista do caminhão. Pegou noventa dias de cadeia. Mas Dick morreu. Gozado.

Carol ficou branca e com cara de quem queria vomitar. Tive medo que ela desmaiasse e, para distraí-la, disse:

- Sua mãe ficou danada comigo, Carol?

- Alin?

Olhou em volta naquela sua maneira engraçada, espantada.

- Eu a chamei de velha gordona, acho.

- Oli. - Enrugou o nariz e sorriu, grata, acho, aceitando o gambito. - Ficou. Claro que ficou. Acho que a briga foi toda culpa sua.

- Sua mãe e minha mãe eram sócias daquele clube, não?

- Livros e Bridge? Eram. - As pernas dela continuavam descruzadas e nesse momento os joelhos se abriram um pouco. Riu. - Vou-lhe dizer a verdade, Charlie. Eu jamais gostei realmente de sua mãe, Charlie, embora só a tenha visto umas duas vezes e dito apenas oi. Minha mãe passava o tempo todo dizendo como a Sra. Decker era tremendamente inteligente, que fina compreensão tinha dos romances de Henry James, coisas assim. E que jovem e fino cavalheiro você era.

- Mais lindo do que merda de coruja.- concordei gravemente. - Sabe de uma coisa, eu ouvia a mesma coisa sobre você.

- Mesmo?

- Mesmo. - Uma idéia levantou-se inesperadamente e me deu um soco no nariz. Como poderia tê-la ignorado por tanto tempo, um velho desconfiado com eu? Ri com um azedo deleite. - Aposto que sei por que ela insistiu tanto em que eu usasse aquele terno. É chamado de "Arranjo de Casamento" ou "Eles Não Dariam um Belo Casal?", ou ainda, "Pense nos Inteligentes Descendentes". Jogado pelas melhores famílias, Carol. Quer casar comigo?

Carol fitou-me, boquiaberta.

- Elas estavam...

Aparentemente, não podia terminar a frase.

- É isso o que penso.

Ela sorriu. Uma pequena risada escapou-lhe dos lábios. Depois riu mesmo pra valer. Aquilo parecia um pouco desrespeitoso com os mortos, mas deixei passar. Embora, para dizer a vocês a verdade, a sra. Underwood nunca se afastava muito de minha mente. Afinal de contas, eu estava quase em cima dela.

- Aquele cara grandalhão está vindo pra cá - disse Billy Sawyer.

De fato, Frank Philbrick vinha em grandes passadas na direção do prédio, nem olhando para a direita nem para a esquerda. Tive esperança de que os fotógrafos estivessem focalizando seu lado fotogênico, quem sabe ele poderia querer usar alguma foto em seus cartões de Natal neste ano. Cruzou a porta principal. Desceu o corredor, como se estivesse em um outro mundo. Ouvi-lhe os passos fracos pararem e em seguida quando ele subiu para a sala da diretoria. Ocorreu-me que, de uma maneira estranha, ele só me parecia real ali dentro. Tudo do outro lado das janelas era televisão. Eles eram o espetáculo, não eu. Meus colegas de classe achavam a mesma coisa. Isso estava na cara deles.

Silêncio.

Um estalido. O intercomunicador.

- Decker?

- Sim, senhor? - respondi.

Ele era um cara de respiração ruidosa. A gente podia ouvi-lo soprando e bufando no microfone lá em cima, como se fosse um grande e suado animal. Eu não gosto disso, jamais gostei. Meu pai é assim ao telefone, um bocado de respiração pesada nos ouvidos, de modo que a gente quase sente no hálito dele o cheiro de uísque e cigarros Pall Mall. Aquilo sempre me pareceu anti-higiênico e, de certo modo. homossexual.

- É muito esquisita esta situação em que você colocou todos nós, Decker.

- Acho que é, mesmo, senhor.

- Nós não gostamos particularmente da idéia de ter que atirar e m você.

- Não, senhor, nem eu. E eu aconselharia o senhor a não tentar.

Respiração pesada.

- Muito bem, vamos botar a coisa às claras e ver o que você tema oferecer. Qual é o seu preço?

- Preço? - repeti. - Preço?

Durante um longo momento, tive a impressão de que ele me tomava por uma interessante peça falante de mobília - como uma poltrona Morris, talvez, preparada para engabelar o comprador em perspectiva com todo tipo de informações pertinentes. No início, a idéia me pareceu engraçada. Depois, enfureceu-me.

- Para soltá-los. O que é que você quer? Tempo na televisão? Terá. Alguma declaração aos jornais? Terá também. - Fungadela fungadela fungadela. Fora isso, pufe pufe pufe. - Mas vamos fazer isso, e logo, antes que a coisa se complique. Mas você tem que nos dizer o que quer.

- Você - retruquei.

A respiração parou. Depois recomeçou, soprando e bufando. Aquilo estava realmente dando nos meus nervos.

- Você vai ter que explicar isso - disse ele.

- Certamente, senhor - respondi. - Podemos fazer um acordo. Quer fazer um acordo? Foi isso o que o senhor disse?

Nenhuma resposta. Sopro, fungadela. Philbrick aparecia no noticiário das 6 em todo Dia dos Mortos e Dia do Trabalho, lendo no teleprompter mensagens do tipo dirija com cuidado, mas com certa inépcia pesadona que era quase cativante. Eu achara que havia

alguma coisa familiar nele, alguma coisa íntima com um gosto de déjà vu. Nesse momento, identifiquei-a. Mesmo na TV ele parecia um touro aprontando-se para montar na vaca do fazendeiro Brown.

- Qual é sua proposta?

- Em primeiro lugar, me diga uma coisa - propus. - Há alguém lá fora que pense que eu posso simplesmente resolver descobrir quantas pessoas posso matar aqui? Como Don Grace, por exemplo?

- Aquele monte de merda - disse Sylvia, e depois tapou a boca com a mão.

- Quem disse isso? - perguntou secamente Philbrick.

Sylvia ficou lívida.

- Eu - retruquei. - Eu também tenho algumas tendências transexuais, senhor. Eu não achava que ele soubesse o que aquilo significava e teria medo demais de perguntar. - Pode responder à minha pergunta?

- Algumas pessoas pensam que você poderia rir até o fim da linha, sim respondeu ele majestosamente.

Alguém no fundo da sala soltou uma risadinha. Não acho que o aparelho de comunicação tenha captado isso.

- Tudo bem, então - concordei. - O trato é o seguinte. O senhor vai ser o Herói. Desça até aqui. Desarmado. Entre com as mãos em cirna da cabeça. Eu deixarei todo mundo ir embora. Depois, estouro sua cabeça de merda com um tiro. Senhor, que tal isso como trato? Aceita?

Pufe, fungadela, sopro.

- Você tem uma boca suja, cara. Há moças aí embaixo. Mocinhas.

Irma Bates olhou em volta, espantada, como se alguém houvesse acabado de chamá-la.

- O trato - disse eu. - O trato.

- Não - respondeu Philbrick. - Você atiraria em mim e continuaria a manter presos os reféns. - Pufe, fungadela. - Mas eu vou descer. Talvez a gente possa bolar alguma outra coisa.

- Cara - disse eu, pacientemente -, se você desligar e não sair pela mesma porta por onde entrou dentro de 15 segundos, alguém aqui vai fechar o mijador.

Ninguém ali pareceu especialmente preocupado com o pensamento de fechar o mijador.

Pufe, pufe.

- Suas chances de sair vivo desta situação estão se tornando cada vez menores.

- Frank, meu chapa, nenhum de nós sai disto vivo. Até mesmo meu velho sabe disso.

- Você vai sair?

- Não.

- Se é isso o que você pensa... - Não me pareceu perturbado. - Há aí um rapaz chamado Jones. Quero falar com ele.

Isso parecia okay.

- Tem a palavra, Ted - disse eu. - Sua grande oportunidade, rapaz. Não a bote a poder. Gente, esse garoto vai botar os colhões dele para dançar diante de vocês todos.

Ted olhava ansiosamente para a grade preta do intercomunicador.

- Sou eu, Ted fones, senhor.

Na voz dele, "senhor" parecia legal.

- Todos aí ainda estão bem, Jones?

- Estão, senhor.

- O que é que você acha da estabilidade emocional de Decker?

- Acho que ele é capaz de fazer qualquer coisa, senhor- respondeu ele, olhando diretamente para mim.

Havia um deboche selvagem em seus olhos. Carol, de repente, pareceu zangada. Abriu a boca como se para refutá-lo, mas depois, talvez lembrando de suas responsabilidades como futura oradora da classe e Fanal do Mundo Ocidental, fechou a boca com um estalo.

- Obrigado, sr. Jones.

Ted pareceu absurdamente satisfeito por ter sido chamado de senhor.

- Decker?

- Aqui mesmo.

Fungadela, fungadela.

- A gente se vê.

- É melhor eu ver você - lembrei. - Quinze segundos. - Depois, ocorrendo-me outro pensamento: - Philbrick?

- Sim?

- Você tem um hábito de merda, sabia? Notei isso em todos aqueles conselhos para dirigir com cuidado que você dá na TV. Você respira nas orelhas das pessoas. Parece um garanhão no cio. Philbrick. Isso é um hábito nojento. Parece também que você está lendo tudo em um teleprompler, mesmo quando não está. Você devia cuidar de coisas assim. Poderia salvar uma vida.

Philbrick bufou e fungou pensativamente.

- Foda-se, cara - disse ele, e desligou o sistema de som.

Exatamente 12 segundos depois ele saiu pela porta principal, afastando-se do

prédio em passos firmes. Quando chegou aos carros que haviam estacionado no gramado, houve outra conferência. Philbrick gesticulou um bocado.

Ninguém disse nada na sala. Pat Fitzgerald mastigava pensativo uma unha. Chiqueiro tirara do bolso outro lápis e examinava-o. E Sandra Cross me olhava com firmeza. Parecia haver entre nós uma espécie de nevoeiro que a fazia brilhar.

- O que é que você me diz de sexo? - perguntou de repente Carol, e quando todo mundo olhou, ela enrubesceu.

- O que é que você quer dizer com isso? - perguntei.

- Eu pensava que quando uma pessoa começava a agir... bem... estranhamente...

Parou confusa, e Susan Brooks correu para os parapeitos da fortaleza.

- Isso mesmo - disse ela. - E vocês todos deviam era parar de rir. Todo mundo pensa que sexo é sujo. Essa é a metade do problema com todos nós. Nós nos preocupamos com isso.

Protetoramente, lançou um olhar a Carol.

- Era isso o que eu queria dizer - confirmou Carol. - Você... bem, você teve alguma experiência desagradável?

- Nenhuma, desde que fui para a cama com mamãe - respondi inocentemente.

Uma expressão de puro choque cobriu-lhe o rosto, mas ela logo em seguida percebeu que eu estava brincando. Chiqueiro soltou um risinho triste e continuou a examinar o lápis.

- Não, falando sério - disse ela.

- Bem - retruquei, franzindo as sobrancelhas -, eu conto a vocês a minha vida sexual se vocês me contarem as suas.

- Oh...

Ela pareceu novamente chocada, mas de maneira agradável.

Grace Stanner riu alto.

- Bote tudo pra fora, Carol.

Eu sempre tivera uma vaga impressão de que não havia excesso de amor entre aquelas duas garotas, mas nesse momento Grace parecia estar realmente brincando - como se alguma compreendida mas nunca mencionada desigualdade houvesse sido de súbito apagada.

- Poxa, poxa - disse Corky Herald, sorrindo largamente.

Carol enrubesceu violentamente.

- Estou arrependida de ter perguntado.

- Vá em frente - aconselhou Don Lordi. - Isso não vai machucar.

- Todo mundo deve contar- resolveu Carol. - Conheço a maneira como... como as pessoas conversam sobre isso.

- Segredos. - Mike Gavin sussurrou em voz áspera -, contem-me mais segredos.

Todos ali riram, mas aquele assunto não ia ser motivo para graçolas.

- Você não está sendo justo - observou Susan Brooks.

- Tem razão - concordei. - Vamos esquecer isso.

- Oh... não tem importância - resolveu Carol. - Eu falo. Eu conto uma coisa a vocês.

Minha vez de ficar surpreso. Todos a fitaram, cheios de expectativa. Eu não sabia realmente o que esperavam ouvir - um caso grave de inveja de pênis, talvez, ou Dez

Noites com uma Vela. Achei que iam ter uma decepção, o que quer que fosse. Nada de chicotes, nada de correntes, nada de suores noturnos. Virgem de cidade pequena, nova, inteligente, bonitinha. Algum dia, talvez mandasse Placerville às favas e iniciasse uma vida real. Às vezes, elas mudam na faculdade. Algumas descobrem o existencialismo e a anomia e cachimbos de haxixe. Mas ocasionalmente entram para fraternidades escolares e continuam com os mesmos sonhos doces que começaram na escola do primeiro grau, um sonho tão comum a mocinhas bonitas de cidades pequenas que quase poderia ter sido cortado de um molde Simplicity, tal como um macacão ou Sua Blusa de

Verão ou uma saia para o diário. Um mau-olhado pesa sobre garotas e garotos inteligentes. Se têm uma esquisitice, ela aparece. Se não têm, a gente pode entendê-las tão facilmente como quem tira uma raiz quadrada. Grotas como Carol têm um namorado firme e gostam de um pouco de bolinagem (mas, como diz Tubes, "Não Pegue em Mim Aí"), nada emocionalmente violento. Tudo bem, acho. Vocês esperariam mais, mas, não, sinto muito, simplesmente não há. Garotos inteligentes são monótonos. Tudo bem. Não sou exigente no particular. Moças sabidas são meio chatas.

E Carol Granger ajustava-se a essa imagem. Namorava firme com Buck Thorne (o nome americano perfeito). Buck era o centro-avante do Placerville High Greyhounds, que haviam obtido um recorde de 11-0 no outono anterior, fato este que o treinador Bob "Que Colhões" Stoneham explorava muito em nossas freqüentes assembléias para solidificar o espírito da escola.

Thorne era um merda de bom coração que pesava uns 100kg, não exatamente a coisa mais inteligente que andava sobre duas pernas (mas material para faculdade, claro) e Carol provavelmente não tinha problemas em mantê-lo na linha. Eu já havia notado que moças bonitas são também as melhores domadoras de leões. Além do mais, eu sempre pensara que Buck achava que a coisa mais sexy era uma escapada fulminante pelo meio do campo.

- Eu sou virgem - disse desafiadora Carol, tirando-me com um sobressalto desses pensamentos. Cruzou as pernas, como se para provar simbolicamente o fato e depois bruscamente descruzou-as. - E também não acho que isso seja ruim. Ser virgem é como ser inteligente.

- É? - perguntou em dúvida Grace Stanner.

- A gente tem que trabalhar nisso - continuou Carol. - É isso o que quero dizer, a gente tem que trabalhar nisso.

A idéia pareceu agradá-la. Mas me deu o maior medo.

- Você quer dizer que Buck nunca...

- Oh, ele antes queria. Acho que ainda quer. Mas logo no começo do jogo deixei as coisas muito claras para ele. Não sou frígida, nem puritana, nem nada disso. É apenas que...

Interrompeu-se, procurando a maneira de terminar a frase.

- Você não quereria engravidar- sugeri.

- Não! - respondeu ela quase desdenhosamente. - Eu sei tudo sobre isso. - Com um pequeno choque, compreendi que ela estava zangada e embaraçada porque estava zangada e embaraçada. A raiva é uma emoção muito difícil de controlar por uma adolescente programada. - Eu não vivo nos livros o tempo todo. Li tudo sobre controle da natalidade no...

Mordeu os lábios como se tivesse notado a contradição no que dissera.

- Bem - disse eu, batendo de leve com a coronha da pistola no mata-borrão -, isto é grave, Carol. Muito grave. Acho que uma garota deveria saber por que é virgem, não?

- Eu sei por quê!

- Oh.

Inclinei prestimosamente a cabeça. Várias das moças fitavam-na, interessadas.

- Porque...

Silêncio. Baixinho, ouvi o som do apito de Jerry Kesserling dirigindo o tráfego.

- Porque...

Olhou em volta. Vários deles se encolheram e baixaram a vista para suas carteiras. Naquele momento eu teria dado minha casa e sítio, como diziam os velhos fazendeiros, para saber quantas virgens tínhamos ali.

- E vocês não têm que me olhar assim! Não pedi a vocês que me olhassem assim! Não vou falar sobre isso! Não tenho que falar sobre isso.

Fitou-me amargamente.

- As pessoas destroem a gente, é isso. Moem a gente, se a gente deixa, exatamente como Chiqueiro disse. Todos querem puxá-lo para seu próprio nível, tomar a gente suja. Olhem só o que estão fazendo com você, Charlie.

Eu não tinha certeza de que haviam feito alguma coisa comigo até esse momento, mas fiquei calado.

- No ano passado eu estava passeando pela Congress Street, em Portiand, pouco antes do Natal. Eu e Donna Taylor. Estávamos comprando presentes de Natal. Eu acabara de comprar um cachecol para minha irmã na Porteus-Mitchell e estávamos conversando sobre isso e rindo. Apenas bobagens. Estávamos rindo. Eram umas quatro horas da tarde e começava justamente a escurecer. Estava nevando. Todas as luzes coloridas estava acesas e as vitrinas das lojas brilhavam e estavam cheias de presentes... Bonito... e na esquina, junto da Jones' Book Shop um Papai Noel do Exército de Salvação estava tocando sua sineta e sorrindo. Eu me senti bem. Senti-me realmente bem. Era uma coisa como o espírito de Natal, e toda essa coisa. E eu estava pensando em voltar para casa e tomar um chocolate quente com creme batido. Nesse momento, um carro velho passou e quem quer que estivesse guiando baixou a janela e gritou: Oi, xoxota!

Arme laskv deu um salto na cadeira. Tenho que reconhecer que a palavra pareceu engraçadíssima vindo da boca de Carol Granger.

- Exatamente assim - continuou ela, amarga. - Arruinou tudo. Estragou. Conto uma

maçã que a gente pensava que estava boa e, quando mordeu, encontrou um buraco de verme. "Oi, xoxota!" Como se isso fosse tudo o que havia, nada de pessoa, apenas uma... - A boca caiu em uma careta trêmula, agoniada. - E isso é igual a ser inteligente, também. Querem encher a cabeça da gente até que ela transborda. É um tipo diferente de buraco, só isso. Só isso.

Sandra Cross tinha os olhos semifechados, como se sonhasse.

- Sabe de uma coisa - disse. - Eu me sinto esquisita. Eu me sinto...

Tive vontade de saltar dali e lhe dizer que ficasse calada, que não se incriminasse nessa parada de idiotas, mas não pude. Repito, não pude. Se eu não jogasse de acordo com minhas regras, quem jogaria?

- Acho que isso é tudo - disse ela.

- Ou toda cérebro ou toda xoxota - observou Carol com um fraco bom humor. - Não me deixa muito espaço para mais nada, deixa?

- Às vezes - confessou Sandra --, eu me sinto muito vazia.

- Eu... - começou Carol e, em seguida, olhou espantada para Sandra. - Você se sente?

- Claro. - Pensativa, olhou para as janelas quebradas. - Eu gosto de pendurar roupas na corda em dias de ventania. Às vezes, é assim como me sinto. Um lençol na corda. A gente tenta se interessar por coisas... política, a escola... No último semestre, fiz parte do Diretório dos Estudantes... mas não é coisa real, e é horrivelmente chato. E não há um bocado de minorias ou qualquer coisa por aqui para a gente lutar por elas ou... Bem, vocês sabem. Coisas importantes. E assim eu deixo Ted fazer aquilo comigo.

Olhei atentamente para Ted que, rosto imobilizado, fitava Sandra. Uma grande escuridão começou a descer sobre mim e senti a garganta apertar.

- Não foi tão sensacional assim - disse Sandra. - Não sei por que esse auê todo a esse respeito. É...

Olhou-me, os olhos se esbugalhando, mas eu mal podia vê-la. Mas podia ver Ted. Ele estava muito visível. Na verdade, parecia iluminado por um estranho brilho dourado que se destacava naquela nova escuridão como se fosse um halo, uma aura supernormal.

Com todo cuidado, ergui a pistola com as duas mãos.

Durante um momento, pensei nas cavernas internas de meu corpo, nas máquinas vivas que funcionam interminavelmente na escuridão infindável.

Eu ia atirar nele, mas atiraram em mim primeiro.

CAPÍTULO 24

AGORA EU SEI O QUE ACONTECEU, embora não soubesse naquela ocasião.

Eles haviam trazido para ali o melhor atirador de elite do estado, um miliciano estadual chamado Daniel Malvern, de Kent's Hill. Depois que tudo acabou, uma foto dele foi publicada no Sun, de Lewiston. Era um tipo baixote, com cabelos cortados à escovinha. Parecia um contabilista. Deram-lhe uma enorme Mauser com mira telescópica. Daniel Malvern levou a Mauser para um local a vários quilômetros de distância, experimentou a arma, voltou e dirigiu-se para uma das radiopatrulhas estacionadas no gramado, trazendo o fuzil escondido na pernada calça. Deitou-se de bruços atrás do pára-choque fronteiro, numa sombra profunda. Com um polegar úmido avaliou a força do vento. Nenhum vento. Olhou pela mira telescópica. Através da lente reticulada de trinta ampliações, eu devo ter parecido tão grande como um buldôzer. Não havia nem mesmo vidro de janela para criar um ofuscamento porque eu o quebrara antes quando atirara para obrigá-los a parar com aquele alto-falante. Um tiro fácil. Dan Malvem, porém, não teve pressa. Afinal de contas, aquele era provavelmente o tiro mais importante de sua vida. Eu não era um pombo de barro, minhas entranhas iam se espalhar por todo o quadro-negro às minhas costas quando a bala saísse produzindo um efeito cogumelo. O Crime Não Compensa, O Louco Morde o Pó. Quando eu me levantei parcialmente, meio inclinado sobre a escrivaninha da sra. Underwood para meter uma bala em Ted Jones, chegou a grande oportunidade de Dan. Meu corpo se torceu parcialmente na direção dele. Ele disparou e pôs a bala exatamente onde esperara e tivera a esperança de colocá-la: através do bolso da camisa, que ficava exatamente em cima da máquina viva de meu coração.

Onde ela tocou o aço duro de Titus, O Cadeado Prestimoso.

CAPÍTULO 25

CONTINUEI A SEGURAR A PISTOLA.

O impacto do projétil lançou-me diretamente contra o quadro-negro. A beirada onde fica o giz chocou-se com força contra minhas costas. Meus mocassins de cordovão voaram para longe. Aterrei no chão sobre o traseiro. Não sabia o que acontecera. Um número excessivo de coisas ao mesmo tempo. Uma imensa verruma de dor perfurava-me o peito, seguida de imediato entorpecimento. Parou a capacidade de respirar. Manchas relampejaram na frente de meus olhos.

Irma Bates gritava nesse momento, olhos fechados, punhos cerrados, o rosto febril, manchado de vermelho com o esforço. Eu me encontrava longe, como em um sonho, descendo de uma montanha ou emergindo de um túnel.

Ted Jones estava levantando-se outra vez, na verdade, flutuando, em um movimento lento e onírico. Desta vez ele ia correr para a porta.

- Pegaram o filho da puta! - A voz dele soava incrivelmente lenta e arrastada como um disco de 78-RPM tocado em 33,5. - Pegaram o louco...

- Sente-se.

Ele não me ouviu. Não fiquei surpreso. Eu mesmo quase nem ouvia minha própria voz. Não me restava fôlego nenhum com que falar. A mão dele ia alcançando a maçaneta da porta quando atirei. A bala penetrou na madeira junto à cabeça dele e ele se esquivou para um lado. Quando se virou, seu rosto era um guisado de emoções em rápida sucessão: espanto completo, incredulidade sofredora e ódio assassino, maníaco.

- Você não pode... você foi...

- Sente-se. - Eu estava um pouco melhor. Talvez seis segundos tivessem passado desde que eu aterrara sobre a bunda. - Pare de gritar, Irma.

- Você foi baleado, Charlie - disse, calma, Grace Stanner.

Olhei para fora. Os guardas corriam para o prédio. Atirei duas vezes e obriguei-me a respirar. A verruma atacou novamente, ameaçando explodir de dor o meu peito.

- Para trás! Ou mato todos eles!

Frank Philbrick parou e olhou alucinado em volta. Dava a impressão de querer receber um telefonema de Jesus. Parecia confuso o bastante para tentar continuar com o assalto,

de modo que atirei outra vez, para o alto. Foi a vez dele de percorrer 150km dentro da cabeça em meio segundo.

- Voltem! - gritei. - Voltem, ou vão ter!

Eles se retiraram, recuando ainda mais ligeiro do que haviam se abaixado.

Ted fones aproximava-se vagarosamente de mim. Aquele rapaz simplesmente não fazia parte do universo real.

- Quer que eu arranque seu pau com um tiro? - perguntei.

Ele parou, mas aquela expressão apavorante, maníaca, continuava em seu rosto.

- Você está morto - silvou ele. - Caia no chão, diabos o levem.

- Sente-se, Ted.

A dor no peito era uma coisa viva, horrível. O lado esquerdo de minha caixa torácica parecia ter sido atingido por um bate-estaca Maxwell. Ela me olhava fixamente, minha classe prisioneira, com expressões de preocupado horror. Eu não ousava olhar pelo corpo abaixo, com receio do que poderia ver. O relógio marcava 10:55h.

- DECKER!

- Sente-se, Ted.

Ele ergueu o lábio em um gesto fácil inconsciente que fez com que se parecesse com um cão estripado que eu vira mortalmente ferido em uma rua movimentada, no meu tempo de criança. Ele pensou um pouco, e depois sentou-se. Estava exibindo um bom conjunto de círculos de suor nas axilas.

- DECKER! O SR. DENVER VAI SUBIR ATÉ A DIRETORIA!

Era Philbrick falando no alto-falante e nem mesmo a sexualidade assexuada do amplificador podia ocultar o quanto ele estava abalado. Uma hora antes, isso teria me agradado - me realizado, de uma forma selvagem, mas naquele momento eu nada senti.

- ELE QUER FALAR COM VOCÊ!

Tom saiu de trás de um dos carros da polícia e começou a cruzar o gramado, andando devagar, como se esperasse ser baleado a qualquer momento. Mesmo àquela distância, ele parecia dez anos mais velho. Nem isso conseguiu me agradar. Nem isso.

Levantei-me, um pouquinho de cada vez, lutando contra a dor, e calcei os sapatos. Quase caí e tive que me apoiar na mesa com a mão livre.

- Oh, Charlie - gemeu Sylvia.

Recarreguei novamente a pistola, desta vez mantendo-a apontada para eles (acho que nem Ted sabia que ela não podia ser disparada com o carregador fora da coronha), fazendo isso devagar, de modo a poder adiar tanto quanto possível olhar para mim mesmo. O peito me latejava e doía. Sandra Cross parecia novamente perdida em qualquer que fosse o sonho vago que contemplava.

O carregador encaixou com um estalido e olhei para mim mesmo e para baixo quase casualmente. Eu usava uma camisa azul elegante (eu sempre gostei de cores fortes) e esperei vê-la salpicada de sangue. Mas não estava.

Mas havia um grande buraco escuro, bem no centro do bolso, que ficava no lado esquerdo. Um borrifo de orifícios menores espalhava-se em volta da cratera maior, como um daqueles mapas do sistema solar que mostram os planetas girando em volta do sol. Com todo cuidado, enfiei a mão no bolso. Foi nesse momento que me lembrei de Titus, que eu salvara da cesta de lixo. Puxei-o cautelosamente. A classe soltou um "Aaahhh!" como se eu acabasse de serrar uma mulher pela metade ou tirado uma nota de cem dólares de dentro do nariz de Chiqueiro. Ninguém perguntou por que eu levava no bolso um cadeado de segredo. Fiquei satisfeito. Ted, por sua vez, olhava azedamente para Titus. De repente, fiquei muito passado com Ted. E especulei sobre o que ele acharia de comer no almoço o bom e velho Titus.

A bala despedaçara o mostrador de plástico duro de alta densidade espalhando estilhaços em alta velocidade através de minha camisa. Nenhum deles tocara-me a carne. O aço atrás do mostrador segurara a bala, transformando-a em uma flor de chumbo mortal com três pétalas brilhantes. O cadeado estava retorcido, como se houvesse estado no fogo. O anel semicircular que engatava no cadeado fora estirado como se fosse um pedaço de puxa-puxa. A parte posterior do cadeado ganhara uma protuberância, mas não quebrara. *

* Só um ano e meio depois é que vi pela primeira vez aquele comercial na TV. Aquele em que um cara com um fuzil aponta para um cadeado pregado numa tábua. A gente olha até mesmo pela mira telescópica para o cadeado - um Yale, um Master, não sei qual. O cara puxa o gatilho. A gente vê o cadeado saltar, amoldar-se, quebrar, e no comercial o cadeado pareceu exatamente igual ao velho Titus, quando o tirei do bolso. Mostram a coisa acontecendo em tempo normal e depois em câmera lenta. Na primeira e única vez em que vi aquilo, enfiei a cabeça entre as pernas e vomitei entre os tornozelos. Levaram-me dali. Levaram-me para meu quarto. No dia seguinte, meu psiquiatra favorito leu uma anotação e disse: "Estão me dizendo que você teve uma recaída ontem, Charlie. Quer conversar sobre isso?" Eu, porém, não podia conversar sobre isso. Nunca pude. Até agora.

Estalido no sistema de comunicação interna.

- Charlie!

- Apenas um minuto, Tom. Não me apresse.

- Charlie, você tem que...

- Desligue essa merda de aparelho.

Desabotoei a camisa e abri-a. A classe soltou outro "Aaahhh!" Titus estava impresso em meu peito em púrpura zangado e a carne fora empurrada para dentro em uma mossa que

parecia suficientemente funda para guardar água. Não gostei da aparência daquilo, da mesma maneira que eu não gostava de olhar para o velho bêbado com o saco de carne embaixo do nariz, aquele que sempre faz ponto no Gogan's, no centro. Fez-me sentir nauseado. Fechei a camisa.

- Tom, aqueles safados tentaram me matar.

- Não foi intenção...

- Não me diga que eles não tinham intenção de me matar! - gritei. Ouvi em minha voz uma nota de loucura que me fez sentir ainda pior. - Caia fora daí e diga àquele escroto do Philbrick que ele quase provoca aqui um banho de sangue, entendeu bem?

- Charlie...

Ele estava choramingando.

- Cale a boca, Tom. Estou cansado de perder tempo com você. Eu estou no comando, não você, não Philbrick, não o superintendente das escolas, nem Deus. Entendeu o que eu disse?

- Charlie, deixe-me explicar.

- ENTENDEU O QUE EU DISSE?

- Entendi, mas...

- Muito bem. Esclarecemos isso. De modo que volte pra lá e dê a ele meu recado. Diga a ele que não quero vê-lo, nem ninguém, fazer o menor movimento na próxima hora. Ninguém vai entrar e falar nessa droga de aparelho de comunicação e ninguém vai tentar atirar em mim. Ao meio-dia, vou querer conversar novamente com Philbrick. Vai conseguir lembrar-se de tudo isso, Tom?

- Vou, Charlie. Tudo bem, Charlie. - Ele parecia aliviado, e idiota. - Eles queriam simplesmente que eu lhe dissesse que aquilo foi um erro. A arma de alguém disparou por acidente...

- Mais uma coisa, Tom. Muito importante.

- O quê, Charlie?

- Você precisa descobrir qual é sua situação em relação àquele cara, Philbrick, Tom. Ele lhe deu um empurrão e lhe disse para andar atrás do carro de boi, e você está fazendo isso. Dei a ele uma oportunidade de botar o rabo na linha de fogo, e ele não topou. Acorde, Tom. Faça valer seus direitos.

- Charlie, você tem que compreender a terrível posição em que nos colocou a todos.

- Saia daí, Tom.

Ele desligou. Todos nós observamos quando ele saiu pela porta principal e caminhou na direção dos carros. Philbrick adiantou-se e tocou-lhe o braço. Tom sacudiu-o para longe. Um bocado de garotos ali sorriu ao notar isso. Eu estava além de sorrisos. Queria estarem casa, em minha cama, sonhando tudo aquilo.

- Sandra - lembrei eu -, acho que você esteve nos falando a respeito de seu affaire de coeur com Ted.

Ted lançou-me um olhar sombrio.

- Você não vai querer dizer nada, Sandy. Ele está simplesmente tentando fazer com que a gente pareça tão sujo como ele. Ele está doente e cheio de germes. Não o deixe contaminá-la.

Ela sorriu. Sandra ficava realmente radiante quando sorria, como se fosse uma criança. Senti uma amarga nostalgia, não por ela, exatamente, nem por qualquer imaginada pureza (calcinha Dale Evans e tudo mais), mas por algo que não conseguia identificar com clareza. Ela, talvez. O que quer que fosse, fez-me sentir envergonhado.

- Mas eu quero - disse ela. - Quero ficar excitada, também. Sempre quis.

Eram 11:00h em ponto. A atividade lá fora parecia ter cessado. Nesse momento, eu ocupava uma posição bem longe da janela. Achei que Philbrick me daria uma hora. Ele não ousaria, nesse momento, fazer coisa nenhuma. Senti-me melhor, a dor no peito diminuindo um pouco. Minha cabeça, no entanto, estava muito esquisita, como se o cérebro funcionasse sem líquido arrefecedor, esquentando demais, como um motor a explosão no deserto. Às vezes, eu sentia quase a tentação (presunção ridícula) de pensar que os estava detendo por pura força de vontade. Agora sei, claro, que nada podia estar mais longe da verdade. Naquele dia, eu tinha um único refém, e o nome dele era Ted Jones.

- Nós simplesmente fizemos aquilo - disse Sandra, olhando para o tampo da carteira e acompanhando os entalhes ali com uma unha de polegar bem tratada.

Notei a divisão nos cabelos dela. Ela os dividia de lado, como um garoto. - Ted me convidou a ir à dança na Wonderland com ele, e eu disse que iria. Eu tinha um novo vestido de baile. - Olhou-me com ares de censura. - Você nunca me convidou, Charlie.

Podia ser que eu tivesse sido baleado no cadeado há apenas dez minutos? Senti uma vontade insana de perguntar a eles se aquilo havia realmente acontecido. Como todos eles eram estranhos!

- De modo que fomos à dança e, depois, à Cabana Havaiana. Ted conhece o dono e tomamos coquetéis. Exatamente como adultos.

Era difícil saber se havia ou não sarcasmo na voz de Sandra.

O rosto de Ted estava curiosamente vazio, mas os outros o fitavam como se ele fosse

um estranho inseto. Ali estava um garoto, um deles, que conhecia o dono daquele bar. Corky Herald estava obviamente mastigando isso e não gostando.

- Eu não achava que fosse gostar dos drinques, porque todo mundo diz que, no início, bebida forte tem um gosto horrível, mas gostei. Tomei um gin fizz e senti cócegas no nariz. - Olhou pensativa para a frente. - A bebida veio com um canudinho vermelho, e eu não sabia se a gente bebia com eles, ou simplesmente usava-os para mexer, até que Ted me disse. Foi uma ocasião muito agradável. Ted falou que era muito agradável jogar golfe em Poland Springs. Disse que, algum dia, me levaria e me ensinaria a jogar, se eu quisesse.

Ted estava encrespando e desencrespando novamente os lábios, como se fosse um cão.

- Ele não tomou liberdades nem fez coisa nenhuma. Deu-me um beijo de boa-noite, porém, e não ficou nervoso com isso. Alguns garotos sofrem pra burro quando nos levam para casa, perguntando a si mesmos se devem dar um beijo de boa-noite ou não. Eu sempre os beijo, para que eles não se sintam mal. Se o cara era chato, eu simplesmente fingia que estava lambendo um envelope.

Lembrei-me da primeira vez em que saí com Sandy Cross, quando a levei para a dança costumeira de sábado na escola. Eu me sentira infeliz durante toda a viagem até a casa dela, pensando se devia ou não dar-lhe um beijo de boa-noite. No fim, não dei.

- Depois disso, saímos mais três vezes. Ted foi muito bonzinho. Ele sempre conseguia pensar em coisas engraçadas para dizer, mas nunca me contou piadas imorais, coisas assim. A gente bolinou um pouco e só foi isso. Depois, não saí mais com ele durante muito tempo, até abril passado. Ele me perguntou se queria ir ao Rollerdrome, em Lewiston.

Eu quisera convidá-la a ir à dança na Wonderland comigo, mas não ousara. Joe, que sempre sai com pequenas quando quer, continuava a dizer por que não a convida e eu continuava a ficar mais nervoso e dizer a ele que me deixasse em paz. Finalmente, reuni coragem para telefonar para ela, mas tive que desligar depois de uma única chamada e correr para o banheiro e vomitar. Como disse a vocês, meu estômago é fraco.

- A gente estava se divertindo às pampas quando, de repente, aqueles garotos armaram uma briga bem no meio do ringue - continuou Sandra. - Garotos de Harlow e garotos de Lewiston. De qualquer modo, começou uma briga feia. Alguns lutavam ainda calçados com os patins de rodas, mas a maioria os tirou. O dono chegou correndo e disse que se não parassem com aquilo, iria fechar a casa. Os meninos estavam ficando com os narizes melados de sangue, patinando de um lado para o outro, chutando quem havia caído, trocando socos e dizendo coisas horríveis. Durante todo tempo, a vitrola automática, a todo volume, tocava uma música dos Roling Stones.

Após uma pausa, prosseguiu:

- Ted e eu estávamos em um canto do rinque, perto do estrado da banda. !-à, nos sábados, há, música ao vivo, sabiam? Um garoto usando jaqueta preta passou patinando. Tinha cabelos compridos e espinhas no rosto. Riu, acenou para Ted quando passou P

gritou: "Foda ela, meu chapa. Eu fodi!" Ted simplesmente estendeu a mão e deu um murro na cabeça dele. O garoto continuou patinando até o centro do rinque, tropeçou nos sapatos de alguém e caiu de cabeça. Ted estava olhando para mim e seus olhos, vocês sabem, estavam quase saltando da casa. Ele estava sorrindo. Sabem, essa foi realmente a única vez em que vi realmente Ted sorrir, como se estivesse se divertindo muito.

"Então, ele me disse: 'Volto já!' e cruzou o rinque na direção do centro, onde o garoto que havia dito aquilo ainda estava se levantando. Ted agarrou-o pelas costas da jaqueta e... não sei:.. e começou a dar puxões nele para frente e para trás... o garoto não conseguia se virar... e Ted simplesmente continuava a lhe dar safanões para a frente e para trás, a cabeça do garoto subia e descia, e a jaqueta começou a se rasgar bem no meio das costas. E ele disse: `Vou matá-lo por rasgar minha melhor jaqueta, seu filho da puta!' Ted, em vista disso, deu-lhe outro safanão, e jogou em cima dele o pedaço da jaqueta que tinha ficado em sua mão. Depois, voltou para o lagar onde eu estava e saímos dali. Fomos de carro para Auburn, para um lugar abrigado que ele conhecia. Fica naquela estrada para Lost Valley, acho. E nós fizemos amor ali. No assento traseiro do carro."

Novamente, acompanhava com o polegar os entalhes no tampo da carteira.

- Não doeu muito. Eu pensei que ia doer, mas não doeu muito. Foi bom.

Ela falava como se estivesse discutindo um filme de enredo de Walt Disney, um daqueles com todos aqueles animaizinhos lindos. Apenas, este aqui estava olhando fixamente para Ted como se fosse a Marmota Careca.

- Ele não usou uma daquelas coisas que disse que ia usar, mas não fiquei grávida nem nada.

Um vermelho lento começava a esgueirar-se da gola da camisa do Exército que Ted usava e a espalhar-se pelo pescoço e subir para o rosto. O rosto, no entanto, permaneceu furiosamente inexpressivo.

Com as mãos, Sandra fazia movimentos lentos, langorosos. De repente, tive a certeza de que o hábitat natural dela seria uma rede de terraço no auge do verão em agosto, a temperatura em 34°C à sombra, lendo talvez um livro (ou talvez simplesmente olhando para o ofuscamento do verão subindo da estrada), uma lata de Seven-Up ao lado com um canudinho, vestida com uma curta bermuda branca e um sutiã sumário com as alças arriadas, pequenos diamantes de suor brilhando na onda superior dos seios e no baixo estômago...

- Ele pediu desculpa depois. Parecia embaraçado, e eu senti um pouco de pena dele. Ele continuava a dizer que casaria comigo se... vocês sabem, se eu engravidasse. Estava realmente perturbado. E eu disse: "Nada de esperar problemas, 'T'eddy", e ele: "Não me chame assim, é nome de bebê". Acho que estava surpreso de eu ter feito aquilo com ele. E não engravidei. Apenas pareceu que o que aconteceu não tinha aquela importância toda.

"Às vezes, sinto-me como se fosse uma boneca. Não realmente real. Querem saber de uma coisa? Arrumo meu cabelo, de vez em quando tenho que baixar a barra da saia ou, talvez, tomar conta das crianças quando papai e mamãe vão jantar fora. E tudo isso parece muito falso. Como se eu pudesse olhar por trás da parede da sala de estar e tudo fosse de papelão, com um diretor e um cinegrafista preparando-se para filmar a cena seguinte. Como se a grama e o céu fossem pintados em cenários de lona. Falsos." -- Fitou-me seriamente. - Você já se sentiu assim, Charlie?

Pensei nisso com todo cuidado.

- Não - respondi. - Não posso me lembrar disso jamais ter me ocorrido.

- Pois me ocorreu. Ainda mais depois daquela vez com Ted. Mas não engravidei nem nada. Eu pensava que toda moça ficava grávida na primeira vez, sem falta. Tentei imaginar como seria, contando a meus pais. Meu pai ficaria realmente furioso e quereria saber quem fora o filho da puta. Mamãe choraria e diria: "Eu pensava que tinha criado você bem". Isso teria sido real. ;fitas, depois de algum tempo, deixei de pensar nisso. Não podia nem mesmo me lembrar exatamente como fora, ter ele... bem, dentro de mim. De modo que voltei ao Rollerdrome.

A sala estava inteiramente silenciosa. Nunca, em seus sonhos mais ambiciosos, a sra. Underwood poderia ter esperado despertar tanta atenção como Sandra nesse momento.

- Aquele garoto me apanhou. Deixei que ele me apanhasse. - Seus olhos haviam adquirido um estranho brilho. - Eu usava minha saia mais curta. A azul claro. E unta blusa transparente. Mais tarde, fomos para a traseira do carro. E isso pareceu real. Ele não foi absolutamente delicado. Ele era meio... nervoso. Eu não o conhecia, absolutamente. Continuava a pensar que ele talvez fosse um daqueles maníacos sexuais. Que podia estar armado com uma faca. Que podia me obrigar a tomar droga. Ou que eu poderia engravidar. Eu me sentia viva.

Ted Jones se virara finalmente e nesse momento olhava para Sandra com uma expressão quase paralisada de horror e profundo nojo. Tudo aquilo parecia um sonho - algo saído de le moyen age, um sombrio drama de paixão.

- Aquilo aconteceu numa noite de sábado e a banda estava tocando. A gente podia ouvi-la no pátio de estacionamento, embora meio distante. O Rollerdronne não parece lá essas coisas visto do fundo, apenas caixas e engradados empilhados e latões de lixo cheio de garrafas de cola. Eu estava com medo, mas excitada, também. Ele estava respirando forte e segurando com força meu punho, como se esperasse que eu tentasse fugir. Ele...

Ted emitiu um horrível som de sufocamento. Era difícil acreditar que alguém em meu grupo de idade pudesse ser tocado tão dolorosamente por qualquer outra coisa que não a morte de um dos pais. Mais uma vez, admirei-o.

- Ele tinha um carro velho, preto, e o carro me fez lembrar que minha mãe costumava dizer quando eu era pequena que, às vezes, homens estranhos queriam que a gente entrasse no carro com eles e que a gente nunca devia fazer isso. Isso também me

excitou. Lembro-me de ter pensado: "E se ele me raptar, me levar para alguma velha cabana no mato e me manter presa por resgate? Ele abriu a porta de trás e eu entrei. Ele começou a me beijar. A boca dele estava toda graxenta, como se ele houvesse andado comendo pizza. Lá dentro vendem pizza a 20 centavos o pedaço. Começou a me apalpar e vi que ele estava manchando minha blusa com molho de pizza. Depois nos deitamos e eu mesma levantei minha saia para ele...

- Cale a boca!- gritou Ted com uma selvagem subitaneidade. Desceu violentamente ambos os punhos sobre o tampo da carteira. - Sua puta ordinária! Você não pode contar isso em público! Cale essa boca ou vou fechá-la pra você! Sua...

- Você é quem vai calar a boca, Teddy, ou enfio esses seus dentes garganta abaixo - disse friamente Dick Keene. - Você conseguiu seu prazer, não conseguiu?

Ted fitou-o boquiaberto. Os dois jogavam um bocado de sinuca juntos no Harlow Rec e às vezes andavam no carro de Ted. Conjeturei se os dois continuariam amigos depois que tudo aquilo acabasse. Tinha minhas dúvidas.

- Ele não cheirava lá muito bem - continuou Sandra, como se não tivesse havido qualquer interrupção. - Mas ele era duro. E maior do que Ted. E não era circuncisado. Lembro-me disso. Parecia uma ameixa quando ele o tirou da, vocês sabem, do prepúcio. Pensei que poderia doer, embora eu não fosse mais virgem. Pensei que a polícia podia chegar e prender nós dois. Eu sabia que a polícia rondava o parque de estacionamento para evitar que alguém roubasse calotas, coisas assim.

"E uma coisa engraçada começou a acontecer dentro de mim, antes mesmo de ele arriar minha calça. Nunca achei coisa alguma tão gostosa. Ou tão real. - Engoliu em seco. Tinha o rosto vermelho. - Ele me tocou com a mão, e eu gozei. Tão simples assim. E o engraçado é que ele nem mesmo fez isso. Estava tentando enfiar e eu tentando ajudá-lo, o membro dele continuava a roçarem minha perna e de repente... Vocês sabem. E ele ficou aliem cima de mim durante um minuto, e depois disse no meu ouvido: 'Sua putinha. Você fez isso de propósito.' E isso foi tudo."

Sacudiu vagamente a cabeça.

- Mas foi muito real. Lembro-me de tudo... da música, da maneira como ele sorria, do som que o fecho da calça fez quando ele o abriu... de tudo.

Sorriu para mim, aquele sorriso estranho, sonhador.

- Mas aquela vez foi melhor, Charlie.

E o estranho era que eu não sabia se estava com vontade de vomitar ou não. Acho que não, mas foi por pouco. Acho que quando a gente deixa a estrada principal deve preparar-se para ver umas casas engraçadas.

- Como é que as pessoas sabem que elas são reais? - murmurei.

- O quê, Charlie?

- Nada.

Olhei para eles com toda atenção. Não pareciam enjoados, nenhum deles. O que vi foi um brilho sadio em todos os olhos. Havia alguma coisa em mim (talvez tenha chegado com o Mayflower) que queria saber: Como pôde ela deixar aquilo escondido atrás das paredes de si mesma? Como foi que ela pôde contar aquilo? Mas nada havia nos rostos à minha frente para repetir esse pensamento. Teria havido no rosto de Philbrick. No rosto do bom e velho Tom. Provavelmente, não, na face de Don Grace, mas ele teria estado pensando nisso. Por dentro, a despeito de todos os programas noticiosos noturnos, eu conservara a crença de que as coisas mudam, mas não as pessoas. Era uma espécie de horror começar a pensar que durante todos aqueles anos eu estivera jogando beisebol em um campo de futebol. Chiqueiro continuava a examinar a amarga forma de seu lápis. Susan Brooks parecia apenas docemente solidária. Dick Keene exibia no rosto uma expressão meio interessada, meio desejosa. A testa de Corky estava enrugada e ele franzia as sobrancelhas enquanto digeria aquela história. Gracie dava a impressão de ligeiramente surpresa, mas isso era tudo. Irma Bates parecia desenxabida, abatida. Acho que não se recuperara ainda do choque de me ver baleado. Seriam as vidas de nossos pais tão simples e comuns que a história de Sandy teria constituído para eles leitura horripilante? Ou seriam as vidas de todos eles ali na sala tão estranhas e cheias de folhagem mental apavorante que as aventuras sexuais da colega se situavam no mesmo nível que vencer um desempate de boliche? Eu não queria pensar nisso. (Vão me achava em condições de passarem revista implicações morais.

Só Ted parecia doente e horrorizado, mas ele não mais contava.

- Não sei o que vai acontecer - disse Carol Granger, levemente preocupada. Olhou em volta. - Receio que tudo isso vá mudar as coisas. Não estou gostando. Fitou-me, acusadora. - Eu gostava da maneira como as coisas iam, Charlie. Não quero que as coisas mudem depois que isto acabar.

- Ahn_ - disse eu.

Mas esse tipo de comentário não tinha poderes para mudar a situação. As coisas haviam escapado ao controle. Não havia mais uma maneira real que pudesse ser negada. Senti uma ânsia súbita de rir de todos eles, observar que eu começara ali como principal atração e que terminara como espetáculo secundário.

- Vou ter que ir ao banheiro - disse de repente Irma Bates.

- Agüente - disse eu.

Sylvia soltou uma risada.

- Uma boa ação com uma boa ação se paga - continuei. - Prometi a vocês contar minha vida sexual. Na verdade, não há muita coisa a contar, a menos que vocês saibam ler a mão. Contudo, há uma historinha que vocês talvez achem interessante.

Sarah Pasterne bocejou e eu senti uma vontade inesperada, dolorosa, de estourar a

cabeça dela com uma bala. Mas o número dois tem que se esforçar mais, como dizem naqueles anúncios de agência de locação de carros. Alguns caras guiam mais ligeiro, mas Decker esvazia mais rápido dos cinzeiros de sua mente todas as baganas psíquicas.

Subitamente, lembrei-me daquela canção dos Beatles que começa assim: "Li as notícias hoje, oh, rapaz..."

Contei a eles:

CAPÍTULO 26

NO VERÃO ANTERIOR AO MEU ANO de calouro na Placerville, Joe e eu fomos de carro a Bangor, onde o irmão dele arranjara um emprego de verão no Departamento de Saneamento local. Pete McKennedy tinha 21 anos (uma idade fantástica, segundo me parecia. Quanto a mim, eu lutava no esgoto a céu aberto dos 17 anos) e ia estudar na Universidade do Maine, onde ia especializar-se em inglês.

Tudo indicava que íamos ter um grande fim-de-semana. Na noite de sexta-feira, fiquei bêbado pela primeira vez na vida, juntamente com Pete, Joe e um ou dois amigos de Pete, e não tive nem mesmo uma grande ressaca no dia seguinte. Pete não trabalhava nos sábados, de modo que nos levou ao campus da Universidade e nos mostrou as vistas. O lugar é realmente muito bonito no verão, embora em um sábado de julho não houvesse muitas moças bonitas para olhar por ali. Pete disse-nos que a maioria dos estudantes decolava no verão para Bar Harbor ou Clear lake, onde passava os fins-de-semana.

Estávamos justamente nos preparando pra voltar para a casa de Pete quando ele viu um cara que ele conhecia dirigindo-se para o parque de estacionamento.

- Scragg! - berrou ele. Hei, Scragg!

Scragg era um cara grandalhão que usava jeans manchados de tinta e uma camisa de trabalho azul. Bigodes louros caídos dos lados, ele fumava nesse momento um charuto pequeno de aparência sinistra que mais tarde identificou como o Original Smoky Perote. O troço desprendia um cheiro de roupa de baixo que queimava lentamente.

- Como vão as coisas? - perguntou ele.

- Em cima - respondeu Pete. Este aqui é meu irmão, Joe, e o amigo dele, Charlie Decker - apresentou. - Scragg Simpson.

- Oi, vocês - disse Scragg, apertando nossas mãos e ignorando-nos em seguida. - O que é que você vai fazer hoje à noite, Pete?

- Pensei em nós três pegarmos um cineminha.

- Não faça isso, Pete - aconselhou Scragg com um sorriso. - Não faça isso, cara.

- O que é que é melhor? - perguntou Pete, sorrindo também.

- Dana Collette vai dar uma festa naquele acampamento que os pais dela têm perto de Schoodic Point. Vai haver por lá uns quarenta milhões de mulheres sem companhia.

Traga droga.

- Larry Moeller tem alguma erva? - perguntou Pete.

- Na última vez que soube, estava abarrotado. Estrangeira, nacional, local... tudo menos boquilha-filtro.

Pete inclinou a cabeça.

- A gente vai, a menos que chova canivete.

Scragg inclinou também a cabeça e fez um gesto de despedida enquanto se preparava para reiniciar aquela forma sempre popular de locomoção no campus, o Andar Encurvado do Calouro.

- A gente se vê - disse ele a mim e a Joe.

Fomos procurar Jerry Moeller, que Pete disse ser o maior passador de drogas do triângulo Orono-Oldtown-Stillwater. Conservei-me frio, como se fosse um dos veteranos chincheiros de Placerville, mas, por dentro, estava emocionado e um bocado apreensivo. Segundo me lembro, esperava, mais ou menos, ver Jerry sentado nu em cima do sanitário, com um garrote de borracha abaixo do cotovelo e uma seringa de injeção pendurada numa veia do grosso antebraço. E observando no umbigo a subida e a descida do antigo Atlantis.

Ele possuía um pequeno apartamento em Oldtown, que fica em um dos lados do campus. Oldtown é uma pequena cidade com três características marcantes: uma fábrica de papel, uma fábrica de canoas, e 12 das mais violentas espeluncas deste grande e sorridente país. Possui também um acampamento de índios de reserva autênticos e a maioria deles olha para nós como se especulando quanto cabelo a gente tem crescendo no eu e se valeria a pena escalpelá-los.

Acabei por descobrir que Jerry não era um sinistro tipo de traficante que dava audiência em meio a catinga de incenso e música de Ravi Shankar, mas um cara baixinho com uni sorriso constante de quem comeu limão e não gostou. Estava inteiramente vestido e em plena posse de suas faculdades mentais. Seu único ornamento era um button amarelo vivo com a mensagem A LOURINHA ADOROU. Em vez de Ravi e Sua incrível Cítara Cantante, ele possuía uma grande coleção de música caipira. Quando vi seus álbuns dos Greenbriar Boys, perguntei-lhe se já ouvira alguma coisa dos Tarr Brothers - uma vez que sempre fui maluco também por música caipira. Depois disso, conversamos para valer. Pete e Joe ficaram simplesmente sentados ali, parecendo entediados, até que Jerry compareceu com um pequeno cigarro enrolado em papel marrom.

- Quer acendê-lo? - perguntou ele a Pete.

Pete acendeu-e. O cheiro era penetrante, quase de breu, e muito agradável. Deu uma puxada forte, prendeu a fumaça, e passou o baseado a Joe, que tossiu a maior parte da fumaça.

Jerry virou-se para mim:

- Já ouviu os Clinch Mountain Boys?

Sacudi a cabeça.

- Mas ouvi falar neles.

- Você deve escutar isto - disse ele. - Menino, é excitante. - Botou no estéreo um LP com uma etiqueta esquisita. Chegou a minha vez no baseado. - Você fuma cigarros? - perguntou paternalmente Jerry.

Sacudia cabeça.

- Então puxe devagar, ou vai perder a tragada.

Puxei devagar. A fumaça era adocicada, muito espessa, acre, seca. Prendi a respiração e passei o baseado a Jerry. Os Clinch Mountain Boys começaram a cantar Blue Ridge Breakdown.

Meia hora depois já havíamos fumado mais dois baseados e eu escutava Flatt ano Scruggs cantarem uma musiquinha intitulada Russian Around. E estava quase pronto para perguntar quando devia me sentir "alto", quando notei que podia mentalmente visualizar as cordas do banjo. Eram brilhantes, como se fossem longas linhas de aço, movendo-se de um lado para o outro como lançadeiras de tear. Moviam-se rápidas, mas eu podia segui-las com os olhos se me concentrava fortemente. Tentei dizer isso a Joe, mas ele apenas me olhou de uma forma confusa, vaga. Nós dois rimos. Pete examinava com grande atenção uma foto das Cataratas do Niágara pregada na parede.

Terminamos ficando por ali até quase cinco horas da tarde e quando saímos eu já estava no embalo. Pete comprou erva a Jerry e decolamos para Schoodic. À porta do apartamento, Jerry gesticulou, despedindo-se de nós e gritou para mim, dizendo-me que voltasse e trouxesse meus discos.

Esse foi o último momento realmente feliz que consigo me lembrar.

Foi longa a viagem até a costa. Todos nós estávamos ainda muito "altos" e embora Pete não tivesse problemas para dirigir, nenhum de nós conseguia dizer coisa alguma sem cair na risada. Lembro-me de ter perguntado a Pete como era essa Dana Collette que estava dando a festa e ele simplesmente fez uma cara debochada. Isso me fez rir tanto que pensei que meu estômago ia explodir. Na cabeça, continuava a ouvir música caipira.

Na primavera, Pete fora a uma festa naquele mesmo lugar e só tomamos um desvio errado antes de chegar lá. Ficava ao fim de quilômetro e meio de cascalho marcado com uma tabuleta: ESTRADA PARTICULAR. A uns 400m da cabana a gente já ouvia o contrabaixo marcando o ritmo da música. Havia tantos carros por ali que tivemos que andar logo depois daquele ponto.

Pete parou o carro e descemos. Eu estava começando a me sentir inseguro e embaraçado

novamente (em parte resto da maconha e em parte por ser eu mesmo), achando que ia parecer jovem e estúpido demais no meio de toda essa gente de faculdade. Jerry Moeller tinha que ser uma exceção em cem. Resolvi ficar simplesmente junto de Joe e manter o bico calado.

No fim, eu poderia ter economizado aquela preocupação toda. O lugar estava abarrotado até o telhado com o que me pareceu um milhão de pessoas, todos bêbados, drogados, ou as duas coisas. O cheiro de maconha enchia o ar como se fosse um denso nevoeiro, juntamente com o cheiro de vinho e corpos quentes. O lugar era uma confusão só de conversas, música alta e risos. Havia duas lâmpadas pendentes do teto, uma azul e outra vermelha. Isso resume a primeira impressão que o local me causou - parecido com o labirinto da Old Orchard Beach.

Do outro lado da sala, Scragg acenou para nós.

- Pete! - alguém guinchou, quase no meu ouvido. Virei-me bruscamente e quase engoli a língua.

Era uma moça baixa, quase bonita, usando cabelos descorados e o vestido mais curto que jamais vi na vida- um alaranjado fluorescente brilhante que parecia quase vivo naquela estranha iluminação.

- Oi, Dana! - berrou Pete, abafando o ruído. - Este aqui é meu irmão, Joe, e um dos amigos dele, Charlie Decker.

Ela disse oi para nós dois.

- Não é uma festa bacana? - perguntou-me ela.

Quando se movia, a barra da saia roçava o fundo de renda da calcinha.

Eu disse que era mesmo uma festa bacana.

- Trouxe alguma gulodice, Pete?

Pete sorriu largamente e mostrou seu estoque de erva. Os olhos de Dana faiscaram. Ao meu lado, seu quadril pressionava casualmente o meu. Eu lhe sentia a coxa nua. Comecei a ficar excitado.

- Traga pra cá - disse ela.

Encontramos um lugar relativamente desocupado atrás de um dos alto-falantes do estéreo. Dana tirou um enorme narguilé enroscado de uma estante que praticamente gemia com o peso de Hesse, Tolkien e livros condensados de Reader's Digest. Estes últimos pertenciam aos pais dela, acho. Começamos a fumar. A erva ficava muito mais macia em um narguilé e consegui segurar melhor a fumaça. Comecei a ficar realmente muito "alto". Minha cabeça se enchia cada vez mais de hélio. Pessoas chegavam e se afastavam. Apresentações eram feitas, que eu imediatamente esquecia. A coisa que eu mais gostava nas apresentações era que, toda vez que uma pessoa chegava, Dana

levantava-se de um salto para abraçá-lo ou abraçá-la. E quando fazia isso, eu podia olhar diretamente vestido acima para o lugar onde o Lar Celestial estava coberto pelo mais transparente náilon azul. Caras mudavam os discos. Observei-os ir e vir (alguns deles, sem dúvida, comentando Miguel Ângelo, Ted Kennedy ou Kurt Vonnegut). Uma mulher me perguntou se eu lera Women Rapists, de Susan Brownmiller. Respondi que não. Disse-me que era coisa muito fina. Revirou os olhos para cima para me mostrar como era coisa fina e depois foi embora. Olhei para o pôster fluorescente pregado na parede mais distante, que mostrava um cara usando camisa de malha, sentado em frente de um aparelho de TV. Os globos oculares do cara estavam escorrendo lentamente por cima de suas bochechas e ele tinha um sorriso imbecil nos lábios. A legenda dizia: MEEEERDA! NOITE DE SEXTA-FEIRA E ESTOU DROGADO NOVAMENTE!

Observei Dana cruzar e descruzar as pernas. Uns poucos pêlos pubianos, nove tonalidades mais escuras do que o branqueamento dos cabelos, haviam escapado pelo elástico da calcinha. Não acho que jamais tenha ficado tão excitado assim. Duvido que venha a ficar assim outra vez. Eu possuía um membro que me parecia suficientemente grande e comprido para ser usado em salto com vara. Comecei a especular se o órgão sexual masculino pode explodir.

Ela virou-se para mim e, de repente, sussurrou no meu ouvido. Instantaneamente, meu estômago esquentou 20 graus, como se eu houvesse estado comendo pimenta. Um momento antes, ela estivera conversando com Pete e com um cara ao qual me lembro de ter sido apresentado. Logo 'em seguida, murmurava em meu ouvido, a respiração dela fazendo cócegas no conduto auditivo: "Saia pela porta dos fundos", disse. "Ali". E apontou.

Era difícil compreender, de modo que simplesmente lhe segui o dedo. Sim, ali Havia uma porta. A porta era real. Tinha uma maçaneta e tanto. Soltei uma risada, convencido de que acabara de pensar numa coisa muito engraçada. Ela riu de leve em meu ouvido e disse: "Você esteve olhando por baixo de meu vestido a noite toda. O que é que isso significa?" E antes que eu pudesse responder; ela me beijou suavemente no rosto e me deu um leve cutucão para me pôr em movimento.

Olhei em volta à procura de Joe, mas não o vi em parte alguma. Sinto muito, Joe. Levantei-me e ouvi os joelhos estalarem. Tinha as pernas duras de ficar sentado durante tanto tempo na mesma posição. Senti vontade de puxar a camisa para fora das calças e esconder o grosso volume em meus jeans. Senti ânsia de cruzar a sala na ponta dos pés. Senti um grande desejo de rir loucamente e anunciar para o público em geral que Charles Everett Decker acreditava sinceramente que ia dar uma trepada, que Charles Everett Decker estava prestes a ser descabaçado.

Não fiz nada disso.

Saí pela porta dos fundos.

Eu estava tão "alto" e excitado que quase caí por uns sete metros até a pequena praia branca que ficava embaixo. Os fundos da cabana davam para um precipício rochoso que descia até uma enseada do tamanho de um selo postal. Um lance de escada curtido pelo tempo descia até a praia. Pisei com cuidado, segurando o corrimão. Meus pés se sentiam

a mil quilômetros de distância. A música parecia distante nesse lado da casa, misturando-se e quase sendo abafada pelo som rítmico das ondas.

Havia uma nesga de luz e um fantasma de brisa. A cena era tão paralisantemente bela que, por um momento, pensei que tinha entrado em um postal mostrando um quadro em preto e branco. A cabana atrás e acima era apenas uma vaga mancha. Árvores cresciam de ambos os lados, pinheiros e espruces, envolvendo a praia em forma de crescente, que era lambida pelas ondas. Vi a curva indistinta de uma ilha muito longe à esquerda e me perguntei quem andava por lá naquela noite, além do vento. Era um pensamento solitário e me provocou um pequeno calafrio.

Tirei os sapatos e esperei por ela.

Não sei quanto tempo demorou até ela chegar. Não usava relógio e, de qualquer maneira, estava "alto" demais para ver as horas com precisão. E depois de algum tempo, uma inquietação começou a surgir. Era alguma coisa sobre a sombra das árvores na areia molhada e compacta e no som do vento. Talvez o próprio oceano, imenso, mãe prenha cheia de vida invisível e todos aqueles pequenos riscos de luz. Talvez a sensação de frio da areia sob meus pés descalços. Talvez nenhuma dessas coisas, talvez todas elas e mais ainda. Na ocasião em que ela pôs a mão no meu ombro, eu já perdera a ereção. Wyatt Earp entrando no Ok Corral sem o seu pau-de-fogo.

Ela me virou, levantou-se na ponta dos pés e me beijou. Senti-lhe o calor das coxas, mas, nesse momento, isso nada tinha de especial para mim.

- Eu vi você olhando para mim - foi o que ela disse. - Você é bonzinho? Pode ser bonzinho?

- Posso tentar - respondi, sentindo-me um pouco absurdo. Toquei-lhe os seios e ela me abraçou com força. Minha ereção, porém, continuava ausente.

- Não diga a Pete - pediu ela, segurando-me a mão. - Ele me mataria. Nós temos... uma espécie de coisa.

Levou-me para baixo dos degraus dos fundos da casa, onde a relva era fria e misturada com aromáticas aguilhas de pinheiro. As sombras cobriram de taliscas de veneziana seu corpo quando ela tirou o vestido.

- Isso é tão louco - disse ela, e parecia excitada.

Logo depois estávamos rolando juntos por ali e eu tirei a camisa. Ela estava trabalhando no fecho de minha calça jeans. Meu pau, porém, continuava na hora do recreio. Ela me tocou, enfiando a mão dentro de minha cueca e os músculos que há ali se sacudiram violentamente - não de prazer ou de asco, mas numa espécie de terror. A mão dela parecia borracha, fria, impessoal e anti-séptica.

- Vamos - murmurou ela. - Vamos, vamos, vamos...

Tentei pensar em alguma coisa sexy, qualquer coisa sexy. Tal como olhar de baixo para

cima da saia de Darleen Andreissen na escada da biblioteca, ela sabendo e deixando. Tal como o baralho francês de Maynard Quinn, com estampas pornográficas. Pensei em Sandy Cross usando calcinha preta sexy e isso produziu algum movimento ali embaixo... e então, entre todas as coisas que surgiram em minha imaginação, vi meu pai com aquela faca de caça na mão falando da Plástica Cherokee no Nariz.

(O quê?. perguntou Corky Herald. Expliquei o que era a Plástica Cherokee no Nariz. "Oh", disse Cork. Eu continuei.)

Isso foi o bastante. A coisa toda desmoronou novamente. E depois disso, não houve nada. Nada. Nada. A calça jeans subiu para junto da camisa. A cueca ficou em algum lugar em volta de meus tornozelos. Ela tremia embaixo de mim, eu a sentia como se fosse a corda puxada de um instrumento musical. Baixei a mão, peguei o pau e sacudi-o, como se para lhe perguntar qual era o problema. O sr. Pênis, porém, não queria conversa. Subi a mão até a junção quente das coxas dela. Senti-lhe os pêlos pubianos, um pouco encarapinhados, chocantemente parecidos com os meus. Enfiei nela um dedo exploratório, pensando: É este o lugar. É este o lugar sobre o qual homens como meu pai brincam em caçadas e cadeiras de barbeiro. Matam por isso. Abrem-no à força. Roubam-no ou tomam-no na porrada! Pegue-o... nu deixe-o.

- Onde está ele? - murmurou Dana, a voz aguda, sem fôlego. - Onde está ele? Onde...?

De modo que tentei. Mas foi como naquela velha piada sobre o cara que tentou enfiar os testículos num mealheiro. Nada. E durante todo tempo eu ouvia o som baixo do oceano batendo na praia, como a trilha sonora de um filme sentimental.

Saí de cima dela.

- Sinto muito.

Minha voz saiu chocantemente alta, áspera.

Ouvi-a suspirar. Um som curto, irritado.

- Tudo bem - disse ela. - Isso acontece.

- Não comigo - respondi, como se esta fosse a primeira vez em vários milhares de trepadas em que meu equipamento pifava.

Obscuramente, ouvi Mick Jagger e os Stones berrando "Hot Stuff . Uma das pequenas ironias da vida. Eu ainda me sentia arrasado, mas era uma sensação fria, sem fundo. A fria certeza de que eu era bicha subiu por mim como sé fosse água. Eu lera em alguma parte que o cara não precisava ter qualquer clara experiência homossexual para ser bicha. O cara podia ser assim e nunca saber até que o veado escondido no armário salta em cima de você como a mãe de Norman Bates no filme Psicose, um assaltante grotesco cabriolando com a maquiagem da mamãe e usando os sapatos da mamãe.

- Tudo bem - disse ela. - Pete...

- Escute aqui, eu sinto muito.

Ela sorriu, mas o sorriso pareceu fabricado. Desde então, tenho me perguntado se era ou não. Gostaria de pensar que foi um sorriso autêntico.

- Foi a droga. Aposto que você é um cara danado de quente quando as coisas estão certas.

- Foda-se - disse eu e me arrepiei todo ao som de minha própria voz.

- Não. - Sentou-se. - Vou voltar lá pra dentro. Espere até eu ir embora, antes de subir.

Quis dizer a ela para esperar, deixar-me tentar novamente, mas sabia que não podia, nem que os mares secassem e a lua se transformasse em óxido de zinco. Dana subiu o fecho do vestido e foi embora, deixando-me ali, sob os degraus. A lua me olhava atenta, talvez para ver se eu ia chorar. Não chorei. Depois de algum tempo, arrumei as roupas e tirei a maior parte das últimas folhas de outono. Subi. Pete e Dana haviam desaparecido. Joe estava lá num canto, no maior chamego com uma loura realmente deslumbrante, que nesse momento tinhas as mãos em seus abundantes cabelos louros. Sentei-me e esperei que a festa acabasse. Finalmente, acabou.

Quando voltamos a Bangor, o amanhecer já havia tirado do saco a maior parte de suas surpresas e a borda vermelha do sol espiava para nós entre as chaminés do belo centro de Brewer. Nenhum de nós tinha muito o que dizer. Eu me sentia cansado, terroso e não muito capaz de saber quanto dano me fora feito. Um sentimento surdo me dizia que fora mais do que eu necessitava.

Subimos e caí no minúsculo sofá-cama da sala de estar. A última coisa que vi antes de pegar no sono foram barras de luz do sol caindo através das taliscas da veneziana e batendo no pequeno tapete estendido junto ao radiador.

Sonhei com a Coisa Rangedora. Era quase a mesma que no meu tempo de menino, eu na cama, as sombras móveis da árvore no lado de fora correndo pelo teto, o som contínuo e sinistro. Apenas, desta vez, o som se aproximava cada vez mais, até que a porta do quarto se abriu de chofre com um estalo terrível, como um som do Dia do Juízo Final.

Era meu pai, minha mãe nos braços. O nariz dela fora aberto de cima a baixo e sangue escorria pelas bochechas dela como se fosse tinta úmida.

- Você a quer? - perguntou ele. - tome-a, seu vagabundo inútil. Fique com ela.

Lançou-a na cama ao meu lado e vi que ela estava morta, e foi nesse momento que acordei, gritando. Com uma ereção.

CAPÍTULO 27

NINGUÉM TEVE MAIS NADA A DIZER depois disso, nem mesmo Susan Brooks. Eu me sentia cansado. Não parecia haver muita coisa mais a dizer. A maioria dos garotos olhava para fora nesse momento, mas nada havia para ver que não houvesse estado ali uma hora antes - na verdade, menos, porque todos os pedestres haviam sido enxotados para longe. Cheguei à conclusão de que a história de Sandra sobre sexo fora melhor do que a minha. No dela houvera orgasmo.

Ted Jones me fitava com a habitual intensidade ardente. (Pensei, no entanto, que a repugnância fora inteiramente substituída pelo ódio, e isso era levemente agradável.) Sandra Cross decolara para seu próprio mundo privado. Pat Fitzgerald, com todo cuidado, dobrava uma folha de papel para exercícios de matemática e transformava-a em um avião aerodinamicamente furado.

De repente, Irma Bates disse, em tom de desafio:

- Vou ter que ir ao banheiro!

Suspirei. O som pareceu muito com a maneira como me lembrava do suspiro de Dana Collette no Schoodic Point.

- Vá, então.

Ela me olhou, incrédula. Ted pestanejou. Don Lordi soltou uma risadinha zombeteira.

- Você daria um tiro em mim.

Fitei-a.

- Você precisa ir à latrina ou não?

- Posso agüentar mais - respondeu ela, mal-humorada.

Soprei o ar com força, como meu pai faz quando está pissado.

- Bem, vá ou deixe de se mexer em sua cadeira. Não precisamos de nenhuma poça de mijo embaixo de sua carteira.

Corky rompeu na risada ao ouvir isso. Sarah Pasterne deu impressão de ter ficado chocada.

Como se para me fazer raiva, Irma levantou-se e dirigiu-se em passos fortes e vigorosos

para a porta. Eu obtivera pelo menos um ponto; Ted olhava-a fixamente, e não mais para mim. Chegando à porta, ela parou indecisa, a mão na maçaneta. Parecia uma pessoa que acabara de levar um choque elétrico enquanto ajustava a antena interna da TV e estava em dúvida se devia ou não tentar novamente.

- Você não atira em mim?

- Você vai ao banheiro ou não vai? - perguntei.

Não tinha certeza se ia atirar nela. Perturbava-me (ciúme?) o fato de que a história de Sandra parecera produzir muito mais impacto do que a minha. De alguma maneira indefinida, eles ocupavam agora uma posição vantajosa. Ocorreu-me a sensação louca de que em vez de mantê-los ali, eles é que me conservavam preso. Exceto no caso de Ted, claro. Todos nós estamos prendendo Ted.

Talvez atirasse nela. Certamente, nada tinha a perder. Talvez até mesmo ajudasse. Talvez pudesse me livrar da sensação insana de que acordara no meio de um novo sonho.

Ela abriu a porta e saiu. Nem por um momento ergui a arma de cima do mata-borrão. A porta se fechou. Ouvimos os passos dela no corredor, não acelerando, não começando a correr. Todos ali observavam a porta como se alguma coisa inacreditável houvesse enfiado a cabeça pela fresta, piscado, e em seguida se retirado.

Quanto a mim, senti uma estranha sensação de alívio, uma sensação tão tênue que nunca poderia explicá-la.

As passadas morreram à distância.

Silêncio. Esperei que alguém mais pedisse para ir ao banheiro. Esperei para ver se Irma Bates sairia correndo feito uma louca pelas portas principais do prédio e entraria diretamente nas primeiras páginas de centenas de jornais. Isso não aconteceu.

Pat Fitzgerald mexeu as asas do avião. Um som alto.

- Jogue fora essa droga de coisa - disse irritado Billy Sawyer. - A gente não pode fazer um avião de papel com papel da biblioteca.

Pat não fez movimento algum para jogar fora a droga da coisa. Billy não disse mais nada.

Novas passadas, vindo em nossa direção.

Levantei a pistola e apontei-a para a porta. Ted sorria para mim, mas não acho que ele soubesse daquilo. Olhei para seu rosto, para os planos lisos, convencionalmente bonitões de seu rosto, para a testa, escondendo todas aquelas recordações de dias de verão em clubes de campo, danças, carros, os seios de Sandy, calma, ideais de correção e, de repente, tive certeza de qual era a última ordem-do-dia, talvez tivesse sido a única ordem-do-dia o tempo todo e, mais importante ainda, eu sabia que seu olho era o olho

de um falcão e que sua mão era pedra. Para todos os efeitos, ele poderia ter sido meu próprio pai, mas isso não importava. Ele e Ted eram deuses remotos, olímpicos. Meus braços, porém, estavam cansados demais de derrubar templos. Nunca fui talhado para Sansão.

Os olhos dele eram muito claros e diretos, assustadoramente intencionais - olhos de político.

Cinco minutos antes, o som de passadas não teria sido ruim, vocês me entenderam? Cinco minutos antes, poderia tê-los recebido bem, depositado a arma em cima do mata-borrão e ido ao encontro deles, talvez com um medroso olhar para trás, para as pessoas que eu deixava ali. Mas, naquele momento, eram os próprios passos que me assustavam. Tive medo que Philbrick houvesse resolvido me pegar na palavra que tivesse vindo fechar a linha principal e deixar inacabado nosso negócio.

Ted fones sorriu com ar faminto.

O resto de nós esperou, observando a porta. Os dedos de Pat haviam se imobilizado em cima do avião de papel. Dick Keen estava de boca aberta e naquele momento, pela primeira vez, vi a semelhança familiar entre ele e seu irmão Flapper, um caso de Q.I. deficiente que se formara depois de seis longos anos em Placerville. Nesse momento, Flapper fazia estudos de pós-graduação na Prisão Estadual de Thomaston, realizando trabalho doutoral em manutenção de lavanderia e limpeza avançada de colheres.

Uma sombra informe apareceu no vidro, da maneira que acontece quando a superfície é granulada e opaca. Ergui alta a pistola e me aprontei. Pelo canto do olho, observei a classe, examinando a porta com fascinação total, da maneira que a gente assiste ao último rolo de um filme de James Bond, quando a contagem corporal realmente sobe às alturas.

Um som apertado, uma espécie de gemido, escapou-me da garganta.

A porta se abriu e Irma Bates voltou. Fitou em volta, irritada, nada feliz por ver todo mundo olhando fixamente para ela. George Yannick começou a rir baixinho e disse:

- Imaginem só quem veio jantar.

Ninguém riu com a piada. A piada acabou sendo só para George. Nós outros simplesmente continuamos a olhar para Irma.

- Por que é que estão olhando para mim? - perguntou ela, zangada, ainda segurando a maçaneta. - Gente vai ao banheiro, será que vocês não sabem disso?

Fechou a porta, voltou a seu lugar e sentou-se afetadamente.

Era quase meio-dia.

CAPÍTULO 28

FRANK PHILBRICK COMPARECEU EXATAMENTE NA HORA. Um estalido, e voltou ao alto-falante a bateria. Mas desta vez não parecia soprar e bufar tanto. Talvez quisesse me aplacar. Ou talvez houvesse pensado em meus conselhos sobre sua voz de orador e decidira aceitá-los. Estranhas coisas haviam acontecido, Deus sabia.

- Decker?

- Estou aqui mesmo.

- Escute, aquele tiro perdido pela janela não foi intencional. Um dos policiais de Lewiston...

- Não vamos nem nos incomodar com isso, Frank - respondi. - Você está me embaraçando e embaraçando essas pessoas aí, que viram o que aconteceu. Se tem absolutamente alguma integridade- moral, e tenho certeza de que tem, você está provavelmente também causando embaraço a si mesmo.

Pausa. Talvez ele estivesse se controlando.

- Okay. O que é que você quer?

- Nada de mais. Todos vão sair daqui à 1:00h da tarde., Em, exatamente consultei o relógio de parede - 57 minutos, de acordo com o relógio que temos aqui. Sem um arranhão. Prometo isso.

- Por que não agora?

Olhei para a turma. O ar parecia pesado e quase solene, como se houvéssemos redigido um contrato com o sangue de alguém.

Respondi, pausadamente:

- Temos um último negócio a terminar aqui. Temos que concluir nossa ereção.

- O que foi que você disse?

- Não interessa a você. Mas todos nós sabemos o que é.

Não havia ali um único par de olhos que mostrasse incerteza. Eles sabiam, certo, e isso era bom, porque economizaria tempo e trabalho. Eu me sentia muito cansado.

- Agora, ouça com toda atenção, Philbrick, de modo a não haver nenhum mal-entendido, enquanto eu descrevo o último ato desta pequena comédia. Dentro de três minutos, alguém vai baixar todas as cortinas aqui.

- Não vai, mesmo, Decker.

Ele parecia muito determinado.

Deixei o ar escapar com um assovio pelos dentes. Que homem espantoso ele era.

Não era de surpreender que botasse a perder todo aquele bla-bla-blá sobre dirigirem segurança.

- Quando é que você vai meter nessa sua cabeça que eu estou no comando da situação? - perguntei-lhe. - Alguém vai baixar as cortinas, Philbrick, e não serei eu. De modo que se você atirarem alguém, pode pendurar seu distintivo no cu e dar um beijo de adeus nos dois.

Nada.

- Quem cala consente - continuei, tentando parecer alegre. Eu não me sentia alegre. - Também não vou poder ver o que vocês estão fazendo, mas não se meta a sabidinho. Se fizer isso, algumas das pessoas aqui vão ficar machucadas. Se ficar tranqüilo até 1:00h da tarde, tudo acabará bem e você será o grande e valente policial que todo mundo sabe que você é. Agora, o que é que me diz disso?

Ele ficou calado durante muito tempo.

- O diabo me leve se você não parece louco - disse ele, finalmente.

- O que é que me diz de minha proposta?

- Como é que sei que você não vai mudar de idéia, Decker? E se você quiser adiar para as 2:00h da tarde? Ou 3:00h?

- O que é que você me diz de minha proposta? - repeti, inexorável.

Outra pausa.

- Tudo bem. Mas se você machucar algum desses garotos...

- Você toma meu cartão de "Menino Bom Caráter". Vá embora, Frank.

Eu podia senti-lo querendo dizer alguma coisa quente, maravilhosa, espirituosa, alguma coisa que sumariaria sua posição para todas as eras e idades, tal como: Foda-se, Decker, ou Enfie sua proposta no cu, Decker, mas ele não ousou. Afinal de contas, havia mocinhas ali.

- Uma hora - repetiu ele.

O sistema de comunicação interna foi desligado. Um momento depois, ele começou a cruzar o gramado.

- Que fantasiazinhas nojentas de masturbação você imaginou agora, Charlie? perguntou Ted, ainda sorrindo.

- Por que você simplesmente não esfria um pouco, Ted? - perguntou Harmon Jackson em voz distante.

- Quem se oferece para baixar as cortinas? - perguntei. Várias mãos se levantaram. Apontei para Melvin somas e disse: - Faça isso devagar. Provavelmente, eles estão nervosos.

Melvin baixou-as, lentamente. Baixadas as cortinas de lona até o peitoril das janelas, a sala adquiriu uma esqualidez meio onírica. Sombras baças reuniram-se em cantos como morcegos que não haviam conseguido o suficiente para comer. Não gostei daquilo. As sombras me fizeram sentir realmente muito nervoso.

Apontei para Tanis Gannon, que se sentava na fila mais perto da porta.

- Podia fazer a gentileza de acender as luzes?

Ela sorriu tímida, como uma debutante, e dirigiu-se aos interruptores. Um momento depois, tínhamos frias luzes fluorescentes, mas que não eram muito melhores do que as sombras. Senti desejo do sol e da vista do céu azul, mas fiquei calado. Não havia nada a dizer. Tanis voltou à cadeira e alisou com cuidado a saia atrás das coxas, enquanto se sentava.

- Para usar a apropriada frase de Ted - comecei -, só há uma última fantasia de masturbação de resto, antes que possamos nos concentrar no que interessa - ou duas metades de um único todo, se querem pensar nisso dessa maneira. Refiro-me à história do sr. Carlson, nosso falecido professor de química e física, a história que o bom e velho Tom Denver conseguiu que não fosse publicada tios jornais, mas que, como diz o ditado, continua em nosso coração.

"E como meu pai e eu tivemos uma ereção, depois que eu fui suspenso."

Olhei para eles, sentindo ao mesmo tempo uma dor surda, horrível na base do crânio. Em algum ponto do caminho, a situação toda escapara de meu controle. Lembrei-me de Mickey Mouse como aprendiz de feiticeiro naquele velho desenho animado de Disney, Fantasia. Eu conseguira dar vida a todas as vassouras, mas, agora, onde estava aquele bondoso mágico velho para dizer abracadabra ao contrário e fazê-las todas dormir novamente?

Estúpido, estúpido.

Imagens rodopiaram diante de meus olhos, centenas delas, fragmentos de sonhos, fragmentos de realidade. Era impossível separar uns dos outros. A loucura acontece

quando a gente não consegue ver mais os pontos com que costuraram o mundo. Pensei que havia ainda uma possibilidade de que eu pudesse acordar. em minha cama, seguro e ainda pelo menos meio racional, não tendo sido dado (ou pelo menos, ainda não), o passo final e irrevogável, com todas as personagens daquele pesadelo particular recuando para suas cavernas subconscientes. Mas eu não estava apostando nisso.

Os dedos morenos de Pat Fitzgerald trabalhavam em seu avião de papel com os dedos tristes, em movimento, da própria morte.

Eu disse, então:

CAPÍTULO 29

NÃO HOUVE NENHUMA RAZÃO para eu começar a levar aquela chave de grifo para a escola.

Agora, mesmo depois de tudo aquilo, não consigo identificar a causa principal. O estômago me doía o tempo todo e eu vivia imaginando que pessoas queriam provocar brigas comigo, mesmo quando isso não acontecia. Tinha medo de desmaiar durante a aula de educação física e despertar vendo todo mundo num círculo em volta de mim, rindo e apontando... ou talvez fazendo uma punheta coletiva. Não estava dormindo muito bem. Tivera uns sonhos danados de estranhos e isso me assustava porque muitos deles eram eróticos mas não do tipo que a gente espera acordar e encontrar o lençol molhado. Havia um em que eu atravessava o porão de um velho castelo que parecia alguma coisa saída de um velho filme da Universal Pictures. Havia ali um caixão de defunto com o tampo aberto e, quando olhei para dentro, vi meu pai com as mãos cruzadas no peito. Ele estava todo arrumado, em uniforme da Marinha, e tinha uma estaca enfiada na virilha. Abriu os olhos e sorriu para mim. Os dentes dele eram presas. Em outro, minha mãe me aplicava um clister e eu implorava a ela que se apressasse porque Joe estava lá fora, esperando por mim. Apenas, Joe estava ali, olhando por cima do ombro dela, segurando-lhe os seios, enquanto ela manejava o pequeno bulbo de borracha vermelha que bombeava bolhas de sabão para dentro de meu cu. Houve outros, com elencos de milhares de figurantes, mas não quero discuti-los. Era tudo material Napoleão XIV.

Encontrei a chave de grifo na garagem, numa velha caixa de ferramentas. Não era muito grande e havia um encaixe enferrujado numa das extremidades. Mas era pesada na mão. Estávamos no inverno e eu costumava usar uma grossa e frouxa suéter para ir todos os dias à escola. Tenho uma tia que me manda duas dessas suéteres todos os anos, no meu aniversário e no Natal. Ela mesma as tricoteia e as suéteres sempre descem abaixo de meus quadris. De modo que comecei a levar a chave de grifo no bolso traseiro da calça. Levava-a a toda parte. Se alguém notou, nunca disse nada. Durante algum tempo, a chave equilibrou as coisas, mas não por muito tempo. Flavia dias em que eu voltava para casa sentindo-me como uma corda de guitarra que fora afinada cinco oitavas acima de sua posição correta. Naqueles dias, eu dizia oi a mamãe, subia para meu quarto e ou chorava ou ria no travesseiro até pensar que minhas tripas iam explodir. Isso me assustava. Quando faz coisas assim, a gente está pronto para o asilo de alienados.

O dia em que quase matei o sr. Carlson foi o dia 3 de março. Chovia e o resto da neve simplesmente escorria para longe em pequeninos e nojentos riachos. Acho que não tenho que contar o que aconteceu porque a maioria de vocês esteve lá e viu tudo. Eu estava com a chave de grifo no bolso traseiro da calça. Carlson me chamou para resolver um problema no quadro-negro e eu sempre odiei isso - eu sou péssimo em química. Começava a suar toda vez em que tinha que ir àquele quadro-negro.

Era alguma coisa sobre peso-esforço em um plano inclinado. Não me lembro o quê, mas errei tudo. Lembro-me de ter pensado que ele estava fazendo uma sacanagem comigo, botando-me ali na frente de todo mundo para resolver um problema de plano inclinado, que era na verdade um problema de física. Provavelmente o deixara ali desde a última aula. E começou a zombar de mim. Perguntou-me se eu me lembrava de quanto são dois mais dois, se eu jamais ouvira falarem divisão simples, uma invenção maravilhosa, disse ele, ah-ah-ah, um verdadeiro Henry Youngman. Quando errei a solução pela terceira vez, ele disse: "Bem, isso é simplesmente maaaraaavilhoso, Charlie. Maaaraaavilhoso." Ele parecia, falando, igualzinho a Dicky Cable. Tanto, na verdade, que me virei rápido para olhar. Tanto que, antes mesmo de pensar, desci a mão para o bolso traseiro da calça onde estava escondida aquela chave de grifo. Meu estômago estava todo contraído e pensei que ia simplesmente me curvar e vomitar todo o lanche no chão.

Cheguei ao bolso com a mão, puxei, e a chave caiu, batendo no chão com um alto som metálico.

O sr. Carlson olhou para a ferramenta.

- Agora, exatamente o que é isso? - perguntou, e fez menção de apanhar a chave.

- Não toque nela - gritei, abaixei-me e peguei-a.

- Deixe-me ver isso, Charlie.

E estendeu a mão para recebê-la. .

Eu me senti como se estivesse indo em 12 direções diferentes ao mesmo tempo. Parte de minha mente gritava comigo - verdade, estava realmente gritando, como uma criança num quarto escuro cheio de monstros sorridentes e horríveis.

- Não faça isso - disse eu.

Todo mundo ali me olhava. Olhava fixamente.

- Você pode me entregar isso ou entregá-lo ao sr. Denver - disse ele.

Nesse momento, uma coisa engraçada me aconteceu... exceto que, quando penso nela, não foi absolutamente engraçada. Deve haver uma linha em todos nós, muito clara, exatamente como a linha que divide o lado iluminado do lado escuro do planeta. Acho que os astrônomos chamam a isso de terminadouro. O que é uma palavra muito apropriada, porque, num momento, eu estava ficando louco e, no outro, estava tão frio como um pepino.

- Eu lhe dou, cara - disse eu, e segurei com força o cabo da chave. - Onde é que vai querer pegá-la?

Ele me fitou, os lábios contraídos. Com aqueles grossos óculos de aros de tartaruga que

usava, ele parecia uma espécie de inseto. Uma espécie muito estúpida. O pensamento fez-me sorrir. Apertei com mais força a chave.

- Muito bem, Charlie - disse ele. - Entregue-me essa coisa e depois vá para a diretoria. Eu subo depois da aula.

- Vá comer merda - respondi.

E mandei a chave à frente em um movimento que partia de trás de minhas costas. A chave bateu na superfície de ardósia do quadro-negro e pequenas lascas voaram. Notei pó de giz amarelo na extremidade da chave, mas ela não parecia afetada de outra maneira. O sr. Carlson, por outro lado, encolheu-se todo, como se eu tivesse batido em sua mãe, e não naquela máquina de tortura chamada quadro-negro. Aquilo foi para mim uma grande introvisão do caráter dele, podem crer. De modo que bati novamente no quadro-negro. E novamente.

- Charlie!

- Um, dois, três, o quadro-negro é freguês... um, dois, três, o quadro-negro é freguês - cantei, batendo em compasso no quadro-negro.

Cada vez que batia, o sr. Carlson dava um salto. A cada vez que o sr. Carlson saltava eu me sentia um pouco melhor. Análise de ação transacional, gente. Moraram? O Bombardeador Louco, aquele pobre-diabo de Waterbury, Connecticut, deve ter sido o americano mais bem-ajustado do último quarto de século.

- Charlie, vou fazer com que você seja suspen...

Virei-me e comecei a bater no rebordo onde ficava o giz. Já havia feito um buraco enorme no próprio quadro-negro. Isso não era difícil, logo que a gente descobria o número dele. Esponjas e pedaços de giz caíram no chão, soprando poeira. Eu estava a ponto de compreender que a gente pode descobrir o número de qualquer um se tem na mão um porrete suficientemente comprido quando o sr. Carlson me agarrou.

Virei-me e atingi-o. Apenas uma vez. Houve um bocado de sangue. Ele caiu no chão c seus óculos de aros de tartaruga patinaram uns dois metros para longe. Acho que foi isso que quebrou o encantamento, a vista dos óculos deslizando pelo chão empoeirado de giz, deixando-lhe o rosto nu e sem defesa, parecendo o que devia parecer quando estava dormindo. Deixei a chave de grifo cair no chão e saí da sala sem olhar para trás. Subi para a sala da diretoria e disse o que havia feito.

Jerry Kesserling veio me buscar em um carro da radiopatrulha e enviaram o sr. Carlson para o Central Maine General Hospital, onde uma chapa de raio-X mostrou que estava com uma fratura piliforme imediatamente acima do lobo frontal. Sei que extraíram do cérebro dele quatro lascas de osso. Algumas dúzias mais e poderiam tê-las reunido com cola de aeromodelismo para que formassem a palavra BABACA e lhe dado de presente de aniversário, com os meus cumprimentos.

Houve reuniões. Reuniões com meu pai, com o bom e velho Tom, com Don Grace e

com todas as possíveis combinações e permutas com as citadas personagens. Eu mesmo tive reuniões com todo mundo, menos com o sr. Fazio, o zelador. Através de tudo isso, meu pai manteve-se admiravelmente calmo - mas, de vez em quando durante essas reuniões civilizadas, ele virava para mim, um olho gelado, especulativo, de tal modo que eu sabia que, no fim, teríamos a nossa própria reunião privada. Ele poderia, alegremente, ter me matado com as mãos nuas. Em uma época mais simples, quem sabe se não teria feito isso.

Houve um pedido de desculpas muito comovente a um sr. Carlson todo envolvido em ataduras, olho preto, e a uma esposa de olhos pétreos ("... tresloucado... eu não estava em mim mesmo... mais arrependido do que posso dizer..."), mas não houve pedido de desculpa algum por eu ter sido humilhado na aula de química,

suando em frente ao quadro-negro, todos aqueles números parecendo caracteres púnicos do século V. Nenhum pedido de desculpa de Dicky Cable ou de Dana Collette. Ou de sua Cordial Amiga Coisa Rangedora, que me disse através de lábios cerrados de volta para casa, saindo do hospital, que queria ter uma conversa comigo na garagem depois que eu trocasse de roupa.

Pensei nisso enquanto tirava minha jaqueta esporte e melhor calça e vestia jeans e uma camisa de trabalho velha de cambraia. Pensei em não ir, em simplesmente tomar a direção da estrada. Pensei em ir e simplesmente agüentar as conseqüências. Mas alguma coisa em mim revoltava-se contra isso. Eu fora suspenso. Passara cinco horas em uma cela de detenção no Placerville Center antes que meu pai e minha histérica mãe ("Por que você fez isso, Charlie? Por quê? Por quê?") pagassem o dinheiro da fiança - as acusações, em seguida a um acordo entre a escola, os policiais e o sr. Carlson (não a mulher dele, que estivera esperando que eu pegasse pelo menos dez anos de prisão), foram retiradas mais tarde.

Como quer que fosse, eu achava que meu pai e eu devíamos alguma coisa um ao outro. De modo que desci para a garagem.

A garagem é um lugar bolorento, que fede a óleo, mas muito bem arrumado. Com perfeição náutica. É o canto dele e ele o mantém dessa maneira. Um lugar para tudo e tudo em seus lugares. É isso aí, marujo. O aparador de grama pendurado, com o nariz para a parede. Tampas de jarros de pregos aparafusadas nas vigas, de maneira que pudessem ser desatarraxadas à altura do olho. As ferramentas de jardinagem e de conservação da cerca-viva pendentes de ganchos. Montes de velhas revistas bem-arrumadas em pilhas e amarradas - Argosy, Bluebook, True, SaturdayEvening Post. A perua estacionada corretamente, com o radiador para a frente.

Ele me esperava ali. Usava uma velha calça de sarja cáqui e camisa de caça. Pela primeira vez, notei como ele estava começando a parecer velho. A barriga dele sempre fora lisa como uma porta, mas naquele momento começava a projetar-se um pouco - cerveja demais no Gogan's. Parecia haver mais veias em seu nariz, que haviam explodido em pequenos deitas púrpura sob a pele e estavam mais fundas as rugas em volta da boca e dos olhos.

- O que é que sua mãe está fazendo? - perguntou ele.

- Dormindo - respondi.

Ela estivera dormindo um bocado com ajuda de uma receita de Librium. O hálito dela se tornara azedo e seco com o medicamento, Cheirava a sonhos que haviam se tornado rançosos.

- ótimo - disse ele, inclinando a cabeça. - É assim que nós queremos a coisa, não?

Começou a tirar o cinto.

- Vou arrancar seu couro- disse ele.

- Não - repliquei. - Não vai.

Ele parou, o cinto fora pela metade dos passadores da calça.

- O quê?

- Se me bater com isso, vou torná-lo de você - retruquei, a voz trêmula e irregular. - Vou fazer isso pela vez em que me jogou no chão quando eu era pequeno e mentiu em seguida para mamãe. Vou fazer isso por todas as vezes em que me esbofeteou por ter feito alguma coisa errada, sem me dar uma segunda oportunidade. Vou fazer isso por aquela caçada em que você disse que abriria o nariz dela se jamais a flagrasse com outro homem.

Ele ficara mortalmente pálido. Nesse momento, era a voz dele que tremia.

- Sua maravilha frouxa e covarde. Você pensa que pode botar a culpa disso em mim? Se quiser, diga isso àquele psiquiatra bicha, aquele do cachimbo. Não tente isso comigo.

- Você fede - respondi. - Esculhambou seu casamento e esculhambou seu único filho. Venha e tente me bater, se acha que pode. Estou fora da escola. Sua mulher está se tornando uma viciada em tranqüilizantes. Você nada mais é do que um alcoólatra. - Eu chorava nesse momento. - Venha e tente, seu bosta.

- É melhor você parar com isso, Charlie - disse ele. - Antes que eu pare de querer simplesmente castigá-lo e comece a querer matá-lo.

- Pois tente - disse eu, chorando ainda mais alto. - Eu quero matar você há 13 anos. Odeio você. Seu merda.

E assim ele veio para cima de mim como alguma coisa saída de um daqueles filmes de exploração de escravos, uma ponta de seu cinto da Marinha enrolado numa mão, e a outra, a da fivela, pendurada. lançou o cinto e me abaixei. Passou por cima do meu ombro e atingiu o capô de sua perua Country Squire com um som metálico alto, arranhando a pintura. Ele tinha a língua entre os dentes e os olhos esbugalhados. A aparência era a mesma daquele dia em que eu quebrara as janelas de inverno. De repente, perguntei-me se era assim que ele parecia quando fazia amor com minha mãe

(ou o que passava por amor), se era isso o que ela tinha que ver enquanto estava presa sob ele. O pensamento me imobilizou com tanto nojo ante a revelação revoltante que esqueci de me abaixar quando ele atacou novamente.

A fivela desceu pelo meu rosto, penetrou na bochecha e abriu-a em um longo sulco. Sangrou à beça. A impressão que tive foi que aquele lado do rosto e o pescoço tinham sido banhados em água quente.

- Oh, Deus - disse ele. - Oh, Deus, Charlie.

O olho, cheio de lágrimas, fechou naquele lado, mas com o outro vi-o aproximando-se de mim. Dei um passo à frente para encontrá-lo, peguei a ponta do cinto e puxei-a. Ele não estava esperando isso. Fi-lo perder o equilíbrio e quando ele começou a correr um pouco para recuperá-lo, dei-lhe um calço e ele caiu pesadamente no chão de concreto manchado de óleo. Talvez ele tivesse esquecido que eu não tinha mais quatro anos de idade, ou nove, amedrontado numa tenda no mato, tendo que ir mijar lá fora enquanto ele enchia a cara com os amigos. Talvez ele tivesse esquecido, ou nunca tivesse sabido que meninos crescem lembrando-se de cada golpe ou palavra de desprezo, que crescem e que querem comer vivos os pais.

Um pequeno grunhido áspero escapou-lhe dos lábios quando ele bateu no concreto. Abriu as mãos para amortecer a queda. Eu tinha o cinto na mão. Dobrei-o e deixei-o cair com toda força na grande bunda cáqui. O golpe produziu um som alto e provavelmente não doeu muito, mas ele gritou de surpresa. E eu sorri. Doeu o rosto ao sorrir. Ele havia realmente esculhambado minha bochecha.

Ele se levantou, cautelosamente.

- Charlie, solte isso - disse. - Vamos ao médico mandar dar uns pontos aí.

- É melhor você prestar continência aos fuzileiros que encontrar por aí, se seu próprio filho pode derruba-lo - zombei.

Essas palavras deixaram-no louco de raiva e ele mergulhou em minha direção. Atingi-lhe o rosto com o cinto. Ele levou as mãos ao rosto, deixei cair o cinto e soquei-o no estômago com toda força de que dispunha. O ar escapou assoviando dele e ele se dobrou em dois. O estômago dele era mole, mais mole mesmo do que parecera. De repente, não soube mais se devia sentir nojo ou pena. Ocorreu-me que o homem que queria realmente machucar estava em segurança longe de meu alcance, atrás de um escudo de anos.

Ele se espigou, parecendo pálido e doente. Vi uma marca vermelha na testa, no lugar onde eu pegara com o cinto.

- Muito bem - disse ele, e virou-se. Tirou da parede um ciscador de cabo grosso. - Se é assim que você quer a coisa.

Estendi a mão para o lado e peguei uma machadinha na parede, que mantive na mão com o gume para cima.

- É assim que eu quero - concordei. - Dê mais um passo e decepo sua cabeça, se puder.

E assim ficamos os dois ali, tentando descobrir se falávamos a sério. Em seguida, ele recolocou o ciscador na parede e eu fiz o mesmo com a machadinha. Não houve nenhum amor nisso, nenhum amor na maneira como nos entreolhamos. Ele não disse: "Se você houvesse tido a coragem de fazer isso há cinco anos, nada disto teria acontecido, filho... Vamos, vou leva-lo ao Gogan's e lhe pago uma cerveja na sala dos fundos." E eu não disse que estava arrependido. Aquilo aconteceu porque eu cresci o bastante, só isso. Nada disso mudava nada. Neste momento, eu desejaria que fosse ele quem matei, se tivesse que matar alguém. Esta coisa no chão entre meus pés é um caso clássico de agressão mal dirigida.

- Vamos - disse ele. - Vamos mandar dar uns pontos nesse corte.

- Eu mesmo posso guiar.

- Eu guio para você.

E guiou. Fomos a sala de emergências em Brunswick, e o médico deu seis pontos no meu rosto. Disse a ele que havia tropeçado em um pedaço de madeira para a fornalha que estava na garagem e cortara o rosto em uma tela de lareira que meu pai estava pintando. Contamos a mamãe a mesma coisa. E isso foi o fim da história. Nunca mais discutimos. Ele nunca mais tentou me dizer o que fazer. Morávamos na mesma casa, mas andávamos em círculos um em volta do outro, como um par de velhos gatos. Se posso dar um palpite, eu diria que ele vai passar muito bem sem mim... como diz aquela canção.

Na segunda semana de abril, mandaram-me de volta à escola com o aviso de que meu caso continuava em estudo e que eu teria que conversar todos os dias com o sr. Grace. Comportaram-se como se estivessem me fazendo um favor. Que favor! Era como se eu estivesse sendo jogado de volta no gabinete do dr. Caligari.

Não demorou muito desta vez para a situação ficar ruim. Era a maneira como as pessoas olhavam para mim nos corredores. A maneira como eu sabia que estavam discutindo meu caso na sala dos professores. A maneira como ninguém nem mesmo queria conversar comigo, com exceção de joe. E eu não me mostrava muito cooperativo com Grace.

Sim, gente, as coisas pioraram rápido, realmente, muito rápido, e foram de mal a pior. Mas eu sempre fui muito rápido no entendimento e não esqueço muitas lições que aprendi bem. E certamente aprendi a lição de que podemos descobrir o número de qualquer pessoa, desde que usemos um porrete suficientemente grosso. Meu pai pegou aquele ciscador aparentemente pensando em trepanar meu crânio, mas quando peguei a machadinha, ele devolveu-o à parede.

Nunca mais vi aquela chave de grifo, mas, que diabo, não precisava mais dela porque aquele porrete não era suficientemente grosso. Há uns dez anos eu sabia da existência daquela pistola na escrivaninha de meu pai. Perto do fim de abril, comecei a levá-la para

a escola.

CAPÍTULO 30

OLHEI PARA O RELÓGIO DA PAREDE. Mareava 12:30h. Tomei toda respiração mental possível e preparei-me para correr a toda a etapa final.

- De modo que assim termina a curta e brutal saga de Charles Everett Decker disse. - Alguma pergunta?

Na sala muito escura, Susan Brooks disse baixinho:

- Tenho pena de você, Charlie.

Aquilo foi como a trombeta da condenação final ao inferno.

Don Lordi olhava-me de uma maneira faminta que, pela segunda vez naquele dia, lembrou-me o filme Tubarão. Sylvia fumava o último cigarro do maço. Pat Fitzgerald olhou para o avião, pregueando as asas do papel, desaparecida de seu rosto a habitual expressão engraçada-astuta, que fora substituída por algo que lembrava madeira esculpida. Sandra Cross parecia continuar mergulhada em um agradável ofuscamento. Até mesmo Ted f oves, aparentemente, pensava em outros assuntos, talvez numa porta que esquecera de fechar quando tinha dez anos de idade ou num cachorro que poderia certa vez ter chutado.

- Se isso é tudo, então chegamos ao último item da ordem-do-dia em nossa curta mas esclarecedora permanência aqui - continuei. - Aprenderam alguma coisa hoje? Quem sabe qual é a ordem-do-dia final? Vejamos.

Observei-os. Não houve nada. Tive receio que não acontecesse, que não pudesse acontecer. Tão tensos, tão imóveis, todos eles. Quando temos cinco anos de idade e sofremos, fazemos um grande barulho para que o mundo escute. Aos dez anos, a gente choraminga. Quando chegamos aos 15, começamos a comer as maçãs envenenadas que crescem em nossa árvore interior de dor. Essa é a Mapeira Ocidental de Iluminação. Começamos a enfiar os punhos na boca para abafar os gritos. A gente sangra por dentro. Mas eles haviam ido tão longe...

Nesse momento, Chiqueiro levantou os olhos que haviam estado examinando o lápis. E nos seus lábios aflorou um pequeno sorriso, olhos vermelhos, o sorriso de uma fuinha. Sua mão subiu lentamente no ar, os dedos ainda crispados em torno de seu barato instrumento de escrita. Tudo bem.

De modo que a coisa tornou-se mais fácil para o resto. Um eletrodo começa a formar um arco elétrico, crepita e - lá vamos nós!- olhe só, professor, o monstro anda hoje à noite.

Susan Brooks foi a segunda a erguer a mão. Vários outros a imitaram: Sandra, Grace Stanner - delicadamente - e Irma Bates, também. Corky, Don, Pat. Sarali Pasterne. Alguns sorrindo um pouco, a maioria solene. Tanis. Nancy Caskin. Dick Keene e Mike Gavin, ambos famosos na zaga do Placerville Greyhounds. George e Harmon, que jogavam xadrez na sala de estudos. Melvin Thomas. Anne Lasky. E, no fim, todos eles - menos um.

Chamei Carol Granger porque pensei que ela merecia seu momento. Agente teria pensado que seria ela que enfrentaria mais problemas para fazer a mudança, cruzar o terminadouro, por assim dizer, mas ela fizera isso quase sem esforço, como uma moça que tira a roupa nas boates depois que a noite caiu sobre o piquenique da classe.

- Carol? - perguntei. - Qual é a solução?

Ela pensou um pouco como fraseá-la. Tocou com um dedo a pequena covinha ao lado da boca, enquanto pensava, e uma ruga apareceu em sua testa branca como leite.

- Temos que ajudar - disse. - Temos que ajudar a mostrar a Ted onde foi que ele se enganou.

Que maneira elegante de dizer a coisa, pensei.

- Obrigado, Carol - agradeci.

Ela enrubesceu.

Olhei para Ted, que voltara para o aqui e o agora. Ele me olhava zangado novamente, mas numa espécie de maneira confusa.

- Acho que a melhor coisa - sugeri - seria se eu me tornasse uma combinação de juiz e promotor público. Todos os demais podem ser testemunhas e você, claro, é o réu, Ted.

Ted riu feito um louco.

- Você - disse. - Oh, Jesus, Charlie. Quem é que pensa que é? Você está inteiramente louco.

- Tem alguma declaração a fazer? - perguntei-lhe.

- Você não vai divertir-se às minhas custas, Charlie. Não vou dizer droga de coisa nenhuma. Vou reservar meu discurso para quando sairmos daqui. - Olhos acusadores e desconfiados, olhou para os colegas. - E vou ter um bocado de coisas para dizer.

- Você sabe o que acontece com delatores, Rocco - lembrei a ele em uma dura voz à Jimmy Cagney. Levantei rapidamente a pistola, apontei-a para a cabeça dele e gritei: - BANGUE!

De surpresa, Ted soltou um guincho.

Anne Laski riu alegremente.

- Cale-se! - berrou Ted.

- Não me diga para me calar - respondeu. - Do que é que você tem medo?

- O quê...?

A boca caiu. Os olhos se esbugalharam. Naquele momento, senti uma grande pena dela. A Bíblia diz que a serpente tentou Eva com a maçã. O que teria acontecido se a própria serpente tivesse sido obrigado a comê-la?

Ted levantou-se parcialmente da cadeira, tremendo.

- Do que é que eu tenho...? Do que é que eu tenho...? - Apontou um dedo trêmulo para Anne, que não se acovardou absolutamente. - SUA PUTA IMBECIL! ELE ESTÁ ARMADO! ELE ESTÁ DOIDO! ELE MATOU DUAS PESSOAS! MATOU! ESTÁ NOS MANTENDO PRESOS AQUI!

- Não a mim, ele não está - disse Irma. - Eu poderia ter saído daqui.

- Nós aprendemos algumas coisas muito interessantes sobre nós mesmos, Ted disse friamente Susan. - Não acho que você esteja sendo muito cooperativo, fechando-se todo e querendo bancar o superior. Será que não compreende que esta pode ser a experiência mais importante de nossa vida?

- Ele é um assassino - retrucou secamente Ted. - Matou duas pessoas. Isto aqui não é TV. Essas pessoas não vão se levantar, ir para seus camarins e se preparar para a próxima tomada de cena. Elas estão realmente mortas. Ele as matou.

- Assassino de almas! - silvou de repente Chiqueiro.

- Como é que você pensa que vai se safar? - perguntou Dick Keene. - Esta situação botou toda merda para fora de sua vida arrumadinha, não? Você não pensou que alguém saberia que você deflorou Sandy, pensou? Ou sobre sua mãe. Pensou nela alguma vez? Você pensa que é uma espécie de cavaleiro andante, a corrigir malfeitos? Eu lhe digo o que você é. Você é um chupador de pau.

- Testemunhas! Testemunhas! - exclamou alegremente Grace, balançando a cabeça. - Ted Jorres compra revistas pornográficas. Eu o vi comprando-as na banca de Ronnie.

- Toca muita punheta, Ted? - perguntou Harmon, sorrindo maldosamente.

Ted contraiu-se, como que se afastando deles, parecendo um urso que fora amarrado a um poste para divertimento dos aldeões.

- Eu não me masturbo! - berrou.

- Certo - disse enojado Corky.

- Acho que ele realmente fede na cama - observou Sylvia. Virou-se para Sandra. - Ele fede na cama?

- Nós não fizemos aquilo na cama - esclareceu Sandra. - Estávamos num carro. E acabou tão depressa...

- Isso mesmo, foi isso o que pensei.

- Muito bem - disse Ted. Tinha o rosto suado. Levantou-se. - Vou sair daqui. Todos vocês estão loucos. Vou dizer a eles... - Parou e acrescentou com uma estranha e comovente irreverência: - Nunca falei sério naquilo que disse sobre minha mãe. - Engoliu em seco. - Você pode atirarem mim, Charlie, mas não pode me deter. Eu vou sair.

Coloquei a arma em cima do mata-borrão.

- Não tenho intenção de atirar em você, Ted. Mas deixe que lhe lembre que você não cumpriu realmente seu dever.

- Isso mesmo - concordou Dick e logo que Ted deu os dois primeiros passos em direção à porta, deixou seu assento, deu dois passos próprios e agarrou-o. O rosto de Ted dissolveu-se em puro espanto.

- Hei, Dick... - começou.

- Não me chame de Dick, seu filho da puta.

Ted tentou dar-lhe uma cotovelada na barriga e logo depois seus braços eram presos atrás das costas, um seguro por Par e o outro por George Yannick.

Sandra Cross levantou-se devagar da cadeira e dirigiu-se para ele, recatadamente, como uma mocinha andando numa estrada do interior. Os olhos de Ted estavam protuberantes, meio alucinados. Eu podia sentir o que ia acontecer, da mesma maneira que a gente sente a chegada dos trovões antes de uma chuvarada de verão... e o granizo que às vezes desce com ela.

Sandra parou em frente a ele e uma expressão de devoção maliciosa, zombeteira, surgiu-lhe no rosto e desapareceu. Estendeu a mão e tocou a gola da camisa dele. Os músculos do pescoço dele sobressaíram quando sacudiu violentamente a cabeça para trás. Dick, Pat e George prendiam-no fortemente. Devagar ela enfiou a mão na gola aberta da camisa cáqui e começou a abri-la, atrancando os botões. Nenhum outro som se ouviu na sala além do pequeno estalido que os botões faziam ao cair no chão e rolar. Ele não usava camiseta por baixo e a carne apareceu nua e lisa. Ela se aproximou, como se fosse beijá-la, e ele cuspiu-lhe no rosto.

Chiqueiro sorriu por cima do ombro de Sandra, o sujo bobo da corte com a amante do rei.

- Eu poderia lhe arrancar os olhos - disse ele. - Sabia disso? Arrancá-los como se fossem azeitonas. Poink! Poink!

- Soltem-me! Charlie, diga a eles para me...

- Ele cola nas provas - disse Sarah Pasterne em voz alta. - Sempre olha para minhas respostas na prova de francês. Sempre.

Sandra continuava em frente a ele, olhando nesse momento para baixo, um doce sorriso mal encurvando-lhe os lábios. De leve, os dois primeiros dedos da mão direita tocaram o cuspe que escorria em seu rosto.

- Hei - disse baixinho Billy Sawyer -, tenho uma coisa aqui para você, bonitão.

Por trás, aproximou-se de Ted na ponta dos pés e puxou-lhe os cabelos.

Ted soltou um grito.

- Ele rouba também no número de voltas no ginásio - disse asperamente Don. Você desistiu realmente do futebol porque não tinha colhão, não foi?

- Por favor - exclamou Ted. - Por favor, Charlie.

Começou a sorrir de maneira estranha e seus globos oculares estavam lustrosos de lágrimas. Sylvia reunira-se ao círculo em volta dele. Pode ter sido ela quem lhe deu aquela dedada no cu, mas não vi realmente.

Moviam-se em tomo dele numa espécie de dança lenta que era quase bela. Dedos beliscavam e puxavam, perguntas eram feitas, acusações proferidas. Irma Bates enfiou uma régua pelos fundos de suas calças. A camisa acabou rasgada e em dois molambos voou para o fundo da sala. Ted respirava em grandes e altos arquejos. Anne lasky começou a passar uma borracha de apagar pelo cavalete do nariz dele. Corky correu rapidamente até sua carteira como se fosse um bom camundongo, encontrou um vidro de tinta Carter e derramou-a em cima dos cabelos dele. Mãos voaram para o alto como se fossem aves e esfregaram-na vivamente no couro cabeludo.

Ted começou a chorar e a falarem frases estranhas e desconexas.

- Alma irmã? - perguntou Pat Fitzgerald. Sorrindo, batia em cadência de leve nas costas de Ted com um caderno - Quer ser minha alma irmã? Me dá urna pequena vantagem? Pega um lanche para mim? Hum? Hum? Irmãos? Sermos almas irmãs?

- Você ganhou sua Estrela de Prata, herói - disse Dick, levantou um joelho e golpeou competentemente o grande músculo da coxa de Ted.

Ted gritou. Seus olhos se esbugalharam e rolaram na minha direção, os olhos de um cavalo arrebentado em cima de uma alta cerca.

- Por favor... faaaavor, Charlie.. por faaaavooor..

Nesse momento, Nancy Caskin enfiou uma grande bola de papel de caderno na boca dele. Ted tentou cuspi-la, mas Sandra empurrou-a novamente para dentro.

- Isso vai ensinar a você a não cuspir nos outros - disse ela em tom de censura.

Harmon ajoelhou-se e tirou um dos sapatos dele. Esfregou-o nos cabelos manchados de tinta de Ted e em seguida bateu com a sola no peito dele. O sapato deixou ali uma enorme e grotesca pegada.

- Reconheça alguma coisa! - arrulhou.

Experimentalmente, quase recatadamente, Carol pisou em cima do pé de Ted, calçado apenas de meia nesse momento, e girou o tornozelo. Alguma coisa no pé de Ted estalou. Ele balbuciou palavras entrecortadas de soluços e lágrimas.

Deu a impressão de que por trás do papel que lhe enchia a boca ele implorava alguma coisa, mas ninguém podia realmente saber. Chiqueiro avançou rapidamente como se fosse uma aranha e mordeu-lhe o nariz.

Houve uma súbita e sombria pausa. Notei que havia virado a pistola de tal maneira que a boca nesse momento apontava para minha cabeça, mas, claro, isso não estava no programa. Descarreguei a arma e guardei-a com todo cuidado na gaveta mais alta da mesa, em cima do livro de planos de lições da sra. Underwood. Tinha absoluta certeza de que aquilo não fora absolutamente o plano de lição do dia.

Eles sorriam para Ted, que dificilmente parecia humano nesse momento. Naquele curto instante de tempo eles pareceram deuses, jovens, sábios e dourados. Ted, não. Tinta descia pelo seu rosto em gotas de lágrimas preto-azuladas. O cavalete de seu nariz sangrava e um olho fitava zangado e desfocalizado nenhum lugar em particular. Papel projetava-se de seus dentes. Respirava o arem grandes haustos.

Tive tempo de pensar: Todas ficamos de pau duro. Agora todos ficamos de pau duro. No máximo.

A turma caiu sobre ele.

CAPÍTULO 31

MANDEI CORKY SUBIR AS CORTINAS antes de eles saírem. Ele fez isso com movimentos rápidos e espasmódicos. Havia ali naquele momento o que pareciam ser centenas de carros da policia, milhares de pessoas. Faltavam três minutos para 1:00h.

A luz do sol doeu em meus olhos.

- Adeus - disse eu.

- Adeus - respondeu Sandra.

Todos disseram adeus, acho, antes de saírem. Suas passadas produziram um ruído engraçado, ecoante, descendo o corredor. Fechei os olhos e imaginei uma gigantesca centopéia usando sapatos Georgia Giants em cada um de seus cem pés. Quando os abri novamente, eles estavam cruzando o verde brilhante do gramado. Desejei que tivessem usado a calçada. Mesmo depois de tudo que havia acontecido, aquele gramado ainda era danado de bonito.

A última coisa que me lembro de ter visto deles era que tinham as mãos manchadas de tinta preta.

Foram engolidos pela multidão.

Um dos repórteres, jogando a cautela às favas, escapou de três policiais e correu para o lugar onde eles estavam.

A última a ser engolida foi Carol Granger. Acho que ela olhou para trás, mas não pude ter certeza. Philbrick começara a andarem passos duros na direção da escola. Flashes de fotógrafos estouravam por toda parte.

O tempo era curto. Dirigi-me para o lugar onde estava Ted, encostado na parede verde de blocos de concreto. Sentado, tinha as pernas abertas embaixo do quadro de avisos, cheio de notícias da Sociedade de Matemática da América, que ninguém jamais lia, fitas de histórias em quadrinhos de "Peanuts" (o máximo de humor, na avaliação da falecida sra. Underwood) e um pôster de Bertrand Russell, com legenda: "A gravidade apenas prova a existência de Deus." Mas qualquer calouro na criação poderia ter dito a Bertrand que fora conclusivamente provado que não há gravidade, que a Terra simplesmente suga.

Acocorei-me ao lado de Ted. Tirei-lhe da boca a bola amassada de papel e coloquei-a de lado. Ted começou a babar.

- Ted.

Ele olhou para um ponto atrás de mim, por cima de meu ombro.

- Ted - repeti e toquei-lhe com palmadinhas suaves o rosto.

Ele se encolheu, os olhos rolando alucinados.

- Você vai ficar melhor - disse eu. - Você vai esquecer que este dia aconteceu. Ted soltou sons de vagidos.

- Ou talvez não esqueça. Talvez você comece a partir daqui, Ted. Construa a partir disto. Essa idéia é tão inaceitável assim?

Era, para nós dois. E estar tão perto assim dele começou a me botar nervoso.

O intercomunicador deu um estalido, indicando que fora acionado. Era Philbrick. Bufando e soprando novamente.

- Decker?

- Estou aqui mesmo.

- Saia, com as mãos para cima.

Suspirei.

- Você desce e me prende, Philbrick, velho amigo. Estou muito cansado. Este troço de psicose esgota as glândulas da gente.

- Muito bem - disse ele, durão. - A polícia vai disparar as bombas de gás em apenas um minuto.

- É melhor que não dispare - retruquei. Olhei para Ted. Ele não retribuiu. Continuava simplesmente a olhar para o vazio. O que quer que houvesse ali devia ser muito saboroso, porque ele continuava a babar. - Você esqueceu de contar as pessoas. Há ainda uma delas aqui embaixo. Ele está machucado.

Essas palavras eram uma espécie de eufemismo.

A voz dele tornou-se instantaneamente cautelosa.

- Quem?

- Ted fones.

- Como é que ele se feriu?

- Deu uma topada.

- Ele não está ai. Você está mentindo.

- Eu não lhe mentiria, Philbrick, botando a perder nossa velha amizade.

Nenhuma resposta. Bufos, resmungos, sopros.

- Desça - convidei. - A pistola está descarregada. E na gaveta da mesa. Podemos jogar umas duas mãos do jogo de cartas que você preferir e em seguida você vai me levar daqui e dizer aos jornais que fez tudo isso sozinho. Você poderia mesmo aparecer na capa do Time, se a gente trabalhar direitinho.

Estalido. Ele desligou o aparelho.

Fechei os olhos e enterrei o rosto nas mãos. Tudo o que eu via era cinzento. Nada que não fosse cinzento. Nem mesmo um relâmpago de luz branca. Sem nenhum motivo, absolutamente, pensei naquelas vésperas de Ano-Novo, quando todas aquelas pessoas se reúnem na Times Square e gritam como chacais quando a bola iluminada escorrega pelo mastro, pronta para aspergir seu fraco brilho de festa sobre 365 novos dias neste melhor de todos os mundos possíveis. Sempre me perguntei o que sentiria em estar no meio de uma daquelas multidões, gritando e não podendo ouvir minha própria voz, minha individualidade momentaneamente eliminada e substituída pelo cego extravasamento empático da multidão, mexendo-se em furiosa prelibação, quadril contra quadril, ombro contra ombro, de ninguém em particular.

Comecei a chorar.

Quando cruzou a porta, Philbrick olhou para o balbuciante Ted ali no chão e em seguida levantou os olhos para mim.

- O quê, em nome de Deus, você fez...? - começou.

Fiz um gesto como se fosse pegar alguma coisa atrás da prateleira de livros e plantas atrás da mesa da sra. Underwood.

- Agora, você vai ver, seu tira de merda! - gritei.

Ele atirou três vezes.

CAPÍTULO 32

PELO PRESENTE, FAÇO SABER A
QUEM INTERESSAR POSSA QUE:

NESTE DIA, 27 D6 AGOSTO DE 1976, CHARLES EVERETT DECKER foi julgado culpado, pelo Superior Tribunal de justiça, de homicídio doloso contra Jean Alice Underwood, e também julgado culpado neste mesmo dia, 27 de agosto de 1976, de homicídio doloso contra John Downes Vance, seres humanos.

Foi determinado por cinco psiquiatras estaduais que Charles Everett Decker não pode, nesta ocasião, ser julgado responsável por seus atos, por razões de insanidade mental. Decide por conseguinte esta corte de justiça que ele seja recolhido ao Augusta State Hospital, onde deverá ser submetido a tratamento até que seja oficialmente declarado responsável, a fim de responder pelos atos que praticou.

Dado e passado nesta data.

(Assinado)
Samuel K. N. Deleavney
Juiz de Direito

Em outras palavras, até que a lua se cubra de merda, cara.

CAPÍTULO 33

Memorando Interno

DE: Dr. Andersen
PARA: Rich Gossage, Administrador de Enfermaria
ASSUNTO: Thodore Jones

Rich,

Continuo a relutar em aplicar o tratamento de choque a esse rapaz, embora não possa explicar isso nem a mim mesmo. Chame a isso de palpite. Claro, não tenho como justificar um palpite para a direção do hospital, nem para o tio de Jones, que está pagando a conta que, em uma instituição privada como Woodlands, não é barata, como nós dois sabemos. Se não Houver melhora nas próximas quatro ou seis semanas, empregaremos a terapia padrão de eletrochoque, mas, por ora, eu gostaria de aplicar a rotina padronizada com medicamentos, além de alguns não tão padronizados. Estou pensando em mescalina sintética e em psilocibina, se você concordar. Como você sabe, Will Greenberger obteve recentemente grande êxito com pacientes semicatatónicos, e esses dois alucinógenos tiveram papel preponderante no tratamento que aplicou.

O caso de Jones é tão estranho! Droga, se apenas pudéssemos ter certeza do que aconteceu naquela sala de aula depois que o tal Decker mandou baixar as cortinas!

O diagnóstico não mudou. Estado catatônico típico com alguns sinais de deterioração.

E posso reconhecer francamente para você, Rich, que não estou tão esperançoso por este rapaz quanto antes.

3 de novembro de 1976.

CAPÍTULO 34

Querido Charlie,

5 de dezembro de 1976

Disseram-me que você pode receber correspondência agora, de modo que pensei em lhe enviar algumas linhas. Talvez tenha notado que o catimbo do correio é de Boston. Seu velho amigo conseguiu finalmente se matricular e estou estudando 16 horas por dia aqui na U.B. (isso significa Uma Bosta, e não Universidade de Boston, como poderia parecer). Tudo vai indo péssimo por aqui, com exceção de meu curso de inglês. O professor mandou que lêssemos um livro intitulado The Postman Always Rings Twice, e consegui um 10 no exame. É de um tal James Cain. Já leu alguma coisa dele? Estou pensando em me formar em inglês. Que tal isso como piada? Deve ser influência sua. Você sempre foi o cérebro de nossa dupla.

Estive com sua mãe antes de deixar Placerville e ela me disse que você está praticamente curado e que os últimos drenos foram retirados há três semanas. Fiquei muito contente em saber disso. Mas ela disse que você não conversa muito. Isso nem se parece com você, cara. Seria uma grande perda para o mundo se você ficasse emburrado num canto o dia todo.

Embora não tenha voltado para casa desde que começou o semestre, recebi uma carta de Sandy Cross com um bocado de notícias sobre o pessoal de lá. (Será que os sacanas vão censurar esta parte? Aposto que lêem toda sua correspondência.) Sandra resolveu não se matricular na faculdade este ano. Está simplesmente matando tempo, esperando que aconteça alguma coisa, acho. A propósito, saí com ela umas duas vezes no último verão, mas ela me pareceu meio distante. Ela me pediu para dizer "oi" pra você, de modo que "oi" de parte de Sandy.

Talvez você saiba o que aconteceu com Chiqueiro. Ninguém na cidade pode acreditar nisso, sobre ele e Dick Keene (a parte seguinte foi censurada desde que, possivelmente, poderia perturbar o paciente), de modo que nunca se sabe o que as pessoas podem fazer, certo?

O discurso de Carol Granger na formatura foi publicado na revista Seventeen. Segundo me lembro, o tema foi "O Auto-Respeito e uma Reação Normal ao Mesmo", ou qualquer outra agradável baboseira. Nós teríamos nos divertido ás pampas redigindo esse discurso, não, Charlie?

Oh, sim, Irma Bates está saindo com algum "hippie" de Lewiston. Acho que participaram mesmo de um protesto quando Robl. Dole veio fazer campanha em Portland durante a campanha presidencial. Foram presos e depois soltos quando Dole

deixou a cidade. A sra. Bates deve andar histérica a esse respeito. Você pode imaginar Irma tentando quebrar a cabeça de Robt. Dole com um cartaz de Gus Hall? Ah-ah-ah, isso simplesmente me mata de rir. Nós dois iríamos também rir um bocado com isso, Charlie. Deus, às vezes sinto uma falta danada de você.

Grecie Stanner, aquela frangota bonitinha, vai casar e isso também constitui sensação local. Dá pra fundir a cuca. (A parte seguinte foi censurada, desde que, possivelmente, poderia perturbar o paciente.) De qualquer modo, a gente nunca pode saber que tipo de palhaçada as pessoas vão fazerem seguida, certo?

Bem, acho que isto é tudo, por hora. Tomara que o estejam tratando bem, Ferd, desde que você tem que sair daí logo que deixarem. E se começarem a permitir visitas, quero saber para ser o primeiro da fila.

Há um bocado de nós torcendo por você, Chalie. Torcendo pra valer.

As pessoas não esqueceram. Voçê sabe a que quero dizer.

E tem que acreditar nisso.

Com amizade, seu amigo,
Joe McK.

CAPÍTULO 35

NÃO TENHO TIDO PESADELOS há quase duas semanas. Armo um bocado de quebra-cabeças. Dão-me creme, que odeio, para comer, mas como, ainda assim. Eles pensam que eu gosto. De modo que, novamente, tenho um segredo. Finalmente, tenho um segredo outra vez.

Mamãe enviou-me o anuário da escola. Não o desembrulhei ainda, mas talvez faça isso. Talvez na próxima semana. Acho que poderia olhar para as fotos de todos os formandos e não tremer nem um pouquinho. Antes de muito tempo. Logo que eu consiga me convencer de que não haverá listras pretas de tinta em suas mãos. Que as mãos deles estão limpas. Sem tinta. Talvez, na próxima semana, eu me convença inteiramente disso.

A respeito do creme: é apenas um pequeno segredo, mas ter um segredo faz com que eu me sinta melhor. Novamente como um ser humano.

Este é o fim. Vou ter que desligar a luz agora. Boa noite.